

PELA GREI



UM

QUARTO DE SÉCULO

1932

1957

J.T.

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro

Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4515

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
— VISADO PELA CENSURA —
— AVENÇA —

UMA SAUDAÇÃO A GUIMARÃES QUE NÃO CHEGOU A SER DITA

O nosso querido amigo Sr. Dr. Nuno Simões esteve, há poucos anos, para realizar em Guimarães uma conferência que, depois e por motivos estranhos à sua vontade não chegou a efectivar-se. Para o nosso número de aniversário em que costuma colaborar, mandou-nos ele as

palavras de introdução à conferência que não chegou a dizer e que, a seguir, inserimos:

«Minhoto e vosso vizinho aqui do lado como sou, tenho na vossa terra um dos alvos afectivos das minhas saudades de moço. Nelas a vejo carregada de história e ao mesmo tempo tão pujante de progressiva actualidade. Sinto-a acumulando uma longa tradição de trabalhos rurais com a dum paralelo labor de mestrais e artífices, depois ampliado para uma vasta indústria mecânica e fabril. Admiro-lhe a fama intelectual vinda dum vasta galeria de varões ilustres: Gil Vicente, o genial lavrante do ouro e da ironia; Martins Sarmiento, o arqueólogo de projecção mundial; Alberto Sampaio, o mestre da nossa história social; o Abade de Tagilde, grande pesquisador e reconstrutor da época medieval; Abel Salazar, raro e polimórfico talento de escritor, de investigador e de artista; Moreira de Sá, musicólogo de estirpe, criador e divulgador ao mesmo tempo; Alfredo Pimenta, que fez da história um permanente duelo com os seus pares; João de Meira, homem de ciência e de letras, e continuada presentemente pela fila de investigadores, escritores, poetas e artistas que aí, estão, reunidos na vossa casa da pré-história, da história, das letras e das artes, em que tantas coisas valiosas e belas se guardam para a curiosidade, o respeito e a devoção dos que estudam a árvore, desde a raiz, para melhor lhe preservarem a vida, as folhas, as flores, os frutos e até a sombra benfazeja.

Guimarães contribuiu largamente para a formação do meu espírito e da minha cons-

(Continua na 2.ª página)

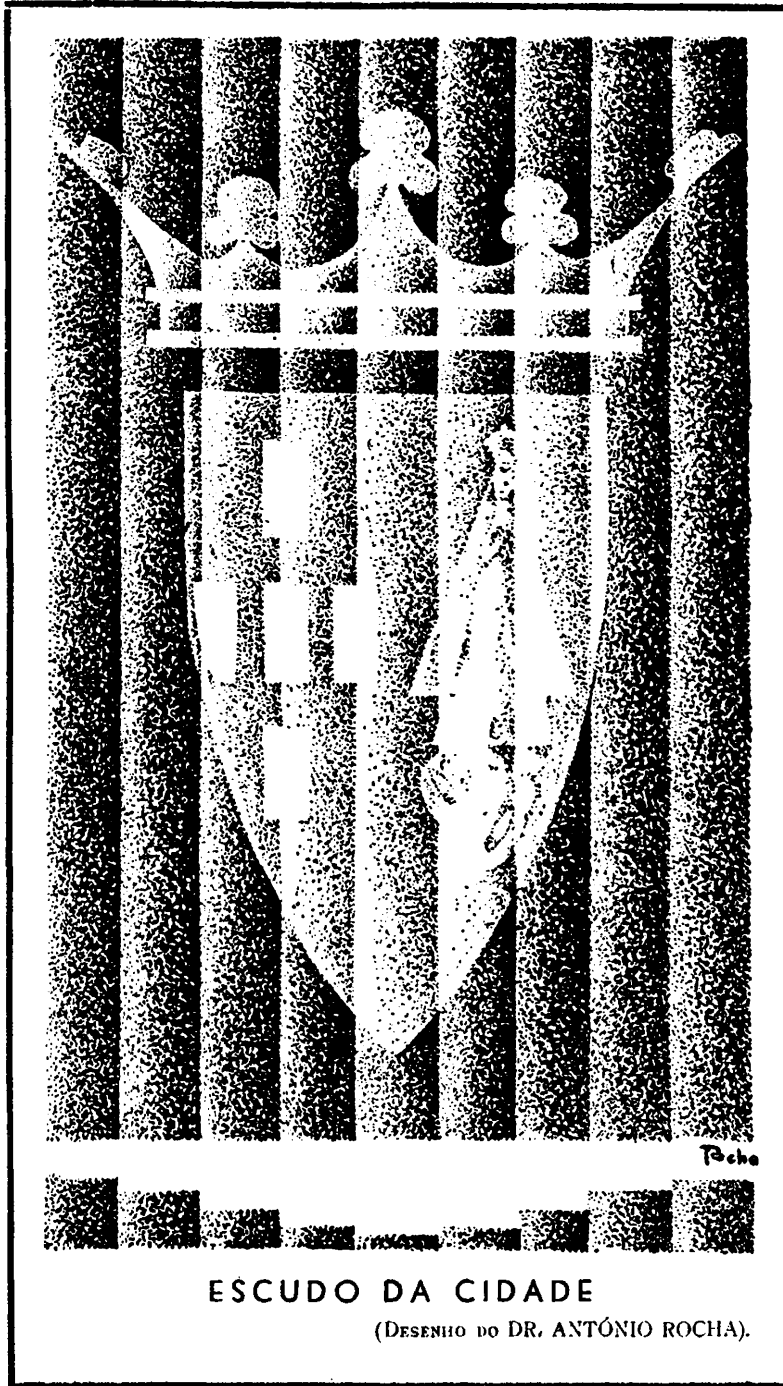
A COLABORAÇÃO DO PRESENTE NÚMERO

Valiosa colaboração que o presente número do nosso jornal encerra, é distribuída pelas suas páginas consoante a conveniência de paginação.

São colaboradores do presente número as Ex.ªs Senhoras: Dona Aurora Jardim, Dona Isaura Correia Santos, Dona Virgínia Nuno Vilar, Zita de Portugal e os Ex.ªs Senhores: A. Garibaldi, A. L. de Carvalho, Alexandre Teixeira, P.º Alexandrino Brochado, Anibal Mendonça, António A. Almeida Ferreira Júnior, Rev. Dr. Aurélio Fernando M. Pereira, Aurélio Ferra, Dr. Américo Durão, Coronel António de Quadros Flores, Dr. Bartino Daclano, Dr. Carlos Saraiva, Delfim Guimarães, P.º Domingos José da Costa Araújo, Domingos Ribeiro, Dr. Eduardo d'Almeida, Dr. Elísio de Vasconcelos, Francisco Armindo Pereira da Costa, Dr. Isaias Vieira de Castro, Jerónimo de Almeida, Dr. Joaquim Correia da Costa, Prof. Joaquim Martins Lima, P.º José Carlos Alves Vieira, P.º José Carlos Simões de Almeida, Eng. José Clemente Dias Pereira, José Gualberto Freitas, José M. Pinto de Almeida, Dr. José Pinto Rodrigues, Dr. Júlio Soares Leite, Manuel Alves de Oliveira, P.º Manuel de Matos, Prof. Mário de Sousa Meneses, Dr. Nuno Simões, Salvador M. Araújo Dantas, Simão Neves e T. Mendes Simões e o nosso solícito correspondente de Covas.

Colaboram também, artisticamente, os Ex.ªs Senhoras: Prof. Abel Cardoso, Dr. António Rodrigues da Rocha, António de Sousa Lima e Prof. Joaquim Teixeira, autor da capa do presente número.

Publicam-se algumas entrevistas e um breve inquérito feito junto de diversas individualidades que prontamente acederam a dar-nos as impressões que lhes sollicitámos e que vão ler-se em algumas das páginas que se seguem.



ESCUDO DA CIDADE
(DESENHO DO DR. ANTÓNIO ROCHA)

O JORNAL É UMA CARAVELA

QUANDO uma pessoa faz anos, é motivo de alegria. Mas há sempre uma pequenina nota de tristeza: mais um, menos um!

Com o aniversário de um jornal, o caso é diferente: haverá sempre quem o continue.

Quanta ideia bela um jornal insere em anos e anos de existência! Quanto bem terá feito e quanto alívio terá levado aos que sofrem e imploram o seu auxílio... quanta

obra de arte haverá glorificado... quanto poeta immortalizado!...

Este querido *Notícias de Guimarães*, levando ao leme a sensibilidade e a devoção de Antonino Dias de Castro, é uma formosa caravela vogando sobre mar de cristal e com a Cruz de Cristo esmaltada nas velas patrioticamente lusitanas.

Parabéns! Afectuosos parabéns de

AURORA JARDIM.

OS PEQUENOS JORNAIS DA PROVÍNCIA

Por ISAURA CORREIA SANTOS.

É sempre com os braços amistosamente abertos que recebemos os pequenos jornais — desses gerados e dados à luz longe das grandes cidades, longe das turbas, longe dos fervilhantes centros onde a família parece mais dispersa, menos unida.

Esses pequenos jornais da província, sendo pequenos no tamanho são bastas vezes uns gigantes, mais suculentos e vigorosos do que grandes diários de uma e de outra metrópole. No seu todo, de uma maneira geral, encerram maior sinceridade, maior sacrifício — predicado que se não deve esquecer e menosprezar —, e quantas vezes a alma crepitante de prosadores, poetas, jornalistas, desconhecidos nos meios literários e jornalísticos de renome, mas de grande garra na inteligência, no raciocínio, nos ideais, no carácter! — por vezes maior, sim, do que a de alguns outros prosadores, poetas, jornalistas, cujos trabalhos são ventilados em vistosas parangonas na chamada Grande Imprensa.

Indubitavelmente que os jornais da província têm vinculado mais fundo — na generalidade, repetimos —, o interesse regionalista, o interesse em bem servir a sua Terra e o povo. Repare o leitor que não focam escândalos — ao contrário de grandes jornais e revistas desse mundo por aí fora com mira no lucro de volumosas tiragens. Trazem a lume, com raras excepções, o que possa sanear, construir, pôr bem ao alto as causas para que valha a pena viver em prol da Pátria e da sociedade.

E a pequena Imprensa, ainda, que está sempre pronta a publicar de bom grado artigos doutrinários, artigos de ordem social no seu lato significado de bem-fazer. E na pequena Imprensa, vejamos, que as campanhas profiláticas

sob vários aspectos têm geralmente o seu curso buscando o e o solução.

Vem todo este exórdio a propósito do *Notícias de Guimarães*; que é bem um herói entre os heróis da Imprensa da província. Este benquisto paladino que muito se salienta entre os *pequenos Grandes* da

(Continua na 2.ª página)

A NOSSA HOMENAGEM

RENDEMOS preito da mais sentida e sincera homenagem a todos quantos foram colaboradores deste jornal mas que a morte levou já, e cujos nomes aqui queremos deixar arquivados com a nossa profunda saudade:

Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio, João Serafim Ribeiro, Euclides Sotto Maior, Dr. António Coelho da Mota Prego, Dr. Alfredo Fernandes, Dr. Alfredo Pimenta, Dr. João Antunes Guimarães, Dr. Manuel Monteiro, Luís Filipe Gonçalves Coelho, P.º Alberto Gonçalves, Professor Godinho, Eugénio Vaz Vieira, P.º Silva Gonçalves, Dr. Jerónimo Rocha, José de Sousa Roriz, António Leão Martins, Dr. João Aires de Azevedo, António Vilaça, Major Alberto Margaride, João Carlos Vieira de Andrade, Dr. A. A. Magalhães e Silva, Dr. Joaquim Costa, Mons. João António Ribeiro, Dr. José Joaquim de Oliveira, Prof. António José de Oliveira, Domingos Duarte de Araújo Dantas e José Manuel da Costa.

VÁRIA

Os 25 anos do "Notícias de Guimarães"

POR amarga e paradoxal ironia é agora, quando velha e sofrida experiência da vida me dava matéria e seriedade, que «o ter de escrever» se me tornou da mais dramática e angustiosa perplexidade, quase impossível de vencer. Custa-me, dói, ter de o confessar publicamente, mas devo a mim próprio o dever de o fazer. Pois, também, poucas vezes, embora sempre mais acentuadamente, tanto como desta feita o senti, acabrunhado, mas sem forças já de me revoltar contra mim mesmo até conseguir o auto-domínio. Amigo como sou do Antonino, dando como dou justo apreço ao corajoso esforço de tantos anos já para manter fiel este semanário ao programa de a bem de Guimarães que lhe traçara, sabendo como sei directa e pessoalmente quanto representa

esse esforço que se não vê de abnegação e carácter persistente, magnífico ensejo era este para, neste meu querido cantinho do *Notícias de Guimarães*, larga e longamente dissertar sobre jornalismo e em especial sobre o provinciano. A isso me impelia, e até com alvoroço, a missão, que nesta hora do maior perigo em que nos deixamos cobardemente afogar lhe compete. Por um lado. Por outro não me faltam recordações pessoais de noites de trabalho vividas nas redacções de grandes e pequenos jornais. De jornalistas e de episódios da vida jornalística. Entre eles alguns vimaranenses, bem dignos de memória. E ainda mais por ter até mesmo o vício de ler e reler e folhear a cada passo colecções dos nossos semanários, onde afinal

(Continuação da 2.ª página)

"NOTÍCIAS DE GUIMARÃES"

(NO 25.º ANIVERSÁRIO)

Ao Antonino Dias com um abraço extensivo aos seus colaboradores.

Honrou do berço nobre; os pergaminhos,
Em vinte e cinco anos de fulgor.
Apóstolo do bem, andou caminhos
Rompendo trevas, no maior fervor!

Asa estendida sobre os pátrios ninhos;
Os zela e guarda, com um grande amor.
Em voos d'água, rota de carinhos,
Seu nome exalta como vencedor.

E Guimarães, a mãe agradecida
Deseja-lhe que tenha longa vida;
Em sua glória, plena e triunfal!

Que não se encontre mais com desenganos...
— Alegres dias, goze muitos anos...
E, sempre belo e moço, até final!

ELÍLIO DE VASCONCELOS.

Um verdadeiro jornal independente

É com sincero prazer que me associo à festa de aniversário do *Notícias de Guimarães*; um magnífico baluarte da política regionalista, dirigido desde sempre com rara probidade e ainda — o que não é nada corrente verificar-se na Imprensa da Província — com um vivo sentido profissional.

Os serviços que tem prestado a todo o concelho excedem largamente aquilo que é costume esperar-se de um semanário de proporções limitadas e horizontes exíguos. Fiel ao seu programa inicial — e decerto isso lhe há-de ter provocado amarguras; decepções e até hostilidades — não há dúvida de que o *Notícias de Guimarães* se transformou rapidamente num órgão sério, autorizado, corajoso, que não nega a sua colaboração a quaisquer iniciativas de interesse local, venham elas de onde vierem,

mas que discute a sua oportunidade e escolhe prudentemente os termos em que ela deve ser prestada. Esta isenção e esta consciência de servir merecem destaque, dado que são hoje atributos excepcionais ao longo de quase toda a chamada pequena Imprensa, a qual, por via de regra, publica obedientemente tudo quanto lhe impigem, sem separar o joio do trigo.

Na informação, na crítica de factos, acontecimentos e figuras, nas resenhas de carácter histórico e cultural, na presteza e no entusiasmo com que arma e preenche a sua tribuna, sem rastejar nem se mover por influências nefastas e dissimuladas, sopradas por intermédio da burocracia, do capitalismo, da religião ou das autoridades vigentes, este jornal é um verdadeiro e nobre exemplo de como ainda se pode entre nós agir e pensar.

(Continua na 2.ª página)

AO SERVIÇO DA GREI

PELO DR. CARLOS SARAIVA.

A Imprensa periódica, como órgão de informação e cultura, representou sempre na vida dos povos um sinal de acentuado progresso.

Nos grandes jornais diários ou nos pequenos jornais da província, a uns e a outros, vai a maioria do público fazer as suas leituras e delas colher ensinamentos proveitosos.

Assim é que, ao iniciar-se o dia, a primeira preocupação de cada um, é a do jornal.

Lê-se, febrilmente, nas suas letras maiúsculas e minúsculas e, dentro de poucos minutos, fica-se a saber tudo o que vai pelo Mundo.

E esse, não é só o que se espalha e alarga pelos cinco Continentes.

Há também o pequeno mundo que nos cerca e rodeia — aquele em que vivemos e onde fazemos a vida de todos os dias.

Embora reduzido, também tem o seu quê de interessante, de sensacional e imprevisto.

A pequena Imprensa — a Imprensa Regionalista — tantas vezes ignorada, na sua missão e na sua obra, afirma-se, contudo, como factor de elevação e de engrandecimento dos meios em que faz a sua aparição. Ela equaciona os problemas mais importantes e mais urgentes, discute-os, agita-os e mostra a vantagem de realizações indispensáveis ao progresso e elevação do nível de vida das suas populações.

Além disso, é cartaz que leva o nome duma terra a toda a parte.

GAZETILHA

25 ANOS ARANDO...

... Ao fim da tarde cansada
o cavador larga a enxada
e abraça a várzea fecunda...
No ar morrem brandos sons;
e, a seara, em doces tons
de rosa e ouro se inunda...

Quanto trabalho, e canseiras,
para ajeitar suas leiras,
teve o lesto cavador!...
— Mas é grande a sua crença:
e p'ra sua fé imensa
a Terra sorri em flor...

Sente a vida percorrida,
numa estrada guarnecida
de cardos e roseirais...
— E aos braços diz, em segredo:
— Quero levantar-me cedo,
e amanhã cavarei mais!...

Nas colunas do Notícias
deram flor minhas primícias,
há tantos anos rodados
que dizer não saberei
se por eles eu passei,
ou por mim foram passados...

Um quarteirão de caminho
tem o Jornal de carinho,
jundo amor à nossa Terra:
se nem sempre foi risonho,
não esmoreceu o Sonho,
que em Sonho a Vida se encerra!...

Ao Amigo Director
eu saúdo, com fervor,
e também aos veteranos.
E, como nos «Reis» de então,
do róseo Passado meu,
bradarei do coração:
— Vivam, e por muitos anos!...

... E que os conte também eu...

ORTIGAO.

Carta a uma Senhora

Minha Senhora:

Se Vossa Ex.^a se interessa, como suponho, pelas prosperidades de Guimarães, igualmente lhe deverá interessar o facto deste Jornal comemorar as suas «Bodas de Prata» no próximo dia 11. Com certeza que, como eu, não considera isso um acontecimento banal, sobretudo se fizer uma ideia dos sacrificios e das contrariedades que sempre acompanham a manutenção de um órgão da pequena Imprensa, como é o *Notícias de Guimarães*. Pois são esses sacrificios e essas contrariedades que, no presente caso, mais valorizam a força de vontade e o dinamismo do Director do referido Jornal, responsabilidade que assumiu com a única intenção de ser útil à sua terra e não com vista em interesses materiais, pois que, se assim não fosse, não teria chegado à meta dos 25 anos, ou melhor, teria morrido pouco tempo depois de ter nascido.

Porém, tem-se mantido de cara levantada e a projecção da sua existência tem-se feito sentir em vários assuntos de natureza bairrista, assim como noutros ligados à actividade do cérebro, à sentimentalidade do coração e à sensibilidade da própria alma. Por isso, o *Notícias* está de parabéns e oxalá que nos dê a satisfação de o lermos durante muitos anos.

Janeiro de 1957.

De V. Ex.^a C.^o Vr. e Ob.^o
X.

UM VERDADEIRO JORNAL INDEPENDENTE

(Continuação da 1.^a página)

sar com independência, para além de compromissos e transigências.

Os seus 25 anos de actuação representam um admirável somatório de sacrificios de vária ordem, (naturalmente aceites com o júbilo e a devoção de quem cumpre um dever imposto pelos seus próprios sentimentos) mas a personalidade moral e intelectual do seu Director não teve que ceder nem apagar-se ou diminuir-se para atravessar esse difícil período de defectível presença e de ousada afirmação. Defendendo vigiantemente as aspirações legítimas da sua terra e apontando as suas imperiosas necessidades, ao sabor de um bairrismo vibrante e esclarecido, não traiçou os seus ideais mais íntimos nem se vendeu por esse miserável prato de lentilhas agora tão disputado.

A glória do *Notícias de Guimarães* está exactamente, quero crê-lo, na sua alta noção dos direitos e das responsabilidades que a Imprensa, e não importa a sua estatura, deve firmemente reivindicar para o seu trabalho e para a sua missão a um tempo infor-

OS PEQUENOS JORNAIS DA PROVÍNCIA

(Continuação da 1.^a página)

presentemente as suas Bodas de Prata. Vinte e cinco anos! — é bem já uma grande vida de glória, porque gloriosa é uma carreira que não sai do seu objectivo, que se não desvia da directriz que lhe impuseram ao nascer, embora à custa de sacrificios, de desgostos, por vezes, e até do desamor daqueles que não amam o equilíbrio entre dois extremos — a que chamaremos *virtude* tendo na mente, com a devida consideração, a sábia máxima latina que nos afirma *in medio stat virtus*.

Nesta data tão festiva para esse semanário vimezanense que nos habituámos a ver como um parente, um amigo, que tem sempre algo de novo a dizer-nos, talvez mesmo a ensinar-nos, associamo-nos, de todo o coração, ao seu Director, Sr. Antonino de Castro, que tanto lhe dá das suas energias, da sua bondade, da sua vida, da sua alma, enfim, com o carinho e desprendimento material que damos a um filho que trouxemos ao mundo e guiamos zelosamente, passo a passo, buscando para ele caminhos de sol e arminho, se possível, caminhos edificantes que fiquem, desbravados, para outros que venham, que prossigam, que venham de novo, que marchem, na roda contínua da vida...

... ainda, vivamente nos associamos, nestas Bodas de Prata, a todos os colaboradores do *Notícias de Guimarães*, desde os primeiros de há vinte e cinco anos até aos novos, desde os mais ricos no saber aos mais pobres (sempre ricos desde que sejam sinceros, bem intencionados, fiéis às suas convicções, firmes no caminho que haja encontrado de modo a poder dar-se à Imprensa e ao Público sabendo o que podem, ou, pelo menos, o que *querem* na esfera do que possa alimentar a Terra e o homem no que diz respeito ao pão do espírito e ao do físico).

Final, não só nos associamos ao Director do *Notícias de Guimarães* e aos seus colaboradores, não. Pomos também os olhos nos amigos deste Jornal em festa natalícia — e muitos eles são, cremos bem, porquanto um probo defensor da Terra e do Povo merece o apoio e a amizade de todos os homens de boa vontade.

Todos unidos, pois, abracemos o *Notícias de Guimarães*, exclamando, entretanto: «Parabéns, e avante, de melhor em melhor!»

ISAURA CORREIA SANTOS.

mativa e educativa. Cooperar é uma coisa; abdicar e entregar-se é outra. E toda a obra de propaganda e de proselitismo em torno de um objectivo regionalista se pode levar a cabo sem se ferir a sensibilidade nem molestar a inteligência, como aqui, nestas colunas, convincentemente se tem demonstrado.

Braga, 9 de Dezembro.

ANIBAL MENDONÇA.

UMA SAUDAÇÃO A GUIMARÃES

(Continuação da 1.^a página)

ciência. Devo-lhe uma espécie de carinho filial.

Aqui passei cinco anos da minha juventude, os melhores, os mais despreocupados e, ao mesmo tempo, os mais ansiosos e receptivos e os que mais gratas recordações me deixaram.

Como escolar demorei aqui mais tempo do que no Porto e em Coimbra em que completei os meus estudos do liceu e me bacharelei célere, pelas imposições e necessidades do trabalho que me esperava, imperativo e urgente.

Foi com os Senhores Cônegos da Colegiada que estudei e aprendi. E não houve, nos liceus de Portugal, professores mais insignes nem quem ensinasse melhor o muito que sabia.

Evoco-os a todos na figura magra e ascética e na luminosa irradiação de sábio e de santo do Cônego Pedro Gonçalves Sanches (não lhes soa a cátedra universitária, este nome?) e na compleição anafada e quase regalista em que se abrigou um dos mais brilhantes espíritos polémicos do nosso tempo: o Cônego José Maria Gomes.

Deles vive ainda, o Sr. Cônego Alberto Vasconcelos (1), a cuja veneranda e distinta figura de verdadeiro homem de sociedade, daqui envio as minhas homenagens respeitadas.

Dos poucos mestres civis desse tempo um prosegue ainda também a sua faina de artista e de bairrista: José de Pina, o querido e indulgente mestre e amigo que tem passado toda a sua vida a apagar-se para que os outros, estudantes, mestres, artistas, simples conterrâneos, refuljam e com eles refulja a sua terra que ninguém amou mais do que ele, com a paixão da sua sensibilidade e os ardores da sua alma boníssima.

Enternecidamente o abraço, mais uma vez e que por muitos anos o faça!

Evocando os mestres, grato me é evocar também os rapazes do meu tempo, — onde isso vai! — os que andaram comigo por aí e depois encontrei pela vida fora, no Porto e em Coimbra, na actividade profissional e no serviço público, durante os quarenta e tantos anos que correram já sobre a minha saída do velho Seminário-liceu.

A todos abraço neste ensejo, para mim tão grato, que agradeço à Vereação de Guimarães ter-me criado.

Com gosto vim para esta hora de convívio convosco, no ambiente de ideias e realidades económicas que a exposição do labor concelhio sugere.

Vereis que o meu tema é árido como as cifras e as anotações que nelas cabem. E perdoar-me-eis que não fosse minha preocupação vir sómente fazer-vos o louvor das vossas virtudes de iniciativa e de trabalho — tão eloquente e sugestivamente aqui documentados, — e alinhar, para isso, os números por que tais méritos honrosamente se exprimem.

Não o faço até pelas dificuldades que há em se poder, em pouco tempo, consegui-los.

A recolha e o apuramento dos números estatísticos de minúcia são sempre lentos e deficientes. E só alguns poucos referirei, antes de entrar na minha comunicação.

Tendes razão para vos orgulhades de serdes o concelho mais populoso do distrito, mais do que o da sede.

O vosso aumento demográfico médio anual, no decénio 1940-50, foi o mais elevado

(1) O Cônego Alberto Vasconcelos faleceu em Setembro de 1953.

de todos os concelhos: 50 % mais do que o de Famalicão e mais de 100 % do que o da sede do distrito.

A vossa população activa, de mais de 12 anos, era não só a maior do distrito mas representava 17,4 % da de todo o concelho e mais de 1 % da de todo o continente.

Pelo último *Anuário Industrial* publicado, foram arrolados no vosso concelho 337 estabelecimentos industriais em actividade.

Desses, 292 eram de transformação de algodão e outras fibras. Os outros eram de malhas, curtumes, confeitaria e salsicharia.

Mas quantos, quantos mais e não só de indústria doméstica ficaram fora do arrolamento!

Eram quase 9.000 os vossos operários têxteis que percebiam anualmente uns 50.000 contos de salários.

Na população operária têxtil da Metrópole cabiam-vos quase 18 % e na retribuição dela eram vossos 16,1 %.

Pagáveis ao Estado — dilo o *Anuário das Contribuições e Impostos de 1951* —, em contribuição industrial mais do que qualquer outro centro industrial do País, com excepção de Vila Nova de Gaia.

O que os vossos industriais e comerciantes, por essa via tributária pagaram para a sustentação do Estado, representou 2,1 % da arrecadação em todo o Continente, 35,9 % em toda a província do Minho e 42,3 % no distrito de Braga.

Para que referir mais números? Os que citei se devem dizer alguma coisa à inteligência orgulhosa da grei vimezanense, não devem dizer menos ao apreço da Nação e à compreensão do Estado.

E bem preciso é que esse apreço e essa compreensão se conjuguem para, nos quadros do trabalho e da riqueza nacional, quem melhor ocupa o seu lugar a ser respeitado, estimulado e beneficiado.

NUNO SIMÕES.

NOS 25 ANOS DO «NOTÍCIAS DE GUIMARÃES»

(Continuação da 1.^a página)

está escrito o dia-a-dia da nossa história íntima, cidadina e social. Até em pequenas notícias domésticas e em anúncios. Que são muitos romances, dramas e comédias do mais variado tom.

Talvez disso mesmo, dada a extensão complexa do tema, me advenha o temor da imperícia em o enfrentar. E ao cabo de tantos dias em que me debato nesta absurda mas real tortura, cansada já da espera e generosa paciência do Antonino, desisto de o escrever e substituo-o, e isso muito afoitamente e do coração, pelas felicitações que daqui mando ao *Notícias de Guimarães* e a quantos nele trabalham e o fizeram o bom semanário que é na verdade.

EDUARDO D'ALMEIDA.

TIRO AO ALVO

(Nas Bodas de Prata do Notícias de Guimarães)

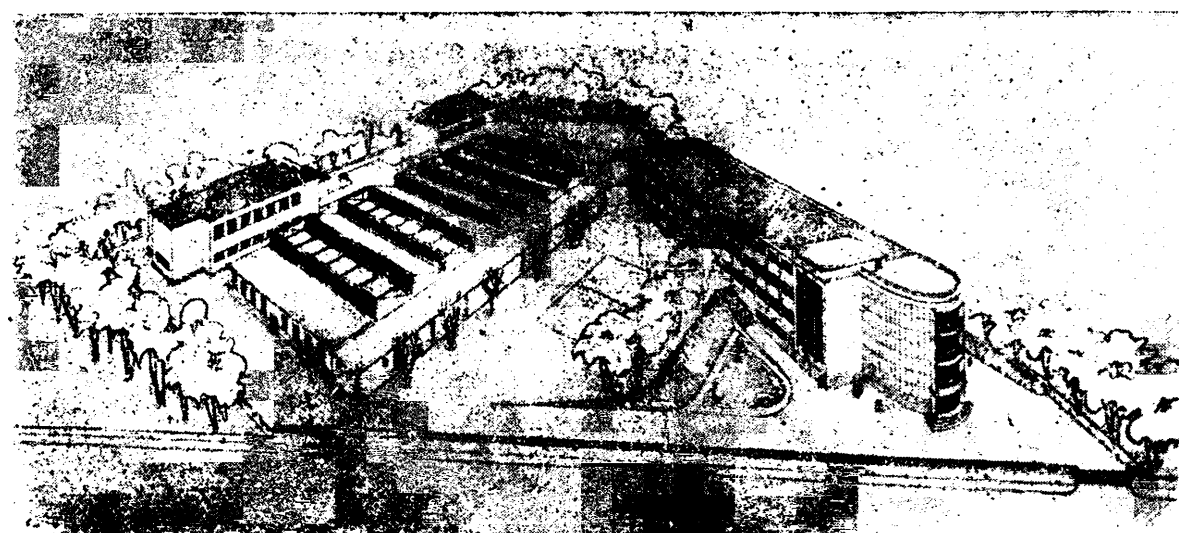
Desde há muito, que um sonhar,
Certa vontade prendia,
Não deixando sossegar
Quer de noite, quer de dia,

Quem de alma e coração
Terra e Grei servir queria.
— E um dia surgiu então
Um Jornal a luz do dia,

Pra sua missão cumprir.
— Dificuldades sem fim? —
Ledo Papiro a florir,
E os anos passam, enfim...

Meus sinceros parabéns
Dou ao «N. de Guimarães».

ALEX.



Projecto do novo Edifício da Escola Técnica, em construção adiantada já

Crónicas para maiores de 50 anos

TRIBUNAIS

XXIX

Janeiro, Notícias... cá 'stá o Norte, Pimpão e Século

ERA assim que um homem, há já uns sessenta anos, apregoava os jornais chegados no comboio da manhã, e que o papagaio da D. Rosa parteira, ali no Largo de S. Tiago, perto da nossa casa, procurava arremedar.

O *Janeiro* que a minha Avó, atrás do balcão da sua oficina de sirgueira, lia com a sua luneta de aros de metal, e presa a um cordão, e apreciava principalmente a carta de Lisboa do Dr. José de Alpoim.

Aquele artigo era lido compenetradamente, palavra por palavra e ideia por ideia, que o Dr. Alpoim escrevia claramente para os simples, e para toda a gente, e tanto se insinuava no espírito do leitor que a minha Avó, tirando a luneta e tocando com ela o artigo, dizia: — muito bem escreve este homem! só fala a verdade e é assim mesmo como diz — embevecida com o seu Chefe político; que a minha Avó inclinava-se para os progressistas, de cujo partido era um dos elementos mais influentes, na Freguesia da Oliveira, o seu genro, Gaspar da Cal, façanhudo e possante homem, que seria capaz de armar em caceteiro se as eleições fossem renhidas, nos bons tempos das pitorescas e, porque não dizê-lo, verdadeiras eleições.

O *Janeiro* de que era correspondente em Guimarães o capitão Infante, que mencionava entradas e saídas das pessoas da sociedade, festas e aniversários e acontecimentos importantes em prosa altissonante, tanto que, creio que no relato do crime do Zezinho de Cegade, teve esta imagem tenebrosa: — Que maus fígados abriga aquele coração!!!

E pena foi, além de outras considerações sentimentais, que a minha Avó não durasse mais tempo para ler agora no *Janeiro* a «Carta de Paris», escrita pelo seu neto, Joaquim Teixeira, e, de longe a longe, na página literária do mesmo jornal os artigos do bisneto, José António Novais, poeta e escritor da antologia espanhola, e diria como outrora do Dr. Alpoim: — Que bem escreve este meu neto e lhe segue as pisadas o meu bisneto! — toda lisonjeada na sua descendência.

O *Notícias*, onde a primeira leitura era a do «Raspão», chistoso comentário aos acontecimentos no diálogo entre a sopeira e o *guita*, e eu lia o folhetim de capa e espada a «Ponte dos Suspiros».

O *Norte* já era leitura para as pessoas que se interessavam pela política porque era considerado jacobino, bem como o *Século*.

O *Pimpão*, semanário humorístico e ilustrado, era considerado inconveniente para a rapaziada, além de custar meio tostão, pelas ilustrações consideradas picantes na quele tempo, por apresentar mulheres pouco vestidas, mas muito mais convenientes do que certas gravuras que por aí se vêem nas revistas ilustradas, e até no jornais diários, a propósito de modas, concursos de beleza e de atrizes de cinema, que estas de agora considerariam as dessas gravuras do *Pimpão* como verdadeiras botas de elástico na apresentação da plástica.

Não falando, é claro, no cinema e suas peças que nem merecem já o menor reparo das pessoas pudibundas, como eram as do nosso tempo.

Os outros jornais andavam, mais ou menos, por este teor, e isto vem a propósito dos jornais vimaranenses, dos quais apenas conservo muito vagas impressões.

De um, e dos mais antigos, me recordo e era o *Vimaranense*, não sei por quem dirigido, colaborado e a sua feição política, no tempo dos partidos que suponho só terem sido dois — o progressista e o regenerador.

Devo dizer para vergonha minha que se passaram anos sem ter lido jornal vimaranense e só de certa altura em diante é que comecei a interessar-me pelos artigos do Dr. João de Meira, Padre Roriz, Albano Belino e outros no *Independente*, *Comércio de Guimarães*, *Imparcial*, e outros mais de que já não me recordo.

O *Independente* era, creio eu, administrador e editor o Albano Pires de Sousa com loja de mercearia na Sr.ª do Leite, em frente do Canário, do Henrique e da barbearia Machado, que tudo isso, e todos eles já desapareceram.

Na loja pegada ao Zé da Sola era a tipografia do *Imparcial*, composto e impresso pelo Marcos sempre ajudado na sua labuta de tipógrafo pela garrafinha do verde, que mandava comprar ou no Bravo, ou no Púcaro, isto é, onde fosse do «bô» e mais barato.

O pobre do Marcos, julgo que aos sábados, suava as estopinhas a puxar à alavanca de uma velha imprensa, ajudado por um garoto, e aquilo tudo parecia desarticulá-lo, e rangia, no esforço de deitar cá para fora as folhas impressas, e positivamente justificava o dito — gemiam os prelos — porque gemia o Mar-

cos e muito mais o prelo a cuja alavanca ele se agarrava.

E nós, que parávamos pela mercearia Barbosa, dizíamos-lhe — Eh! Marcos o trabalho é honra... — e o Marcos, coitado, estafado de puxar pela alavanca atirava-nos com uma bojarada a propósito daquela suada honra...

Viria a propósito citar alguns dos que faziam parte desse grupo de rapazes que tinham o seu quartel general no Barbosa, o que alongaria esta crónica, mas não resisto a lembrar o Veloso, Badoni Couto, Joaquim Dias, Agostinho Oliveira e Adriano Trepça com a saudade desses velhos tempos e desses bons companheiros.

Depois andei muitos anos por fora da terra e nesse intervalo apareceram vários semanários, dos quais só me lembram a *Avorada*, *A Velha Guarda*, *Ecos de Guimarães* e o *Conquistador*, *Gil Vicente* e outros.

Por fim assentei arraiais por perto de Guimarães e há uns 8 anos atrevi-me a enviar ao *Notícias de Guimarães*, fiado na benevolência do Antonino e do Luís Filipe Coelho, um artigo acerca de coisas do Sul de Angola.

Ao contrário do que calculava, a «coisa pegou», e tanto pegou que desde essa ocasião ando a abusar da condescendência do Antonino até que uns três ou quatro fiéis leitores, e velhos contemporâneos, me digam que estão fartos, me falte a memória ou o assunto.

Mas do que estou admirado é do *Notícias* só ter 25 anos de existência, pois fazia-o mais velho e isto é, ao contrário do que se diz às pessoas, um elogio.

Pelo seu desenvolvimento, pelo aspecto com que apresenta os assuntos palpitantes desta nossa terra, pelo destaque do noticiário regional e pela imparcialidade de tratar os problemas que interessam a todos, pelo seu apuro e correção, fazia supor uma vida mais longa e mais experimentada, e vê-se que singrou e consolidou a sua posição neste quarto de século que vamos vivendo.

Como se vê falei mais de outros assuntos do que do *Notícias de Guimarães*, que foi afinal o pretexto desta crónica, mas isso não quero dizer que o não estime, admire, respeite e lhe deseje uma longa vida, sempre na orientação que lhe tem dado o velho amigo Antonino.

Jugueiros — Felgueiras
20 de Novembro de 1956.

A. DE QUADROS FLORES.

ESTAS palavras — Palácio da Justiça — têm para mim um sentido especial, advindo de motivos compreensíveis e não desconhecidos dos meus conterrâneos ainda lembrados das séries de artigos em que propugnei pela acomodação dos serviços judiciais e conexos em lugar próprio, de modo a acabarem as vergonhosas actuais instalações num casarão em absoluto incapaz, como tantas outras adaptações de que Guimarães tem sido fértil, reveladoras, em grande parte, de desamor, inércia, desleixo.

Bem reconheço que em quase nada terão contribuído as minhas palavras para que os Poderes Públicos nos dotassem com a esplêndida construção que dentro de relativamente pouco tempo se erguerá na Praça de Mumadona.

Mas não me seja lançado à conta de desmedido orgulho ou jactância afirmar que muito me regozijo pela oportunidade

de ver o movimento da comarca superava o das outras com mais de um Juízo.

Em 5 de Fevereiro de 1950 afirmou: «tenhamos por certo que a criação dos dois Juízos, mais dia, menos dia, será um facto».

E foi. Outro motivo de parabéns. Simplesmente...

Simplesmente, após a criação dos dois Juízos, o movimento passou a ser cada vez maior, pelo que bem cedo se verificou — e hoje é flagrantíssima — a impossibilidade de eles lhe darem regular andamento.

Os ilustres Juízes que têm estado à sua frente honram sobremodo a Magistratura. Reúnem as qualidades e virtudes que devem exornar quem desempenha tão elevado múnus.

As circunstâncias que determinam a referida impossibilidade em nada lhes são

Como até agora, impossível. Ouve-se dizer que vai ser criado aqui um Círculo Judicial. Isto nem aquenta, nem arrefecha; pelo contrário, é de crer que ainda mais complicado.

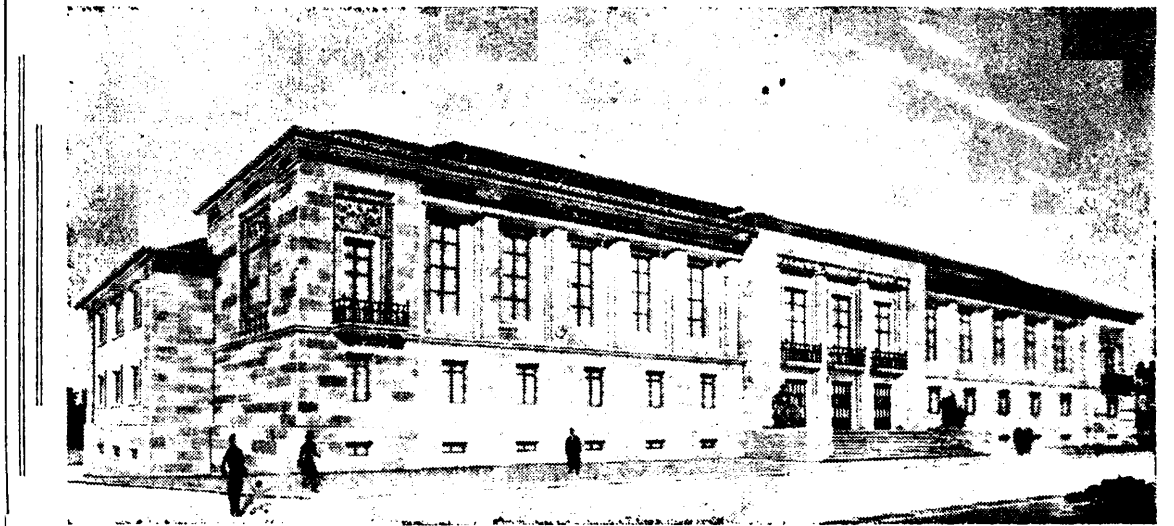
Ao Sr. Presidente da Câmara me dirijo para que, com a autoridade que lhe confere o seu cargo, no qual tanto tem brilhado, e a cooperação das chamadas forças vivas locais, pleiteie por esta causa.

Voltarei, se for necessário, ao problema.

Será mais uma campanha, que terá de ser vitoriosa.

Para dar uma ideia da importância que confiro à resolução deste problema, direi que a reputo de valor em nada inferior, por exemplo, ao da construção de qualquer edifício ou obra pública, por mais necessários que sejam.

No número deste jornal de 15 de Novembro de 1953 es-



O Palácio de Justiça de Guimarães em construção adiantada

e pela exactidão delas, a valorizar o meu contributo numas das mais valorosas campanhas deste jornal.

A alguns pareceu, em qualquer das fases da aludida campanha, em 1950 e 1953, que me batia por qualquer coisa irrealizável, tão acostumados andávamos, todos, infelizmente, a não vermos concretizadas as mais caras aspirações comuns.

Todavia, o sonho vai-se tornando realidade, uma realidade em tudo digna da nossa Terra e da solene austeridade que sempre deve revestir a administração da Justiça.

Estamos, assim, de parabéns.

Conjuntamente com a campanha pela construção do Palácio da Justiça, uma outra intentei: a da criação de um novo Juízo.

Demonstrei, então, com dados numéricos e razões perti-

devidas. Não podem humanamente fazer mais do que fazem.

Aliás, já em 1950 previ que assim viesse a acontecer, quando escrevi: «o movimento da nossa comarca exige, imperiosamente, a criação de mais um Juízo, e pode bem dizer-se que não daria grande descanso a três Magistrados Judiciais».

O que se passa a este respeito não é segredo para ninguém. Não o é, portanto, para quem de direito deve remediar o mal.

E o remédio tem de ser urgente, para prestígio da Justiça.

E é simples e fácil: basta que se crie, na comarca, um Juízo Criminal.

Desonerados os Juízos existentes dos processos crimes, que passariam exclusivamente para o novo Juízo, é provável que daqui a dois anos os serviços da comarca estejam normalizados.

crevi: «Desde há muito que no meu espírito germinava a ideia de discorrer em público sobre um assunto, de grandíssimo interesse local, cuja resolução se impõe, analisado por qualquer dos prismas a ter em consideração, e que pode consubstanciar-se assim: Guimarães deve ser dotada com uma vara do Tribunal do Trabalho e uma Delegação do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência».

Procurei demonstrar o asserto, que hoje tem de substituir-se por este outro: é preciso, é indispensável, que se crie um Tribunal do Trabalho, completo, em Guimarães.

Politicamente, nada pode haver que embarace essa criação, cuja necessidade é incondicionalmente reconhecida por todos os interessados.

Atente-se no valor económico das entidades patronais e no número de trabalhado-

(Continua na 5.ª página)

Amanhecer

Perpassa pela serra um ar gelado e fino; quase agreste. Indiferente exponho o rosto e subo olhando em frente num desafio audaz e tresloucado...

Tão perto do céu!... e páro. Estremunhado o Sol vem até mim... Mas mansamente... Supõe-me água, talvez... Rio contente... Tiritia ao longe o vale enregelado.

Triste e cinzento; humilde casario, campinas verdes a tremor de frio despi depressa esse roupão violáceo...

Nasceu o vosso rei! Cantai matinas gotas de orvalho já são gemas finas e cada casa humilde é um palácio!

Meio-Dia

Por sobre a serra o sol a prumo cai! O chão escalda! Queimal! é quase brasa... O vento fere, dói, calcina, arrasa... No espaço o eco sincroniza um ai!

Ao longe há névoa... Olho a ravina: atrai! Crepita o mato que o calor abrasa... Dilata-se a raiz... Cala-se a asa... Da rocha nua e linfa pura sai!

Eu olho o vale... Tremel e endoidado a virgem seiva entrega sem pecado ao sol que a beija e morde a procriar

Erguem-se os dorsos. O suor escorre... Descansa a enxada. A sombra esvai-se... morre... A hora é tua, ó Pulcra luz Solar!

Entardecer

Ascende à serra o ritmo dos sons. Beethoven e Ravel, Liszt e Chopin... Maestro o vento. Executante Pan... Acordes e bemóis em vários tons

Escuto-os concentrada... E sinto os dons que a ti acodem numa orgia sã, terra fecunda, mística e pagã Amálgama de vermes e agentes bons!

Eu olho o vale... Aquietou-se calmo Seu palpitar agora é como salmo ao deus Apolo que o frutificou...

E a noite desce... Cai... O meu rosário! Serra bendita! Mãe! és o sacrário do Homem crente que o teu chão gerou!

Afirmção de presença

NINGUEM ignora o papel importantíssimo que a imprensa desempenha na formação dos povos, seja qual for o aspecto sob que se encare essa formação. O poder extraordinário dessa força conhecia-o muito bem o Papa quando afirmava preferir a pena do grande jornalista Luís Veuillot a um poderoso e forte exército em linha de batalha.

Todos nós sabemos que as grandes revoluções que têm agitado o mundo são precedidas das lutas e das convulsões dos espíritos. Quando o senador Naquet propôs no parlamento francês a lei do divórcio não encontrou dificuldades de maior para obter a sua aprovação. E que o ambiente já estava preparado com as campanhas da imprensa e com as obras de Dumas (Filho) e outros escritores da mesma índole. Vem estas considerações a propósito das bodas de prata do nosso querido *Notícias de Guimarães*, arauto e defensor intemerato dos legítimos interesses de Guimarães, paladino de nobres e belíssimas campanhas. Vinte e cinco anos de lutas ardorosas é muito na vida dum homem ou duma instituição.

Notícias de Guimarães tem sabido combater com denodo. Quando se trata de defender interesses da sua terra surge sempre como um gigante brandindo uma espada. Eis porque o admiro. Eis porque neste momento de festa quero saudá-lo na pessoa do seu ilustre director e levar-lhe a minha afirmação de presença amiga e colaborante. *Notícias de Guimarães* é um jovem ainda. Talvez tenha já cicatrizes da batalha, mas o espírito que o anima é o dum mancebo valente e ardoroso que está disposto a lutar sem desfalecimentos.

Nunca como hoje houve uma necessidade imperiosa de mobilizar todas as forças do bem contra as do mal. *Notícias de Guimarães*, é, sem favor, um paladino do bem e um arauto dos valores do espírito. Nunca como hoje a liberdade esteve tanto em perigo de ser totalmente esmagada. A nação húngara é um pregão de desespero lançado ao mundo da liberdade através duma janela estreita da «cortina de ferro».

No ano de 1224 dava-se a invasão tártara. Podemos com propriedade dizer que foi a primeira *Cortina de Ferro* que surgiu entre o mundo ocidental e a Rússia.

Precisamente quando no ocidente S. Tomás de Aquino e S. Boaventura se entregavam ao ensino, S. Francisco de Assis e S. Domingos pregavam o evangelho; quando as próprias pedras não ficavam insensíveis e se erguiam em catedrais góticas quando florescia a cultura medieval — os conquistadores baixavam esta primeira *cortina de ferro* e a Rússia ficou privada da influência da civilização ocidental. Só ao findar do século XVII, a Rússia abriu de novo um bocadinho as suas janelas ao mundo ocidental, um mundo que infelizmente já tinha perdido a sua unidade cristã. Pedro o Grande em 1697 começou a percorrer a Europa.

Os camponeses diziam: partiu Pedro o Grande e regressou o Anti-Cristo. A corrente subterrânea de niilismo, do anarquismo e do ateísmo começaram a preparar uma revolução dinâmica.

O segundo contacto de grande importância entre a Rússia e a Europa teve lugar 200 anos mais tarde quando a Alemanha, pela voz de Carlos

Marx deu ao mundo a filosofia comunista. Em 1917 Lenine ao fugir levava consigo os livros de Carlos Marx. Pouco depois estalava a revolução.

Sempre a Rússia manteve um desejo nítido de dominar a Europa. Em 1814 Alexandre I alimentou a ideia de que a Europa ficaria sob o domínio russo.

Alguns historiadores afirmavam que as campanhas napoleónicas na Rússia constituíam uma tentativa para sustentar esse domínio no mundo. Quando a Rússia se apossou dos Dardanelos, — afirmou Napoleão — o velho mundo será escravizado e a liberdade irá refugiar-se nos Estados Unidos da América. Os bolchevistas substituíram o magnífico espírito de fraternidade, transformando o universalismo em imperialismo e o profundo sentimento do mundo unido pelo amor na tirania do mundo separado pelo ódio. O imperialismo comunista tem sido aplicado em tal escala que actualmente meia Europa é vítima da foice e do martelo. Os comunistas perverteram e transformaram a noção de fraternidade em imperialismo universal, negando a Deus, a moral e a consciência.

O Cardeal Mindzenty, primaz da Hungria, obrigado a estar de pé diante duma luz fortíssima durante 72 horas é um testemunho irrefragável da brutalidade soviética. Quando o cidadão americano Vogeler, foi julgado em Budapeste, o advogado de acusação, comunista, afirmou: «se Deus estivesse sentado naquela cadeira éramos capazes de o levar a confessar tudo quanto quiséssemos que ele confessasse». Assim procede o comunismo soviético.

A pobre Hungria martirizada é um pregão terrível contra os tiranos comunistas. A Hungria foi despedaçada, foi esmagada pela tirania e pela crueldade moscovitas. Nunca porém governantes sem Deus e sem moral puderam atingir o que há de mais nobre e mais belo no homem: a sua alma, a sua liberdade, a sua crença. O comunismo pode ser senhor do nosso corpo, mas nunca é senhor da nossa alma. O mundo está cansado da revolução comunista. Importa substituí-la pela revolução do amor — a revolução da liberdade de espírito, a revolução que vem da submissão a Deus e nos torna todos irmãos, filhos de um Pai comum. A sanha, o ardor e o ódio do comunismo russo é um potencial extraordinário. Todos os povos livres são chamados neste momento difícil da história a enrolar a cortina do mundo oriental, para que os povos de leste possam gozar da fraternidade e da paz como as outras nações da terra. O destino de todas as nações livres no momento actual reveste-se duma beleza e duma importância extraordinárias. É um destino semelhante ao de Simão, o Cireneu, no dia em que Jesus avançava para a morte. Quando Simão assistia ao cortejo do Filho de Deus, que transportava a sua cruz, o braço longo da lei romana estende-se para ele, ordenando: pega-lhe na cruz e ajuda-O a levá-la. As nações livres encontram-se na estrada dum mundo que sofre e vêem-no crucificar pelo comunismo.

À frente desse mundo que sofre está a martirizada nação húngara. O braço longo da Providência Divina estende-se para todos nós, homens livres com uma ética moral a estruturar a nossa vida e diz-nos: «tomai a Cruz dos oprimidos e ajudai a levá-la. Salvemos

CONSIDERAÇÕES

A PROPÓSITO DE UMAS BODAS DE PRATA

Por A. GARIBÁLDI

... E verdade! Há 25 anos, menino e moço, romântico e rebelde, principiava eu a subir as escarpas íngremes de Parnaso, floridas de tojas e rosas, colhendo verduras líricas, quando recebi a visita alvissareira deste jornal vimarense, que então nascia entre entusiasmos juvenis e doiradas esperanças.

Estávamos na idade em que eram lindos ainda quase todos os nossos sonhos — alguns dos quais, muitos dos quais, a vida ainda não pôde realizar. É assim quando se sonha de mais.

As realidades abafaram essas esperanças e esses entusiasmos — como que fossem flores trucidadas. Mas o jornal ultrapassou essas realidades, vencendo.

Dirigia o *Notícias de Guimarães* um moço generoso e de lavada alma, posto que sempre ocupou até aos nossos dias, continuidade que só facilitou e permitiu a sobrevivência do periódico.

Efectivamente, o Antonino Dias de Castro, pelo natural pendor do seu coração, pela sua afabilidade, pelo seu carácter, pela sua simpatia, conseguiu insuflar de vida, e mantê-la, este jornal, que bem pode dizer-se que é a primeira voz de Guimarães.

Venho dessa arrancada esperanças, dos halucinos tímidos do jornal, da sua vida infante, — quando acolheu as minhas primícias líricas.

Isto tem para o meu coração e para a minha inteligência um alto significado. A vida não nos dispersou — e estas lembranças têm sugestões luarizadas de saudade, que só a poesia entende e perfuma.

São 25 anos — o que representa muito na vida dum jornal.

O jornalismo é uma alta missão. Honra-se e honra-nos quando se serve com independência e com liberdade. É um sacerdócio. É o chamado «4.º Estado» que os déspotas e traficantes temem e odeiam.

Uma tribuna pode ser uma brasa, quando defende a justiça; mas um jornal é uma labareda, se igualmente a defende. Um altar pode ser uma luz, mas um jornal é um astro. Uma espada pode domi-

nar um exército — mas um jornal arrasta um povo.

Assim sendo, um jornal é uma instituição — e a mais alta de todas.

A ele se acolhem todos os que sofrem injustiças, nele blasfemam suas cóleras vermelhas os que buscam defender um ideal de verdade, a ele acorrem os que procuram uma luz azul de esclarecimento e orientação.

Eis o papel da Imprensa — ingrato papel, difícilimo e honroso, nobre e salutar.

É este o «4.º Estado» que procura defender todas as causas justas, defender os oprimidos e espoliados, combater os vendilhões e os tiranos, a protéria, a maldade, a injustiça, a opressão.

E por isso que os déspotas não gostam da Imprensa. Ela, quando é digna e altiva, não pode servir os seus designios torvos, e procuram amordaçá-la. E, para abafarem a sua voz altiva e livre, servem-se de instrumentos terroristas de coacção, para que, com o silêncio da Imprensa, fiquem impunes os seus crimes e tripúdios.

É o *Notícias de Guimarães* um jornal de feição liberal, e honra lhe seja. E um verdadeiro parlamento, onde se erguem as vozes que se arregimentam sob várias bandeiras, que aquecem os seus corações ao calor de vários credos. Essa deve ser a mais exacta e inteligente feição dum jornal — permitindo que todas as opiniões respirem, com respeito, independência e equilíbrio. Mau jornalismo é aquele de orientação unilateral, que pretende defender obstinadamente uma doutrina ou um credo, cerrando fileiras à roda de todos os outros, no intuito do esmagamento, da opressão.

Sabe-se que é do livre debate das ideias que nasce o progresso da vida, dos povos, das instituições e dos regimes — e contrariar esse debate é um atentado à dignidade humana e cívica dos cidadãos.

E por isso que defendemos firmemente o livre exercício da opinião pública, esclarecida, livre e responsável, na convicção de que só uma opinião pública em tais circunstâncias

(Continua na 7.ª página)

AVISO À MOCIDADE

O Mocidade; cautela!
Tu põe-te de sentinela
Contra esse Inferno pagão!
Ao pé da tua bandeira
Correrás a terra inteira
Sem medo de ser cristão!

Soldado, sim! sempre àlerta!
Com a face descoberta,
A cruz e a espada na mão!
Tal como D. Nuno outrora
Assim tu serás agora
Combatendo a Escravidão!

A hora é grave? — Que importa!
Amor da Pátria é a porta
Que anima os que dentro estão!
Depois da noite sombria
Vem o sol dum lindo dia,
Vem a Luz da Redenção!...

JERÓNIMO DE ALMEIDA.

o mundo do domínio do martelo e da foice: o martelo que crucifica e a foice que corta a vida, como corta o trigo por amadurecer para que nunca se transforme em Pão da vida. Nos povos que se deixam governar por uma ética cristã compete mudar estes símbolos

do ódio e da mentira, para que um dia os martelos erguidos possam parecer cruces em parada, alevantando assim o nome de Deus e para que a foice se assemelhe à Lua sob os pés de Nossa Senhora».

Padre ALEXANDRINO BROCHADO.

JORNALISMO E JORNALISTAS

PELO REV. DR. AURÉLIO FERNANDO.

DEDICA cada qual ao seu mister a mor parte do tempo em preocupação constante; e o nosso esforço diário canalizamos-lo ordinariamente para o que chamamos *profissão*. E por ela que nos enfrentamos com as exigências habituais da nossa vida individual e de família, com a repercussão social das nossas actividades e ainda com a relação que tem o nosso trabalho com o seu fim transcendente que é Deus e a estabilidade moral da sociedade.

Temos um Modelo Supremo nesta ordenação do nosso esforço laboral: Jesus Cristo: «Meu Pai trabalha sempre e por isso trabalho eu também (J. 5, 17); faço sempre o que Lhe agrade» (J. 8, 29).

Toda a nossa actividade está ainda unida intimamente ao bem comum e tem como base para a «tranquilidade na ordem» duas virtudes das quais se não pode prescindir: a justiça, para reprimir o abuso que perturba a harmonia do organismo social e semeia a discórdia e a caridade que suaviza as duras e inflexíveis exigências da justiça.

Até aqui conceituamos à volta do que chamei *profissão* em geral.

Mas não perdemos de vista que neste momento escrevemos para um jornal que este ano celebrou as suas bodas de prata. Vinte e cinco anos de incessante actividade num

ANIVERSÁRIO GLORIOSO

UM jornalista de fina tempera que em tempos teve Guimarães, classificava como *sicários da pena* aqueles que se acobertam à sombra da imprensa para dissimular a peçonha, corromper os espíritos e envenenar os corações.

Felizmente não enfileira nessa categoria de malficadores sociais nenhum dos três jornais de que Guimarães se honra e se preza. Todos três sabem seguir o rumo seguro e consolador das velhas tradições, e defender com luva branca os bons interesses da cidade e da grei. Honra lhes seja por isso!

Guimarães pode ufanar-se de contar no seu passado três jornalistas de largos recursos, e todos possuidores de invulgar saber e de apuradíssima pena: o Jesuíta Campos Santo, o incomparável Padre D'Afonseca Matos e em dias mais chegados a nós o Padre Lopes de Faria, que morreu Bispo de Bragança. O jornal deste último, a *Restauração*, era bem feito e bem impresso: quem o consultava aproveitava sempre, há nele muito que aprender. Era modelar, da primeira à última linha.

Também não hei-de regatear os meus calorosos louvores ao brioso *Notícias de Guimarães*. Sempre na primeira linha do combate, sempre de lança em riste, o tenho visto e o tenho admirado. Dispondo de óptimos e devotados combatentes, bem conhecedores do meio cidadão e das suas imperiosas necessidades e justas aspirações, não perde ensejo de soltar o seu alerta apaixonado e veemente em todas as emergências que o pedem e o reclamam.

Do coração vai este meu parabém, com votos de que não haja esmorecimento nem tibieza e hesitação na luta e no esforço por um Guimarães cada vez mais lindo e mais progressivo.

S. A.

(Continua na 7.ª página)

A Assistência à Lavoura O NOVILO NEGRO GUIMARÃES

no culto dos portugueses
d'aquem e d'além mar!

NÃO é nova a ideia de criar em Guimarães uma Escola Agrícola, pois, mais de uma vez, tal ideia foi sugerida, sem que fosse mais além do que uma sugestão sem possibilidades de ser realizada.

Sendo esta região considerada como iminentemente fabril, tendo como fulcro Guimarães, o seu importante mester da lavoura, não foi ainda encarado como deveria ser, para que o seu engrandecimento e valorização permitisse um melhor desafio, a todos os que nela se ocupam que são, sem dúvida, a maior parte da sua população, não obstante, a sua importância industrial.

Fazem falta à Lavoura, técnicos competentes que orientando-a e aconselhando-a de perto, sem a impertinência de um dirigismo obsoleto, nem jactâncias de *magister dixit*, mas, de maneira a cativar e a atrair o lavrador, levando-o a seguir novos rumos, mais frutificadores do que os seus processos de lavoura rotineiros e arcaicos.

É necessário, porém, conhecer convenientemente a psicologia do homem do campo, para a compreender. Foge, por princípio, a experiências e é incrédulo em novidades de tratar a terra e só se convence, quando vê os resultados e os seus efeitos. Esta tendência para a desconfiança, tem a sua base racional, que ele congemma desde modo:— se procedo a uma experiência de um novo processo de cultivo e não dá resultado, quem paga depois a renda ao senhorio e me alimenta a mim e aos meus?

Desta forma de pensar, em que não podemos negar haver uma lógica, ninguém o demove, venha quem vier.

De facto, a terra, não se assemelha a uma máquina que trabalha sempre, indifferente a intempéries de qual-

quer natureza, basta para isso fornecer-lhe a matéria prima necessária, para produzir os artigos desejados em quantidades sem fim.

A terra, tem o seu período de germinação e o seu tempo de descanso e produz, não aquilo que o homem almeja, mas o que as condições atmosféricas permitem.

O homem, regula a máquina, mas não regula o tempo. Não chove no lameiro, nem dá sol na cira, a bel-prazer de qualquer.

Sem dúvida que a falta de uma orientação técnica, faz-se grandemente sentir, no intuito de a agricultura deixar de ser, como dizia, Alexandre Herculano, a «arte de empobrecer alegremente» e transformar-se, numa indústria compensadora para quem nela trabalha e moureja, a ponto de se alcançar aquele nível de vida, capaz de oferecer um mínimo de prosperidade que garanta a cada um, uma existência melhor e mais humana. Daí, a necessidade de escolas que formem regentes agrícolas para superintenderem nessa orientação, levando o lavrador a um melhor aproveitamento do solo, a uma melhor aplicação dos adubos, à escolha de sementes mais apropriadas e rendosas à natureza dos terrenos, à fertilização das terras, ao desenvolvimento da criação de gados, à limitada e suficiente produção de vinhos e apuramento das suas qualidades, à arboricultura, puericultura, etc.

A criação duma Escola Agrícola em Guimarães, aproveitando para esse fim o Convento da Costa e os terrenos anexos, — não como uma secção da Escola Técnica, como neste jornal já foi proposto — mas sim, independentemente para melhor resultados produzir, formando técnicos competentes e conhecedores nos vastos e delicados problemas de cultivo da terra, é indispensável a este populoso concelho e região, aonde a agricultura ocupa o seu lugar proeminente que a progressiva indústria de artefactos ainda não destronou.

A assistência técnica à lavoura que a «Lei de Meios» prevê para o ano corrente, é uma medida cujo alcance económico-social não é demais encarecer e louvar, conquanto, essa assistência consiga elevar a vida vegetativa do homem de campo a um melhor nível, que lhe consinta auferir um rendimento maior, para transformar a sua debilidade económica numa fonte de consumo que o comércio e a indústria guardam, neste transe difícil duma crise terrível que só um mais alto nível do poder de aquisição das «Pedras Vivas», pode evitar um colapso de mui graves consequências.

Assim, a criação duma Escola Agrícola em Guimarães, viria satisfazer essa necessidade de técnicos, em número suficiente, para uma assistência constante, dada a amplitude da agricultura nacional e, transformando-a da arte de empobrecer, numa actividade próspera e rendável que através da organização de Adegas Cooperativas e até de Celários Cooperativos, livremente instituídos, e dirigidos, tendentes a livrá-la da especulação dum intermediarismo sugador do suor de tantos, que viveram à margem dos benefícios duma vida melhor, arrostando uma existência dura e mísera, que tem servido de causa para julgar depreciativamente o nível social do País.

PELO DR. AMÉRICO DURÃO.

DONA MADALENA (*junto da janela*)— Olha, acolá... Anda ver, Luzia. Não vês, um bezerrinho preto?

LUZIA (*aproximando-se*)— Que bonito e engraçado...

DONA MADALENA — O Alexandre não te falou nunca do «Malhadinho»?

LUZIA — Não; nunca; que eu me lembre, pelo menos.

PEDRO — O Alexandre sentia pouco estas coisas.

ALEXANDRE — É possível que as sinta menos do que tu; no entanto, recordo-me dele como se o estivesse a ver: — Preto retinto, com uma malhazinha branca ao meio dos olhos, era verdadeiramente uma estampa.

DONA MADALENA — Quando se fala no «Malhadinho» recordo-me sempre do tempo em que vocês eram rapazes. É uma historiazinha com interesse. Por que a não contas, Pedro? A Luzia havia de gostar de a ouvir.

PEDRO — Que podem a vida e a morte de um novillo interessar à Luzia?

LUZIA — Desde que entrei para a família da Fonte Nova, nada que com ela se relacione me é indiferente.

DONA MADALENA — Falar do passado é ainda uma forma de o aproximarmos de nós. Vamos, Pedro, decide-te...

PEDRO — Vá lá... Não quero fazer-me rogado. Se a não souber contar, só têm que desculpar-me.

E quase um conto. (*Principia naturalmente, sem ênfase*) — Há-de haver quinze anos, nasceu aqui na Fonte Nova um bezerrinho que era, na verdade, bonito. Chamaram-lhe o «Malhadinho», por ter ao meio dos chifres uma malhazinha branca, como um crescente da Lua. Toda a gente se encantava nele. Um amigo nosso, que nessa altura cá esteve, afirmava tratar-se duma reincarnação do Boi Ápis.

DONA MADALENA (*sorri*) — Isso não seria... Mas era muito bonito.

PEDRO — Com o andar do tempo transformou-se no mais airoso novillo nascido aqui na região. Mas, não há bem que sempre dure; um dia, sem bem sabermos como, na brincadeira com os outros, partiu uma das mãos. Ninguém imaginava a pena que tivemos. Pode dizer-se que foi um dia de luto esse mau dia. O maior

chegou a chorar. Meu Pai, que teve tanta ou mais pena que ninguém, viu-se na contingência de ter que o mandar abater. Recomendou que lhe tirassem a pele com o maior cuidado, para cada um de nós poder ficar com uma recordação. O Alexandre, só quando veio a casa nas férias, soube do acontecido, e, como todos nós, sentiu a valer a morte do «Malhadinho». E, quando foi ver a pele que tínhamos estendido no celeiro, mediu-a com os olhos de alto a baixo e decidiu: — Deste bocado grande do meio, vou mandar fazer uns ceifões; aquele dá-me um belo selim para a égua branca; e deste, aqui, talvez possa tirar umas botas de caça. Ia continuar, quando meu Pai, dando-lhe ao de leve com a ponta do cajado na mão, atalhou: — Alto lá, já o quer todo? Todos nós rimos com a inesperada intervenção de meu Pai, menos o Alexandre que, imperturbável, continuou: — É verdade, o Pedro também há-de querer uma lembrança. (*E dirigindo-se a mim*): Desses bocados pequenos deves poder tirar uns sapatos para a lavoura. Meu Pai interveio de novo: — Se a pele não chega para o que tu queres, como há-de o Pedro ainda tirar uns sapatos de lavoura?

ALEXANDRE — A fábula tem pitoresco e tu contaste-la bem, pena é que te esquecesse tirar a costumada moral. Diz, agora, se te não custa, para quem ficaram os ceifões e as botas altas, e quem andou mais no selim.

PEDRO — Não me custa confessar que fui eu quem andou mais no selim, e que fui também eu quem ficou com as botas altas e os ceifões. Mas a explicação é fácil. Tu só cá vinhas nas férias e pouco uso lhes davas.

ALEXANDRE — Succedia sempre assim; punha-se a boca no Alexandre, era para ele que as coisas se mandavam fazer, mas quem as gozava eras tu.

PEDRO — Porque te desinteressavas delas...

ALEXANDRE — Estás faltando à verdade... Não sou o inconstante por que tu me queres fazer passar.

AMÉRICO DURÃO.

Da peça inédita: *O Centro do Mundo*.

LUTAR E VENCER

UMA das virtudes que caracteriza a personalidade de qualquer pessoa, perante as vicissitudes da vida, é a de saber lutar para poder vencer.

Há iniciativas maravilhosas que não chegam a passar de efémeras tentativas, exactamente por que partem de pessoas que são incapazes de reagir contra os primeiros obstáculos que lhes aparecerem no caminho idealizado. Essas pessoas, embora bem intencionadas, perdem, por fraqueza de espírito ou por timidez, o valor dos seus méritos e colocam-se, assim, na situação de vencidas com o activo regozijo de quem as obrigou a recuar.

Não está neste caso o Director do *Notícias de Guimarães* que, não obstante ter encontrado espinhos e dissabores na Direcção do mesmo Jornal, nunca abandonou a serenidade e a persistência com que se devem enfrentar certos

pormenores ocorridos no caminho da vida, por mais impulsivos e desleigos que eles sejam. Porque assim tem procedido, o seu jornal conseguiu elevar-se no conceito das pessoas de boa fé e criar um ambiente de simpatia por parte das que, sendo o não vimaranenses, o consideram intransigente defensor dos interesses de Guimarães, como tantas vezes o tem demonstrado no decorrer dos seus 25 anos de existência. Não será, pois, de estranhar que os seus assinantes, amigos e admiradores vejam, com grande satisfação, vencida a primeira etapa da sua publicação «11-1-932 a 11-1-957», chegando, portanto, à data da celebração das suas *Bodas de Prata*. Como filho adoptivo de Guimarães, dirijo as minhas saudações ao ilustre Director e meu prezado amigo, Antonino Dias Pinto de Castro, e faço votos para que a divisa «Lutar e Vencer» con-

O autor do *Anacrisis Histórica*, da Era de Seiscentos, dispensa à nossa terra estes honoríficos títulos:

Ilustríssima Vila de Guimarães

Real Vila de Guimarães

Insigne e Real Vila de Guimarães.

Este distinguido tratamento, é mercê que anda ligada a facto genésico: — *Guimarães foi o berço da Pátria!*

Nasceu em Guimarães o rei Fundador. Foi neste burgo que assentou a primeira Corte do reino. O cerne da Nobreza, daqui dilatou seus ramos.

As gerações pretéritas trouxeram até nós o eco desta herança, sem igual.

Para maior timbre de ufanía, a cada passo vemos avultar as manifestações de homenagem à nossa terra, com fundamento nesta verdade histórica: — *Guimarães é o Berço da Pátria!*

Não vai nisto acréscimo, presunção cívica.

Quantos à Nação portuguesa conhecem as origens, dão a Guimarães o tratamento de — *cidade berço de Portugal!*

Não é o nosso orgulho bairrista que, por vanglória, o apregoa. É a própria Nação que, por verdade incontrovertida, o proclama.

Grato nos é acentuar a série de manifestações que, em nossos dias, nos últimos tempos, se vêm sucedendo, repetindo em coral apoteótico este signo augusto: — *Guimarães é o burgo onde a flux nacional brotou!*

Eclodiu aqui, em sonho de glória, o feito épico da batalha de S. Mamede, que abriu o caminho à independência do Condado Português. A acompanhar a celebração desses oito séculos de história, vieram até nós, em 1928, altos representantes do Governo, do Exército, da Igreja. As sociedades científicas, os escritores portugueses, a Imprensa, unanimemente formaram ao nosso lado. Coroando essas homenagens, publicaram-se algumas obras, de entre as quais uma *História de Portugal*, ilustrada, em oito grandes volumes.

Em 1940 o Governo toma a iniciativa de celebrar a Fundação e Restauração de Portugal. Por deliberação governativa, foi Guimarães a cidade escolhida para servir de altar à grande celebração nacional. Do alto do nosso Castelo, a voz autorizada do Chefe do Governo lançou aos portugueses espalhados por todos os continentes, o pregão alto e sublimado — *da gesta heróica da Nação; cujo dia 1.º aqui tivera a sua gênese!*

Em 1950, o burgo de Guimarães marcou no calendário da história, um Milenário. A esta festa larária da nossa existência local associou-se o Governo. Nessa manifestação germinou o pensamento de que, neste rincão português, a Pátria teve o seu lar natal!

Aqui vieram os representantes dos Municípios portu-

gueses com o mesmo sentido nacionalista. A frente de todos esses «romeiros» das cidades e vilas portuguesas, — em cujos estandartes vibrava em unísono a alma dos Concelhos —, estava a nobre Cidade de Lisboa, capital da República.

Esta tão extraordinária e significativa manifestação dos Municípios portugueses aquando a celebração da nossa existência Milenária, foi a afirmação solene da excepcional posição que Guimarães ocupa no áureo nascimento da Pátria!

A este tributo dos Municípios à terra-mãe de Portugal veio juntar-se, com o seu expressivo pergaminho, a Câmara Municipal de Lourenço Marques.

De mais longe chegam a Guimarães votos de solenes homenagens. Distingo os que foram trazidos pessoalmente pelo Senhor Presidente da República do Brasil. Tão excepcional distinção prestada a Portugal pelo alto magistrado da pátria brasileira, outra coisa não significa senão o reconhecimento de que — *foi em Guimarães que nasceu Portugal!*

Para mais firmar laços de simpatia, para melhor fortalecer sentimentos de veneração por Guimarães, quer a capital da República brasileira que ali vá, no próximo mês de Fevereiro, o Presidente do nosso Município. Com ele irá também o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

Este destaque dos dois Municípios portugueses, é sobremaneira significativo, quanto a Guimarães.

Não fosse Guimarães *Altar-Mor da Nação*, e outro título não nos faria distinguir para tão honroso convite.

De braço dado, pois, com o representante da Capital, Guimarães e Lisboa estarão presentes nas celebrações do Brasil.

Portugueses e Brasileiros compreenderão perfeitamente o que significa a aliança das duas terras portuguesas:

Foi Guimarães a primeira capital do reino.

E Lisboa o centro estadual da Nação.

Missão diplomática vai desempenhar o Sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira. Acompanha-o sua Esposa. Reconheceu-se em nossos dias que a mulher tem lugar na vida civil. Exercendo voto político, fica bem a sua presença em certas circunstâncias.

Não pode o facto deixar de lisonjear as Senhoras da nossa terra.

A sociedade brasileira está superiormente familiarizada com a actuação do elemento feminino nos actos oficiais, nomeadamente naqueles solenes actos onde o fulgor das suas graças põe um timbre de elegância.

Distinguida é a nossa terra como — *berço e solar natal da Pátria!*

É dever dos vimaranenses proteger carinhosamente, patrioticamente, esta nobilíssima herança.

Dos estranhos nos vem o exemplo.

Todos os portugueses que vêm em romagem cívica ao nosso Castelo, entoam conosco a hossana — *Guimarães, berço da Nação!*

M. MENESES.

A. L. DE CARVALHO.

TRIBUNAIS

(Continuação da 3.ª página)

res, — empregados e assalariados, sindicalizados, contribuintes e aprendizes — que há na nossa Terra e no facto de muito mais de um terço do serviço do Tribunal do Trabalho de Braga respeitar ao nosso concelho.

Braga não fica diminuída em cousa alguma, pois nenhum proveito recolhe da situação presente, com magistrados ambulantes e a obrigatoriedade de deslocções dos interessados.

E tal criação teria ainda a grande vantagem de desoprimir o Tribunal Judicial das muitas centenas de precatórias que para ele dimanam do Tribunal do Trabalho de Braga.

É mais ainda: no Palácio da Justiça em construção já estão previstas dependências onde o sugerido Tribunal ficaria perfeitamente instalado.

Senhor Dr. Castro Ferreira, Senhores patrões e operários: vamos a isto!

Meu caro Antonino:

Com estas mal alinhavadas regras me associo à comemoração do 25.º aniversário do seu e nosso *Notícias*.

Julgo-as apropriadas, pois evidenciam o valimento dele.

E você, — sempre por bom caminho e segue, como dizia o Grandela, de honrada memória.

JOSE PINTO RODRIGUES.

ALMEIDA FERREIRA.

FARPAS

DIVAGANDO

COMO o tempo passa!... Mas quando, voltando os olhos para esse passado, algo encontramos que nos satisfaz, fica-nos a consolação do dever cumprido.

Festeja agora o seu 25.º ano o *Notícias de Guimarães*. Só quem vive a vida dos jornais é que pode sentir e pode compreender quantos acerbos espinhos se encontram no roseiral das ilusões do jornalismo, quantas incompreensões, quantas alveiosias, quantas malquerenças se têm de suportar.

Quem faz a casa na praça... Também quem cria um jornal... a muito se aventurou.

Exactamente para festejar esta data, pirilampeja hoje esta secção, vagalume da efeméride aniversária.

Estenderam-se as *Farpas* por largos números e alguns anos do *Notícias de Guimarães* e diversos problemas que então se trataram, e sugestões que se fizeram, começaram, agora, na fase de realização.

Assim, em Março de 1941, abordamos a ideia do prolongamento da Rua de S. Dâmaso, pela Casa dos Pobres, de modo a ligá-la com a estrada de Fafe, hoje Avenida do Dr. Alberto Sampaio.

Houve polémica amiga com o *Zé da Aldeia*, que também nessa altura era colaborador, o qual preferia, em concordância com uma opinião de Manuel Saraiva Brandão, que havia sido activo vereador da Câmara Municipal, Homem dotado de força de vontade e dedicado aos problemas de engrandecimento da nossa cidade, que se fizesse, de preferência a ligação do Largo de S. Francisco com o do Campo da Feira, deixando-se a Rua de S. Dâmaso tal qual se encontrava. Esta mesma opinião foi mais tarde patrocinada, segundo creio, pelo Sr. António Faria Martins, quando fez parte da vereação municipal, chegando-se a elaborar o respectivo projecto.

A Rua de S. Dâmaso criava uns certos receios de se tornar dispendiosa. E, com tal

receio, foi-se adiando a sua realização.

Temiam-se, também, as demolições a que daria causa o prolongamento. No entanto a sugestão apresentada era comedida; e como a obra não era urgente, mas necessária, haveria tempo de possibilitar a sua execução.

Bastaria que, em anos sucessivos, fosse incluída, no orçamento camarário, determinada verba para expropriações, que se fariam gradualmente, de modo a num espaço, mais ou menos curto, a Câmara poder adquirir os prédios necessários ao prolongamento que então se defendia.

E assim os anos se foram passando, o prolongamento da Rua de S. Dâmaso não foi feito e a Avenida de ligação ao Campo da Feira não passou de mais um projecto.

A coisa agora mudou de figura, pois a demolição das casas de S. Dâmaso, a começar precisamente pela Casa dos Pobres, já foi louvavelmente iniciada e o que se projecta é obra de muito maior envergadura do que aquela que se propunha nesse ano de 1941 e que tantas resistências criou.

Este facto vem demonstrar que estavamos dentro da razão e é esta a maior satisfação que sentimos, depois de decorridos 15 anos sobre a campanha que levantamos.

Temos, pois, motivos de sobra para voltarmos às colunas deste semanário demonstrar o nosso contentamento pela grande obra que já teve seu começo e tanto vem contribuir para o desenvolvimento urbanístico da nossa terra.

Ficam assim assinaladas, com tal padrão comemorativo, as Bodas de Prata do *Notícias de Guimarães* e satisfeita a aspiração que, embora mais modestamente, trouxemos às suas colunas nesse já distante Março de 1941.

E fica, também, de parabéns a nossa cidade.

S. João das Caldas
— Janeiro de 1957.

X. X.

ASSISTÊNCIA ESCOLAR

PELO PROF. J. MARTINS LIMA.

A medicina escolar, no que se refere ao ensino elementar, está entre nós numa fase inicial, embrionária.

A criança, nos nossos meios rurais, atravessa o período da escolaridade, sem a vigilância do clínico. É certo que a função da medicina escolar é essencialmente profiláctica e não curativa.

O médico, registando as deficiências visuais, da boca, dos dentes, do nariz, as deformidades da garganta, o resultado da auscultação, e ao avisar o pai ou encarregado de educação, não cuida apenas da saúde do aluno, prevenindo a eclosão duma doença, faz também pedagogia, porque concorre para o seu melhor aproveitamento escolar!

Nas nossas escolas primárias não entra ainda o médico, salvo nas grandes cidades, como Lisboa e Porto. A criança não é observada clinicamente, ao menos uma vez por trimestre, não se indaga sobre as condições do meio ambiente — situação económica, alimentação, não se inquire das taras dos progenitores — sífilis, alcoolismo.

Quantos desvios, irregularidades no aproveitamento escolar, certos casos de preguiça mental, de desinteresse, de apatia, de indolência, certos estados abúlicos podiam ser

corrigidos com a intervenção do médico.

Há crianças, já na escola primária, com deficiências visuais, que carecem de correcção. Usam-se ainda entre nós os auacrónicos quadros-pretos.

Afirmou um distinto Médico-escolar dum dos liceus da Capital que muitos alunos não conseguem ver ou vêem erradamente o que se escreve num quadro preto.

... «O que se escreve a giz branco num quadro preto não dá uma visão possível, mesmo a uma pessoa de vista normal, em todo e qualquer ponto da sala. Os alunos têm de se levantar e procurar uma posição que evite o reflexo incómodo da luz».

Muitas escolas inglesas e americanas estão já a adoptar quadros amarelados, onde se escreve com giz azul.

As carteiras, construídas quantas vezes à mercê de um marceneiro habilidoso, são instrumento de tortura para os alunos e fábricas de cifoses e de cifo-escolioses.

O problema da medicina escolar é, em suma, da maior acuidade e relevância.

Muito se tem feito já no tocante à assistência à criança, no período da escolaridade. A construção de cantinas, a distribuição de agasalhos a alunos pobres são, sem dú-

BODAS DE PRATA

Vinte e cinco anos faz hoje o «Notícias de Guimarães»

RECORDAR é sempre agradável ao nosso espírito, demais quando nos é dada a missão de defender os interesses de Guimarães.

Já lá vão trinta e cinco anos que eu fundei o *Pró-Vimaranense* ajudado por alguns amigos dedicados e que sentiam na alma e nos corações, entusiasmo, calor, fé e amor à terra natal.

Morreu, mas ficou de pé a mesma fé e dedicação, o mesmo amor e esperança no seu porvir, e na *História de Guimarães* ficará gravado a letras de ouro esse nome querido de um grupo de bairristas que tanto lutou pela sua dama.

Surgiu então o Antonino, também qual cavaleiro andante a pretender entrar na luta, a pedir conselhos, a nossa maneira de ver quanto às suas pretensões.

Levado pela sua fé bairrista, pelo amor à terra, pela sua inteligência, fundou o seu *Notícias* aos onze de Janeiro de mil novecentos e trinta e dois.

Caminhou vagarosamente, mas com apuro e persistência, sem quebrantar nessa luta dura, ardorosa, de tantas arrelias e contrariedades, numa vontade e firmeza de carácter que nem a todos é dado possuir.

Como seu antigo, embora humilde colaborador e assistente, e como amigo dedicado, faço votos para que continue pela vida fora com o mesmo querer na sua bela apresentação e colaboração, para que o nome da nossa terra tão querida, possa ser sempre defendido com dignidade e brio, estimulando os corações à fé e esperança e para que o progresso deste Burgo seja uma realidade na sua remodelação, preste a acontecer.

Que assim seja, a *Bem de Guimarães*.

A ACÇÃO BENEFICENTE DO "NOTÍCIAS"

Mais de 500 contos recebemos e distribuímos, pelos nossos pobres e pelas instituições Vimaranenses, nestes 25 anos.

Numa rápida consulta que fizemos aos nossos arquivos pudemos verificar que o montante dos donativos recolhidos no decurso de 25 anos da existência do nosso jornal, e nos foram confiados pelos nossos inúmeros leitores e amigos, atingiu a soma de *quinhetos e um mil quatrocentos e sessenta e oito escudos e quarenta centavos*.

Assim, verificamos ter recebido dos nossos leitores e para os nossos pobres e para as casas de Assistência, etc.:

Em 1932, 2.549\$00; 1933, 736\$00; 1934, 1.790\$00; 1935, 2.813\$50; 1936, 2.018\$; 1937, 2.871\$50; 1938, 3.912\$; 1939, 4.870\$90; 1940, 5.600\$; 1941, 6.302\$00; 1942, 10.606\$; 1943, 15.399\$00; 1944, 27.132\$00; 1945, 30.780\$; 1946, 30.844\$; 1947, 20.305\$; 1948, 21.914\$; 1949, 38.435\$; 1950, 27.010\$; 1951, 87.238\$; 1952, 48.280\$; 1953, 24.463\$; 1954, 30.335\$; 1955, 24.852\$ e 1956, 30.410\$. Total escudos 501.468\$40.

Esta importante soma foi por nós distribuída por Casas de Caridade, Bombeiros (a es-

vida, precioso elemento regularizador da frequência escolar.

Mar urge sobremodo que o médico entre nas nossas escolas, vigiando, orientando, prescrevendo — a bem da saúde física e do desenvolvimento mental da nossa juventude!

CARTA DE LONGE

EMBORA o meu conceito possa parecer a alguns uma banal figura de retórica, creiam que é quando estamos longe que a Pátria se encontra mais perto do nosso coração.

No dizer do grande poeta Mistral — o mais ilustre e o mais provençal de todos os provençais — todos nós temos duas pátrias: a Pátria Grande, o país a que pertencemos, e a Pátria Pequena, a cidade, vila ou aldeia onde abrimos os olhos para a vida e nos criamos.

Ora se neste momento me encontro ausente da Pátria Grande, o nosso Portugal amado, pois embora o mar me separe do continente continuo em terra bem portuguesa, sinto-me longe, bem longe da minha Pátria Pequena, a minha cidade natal que é tão grande ante a História!

Tudo que de lá vem redobra para mim de valor, e de lá me chegou a nova de que o nosso *Notícias de Guimarães*, aquele jornal que certos «velhos do Restelo» predisseram que não duraria mais que as rosas de Malherbe, ia perfazer vinte e cinco anos.

Linda idade! Ditosa idade!

Todas as esperanças lhe são permitidas e nós, que assistimos ao desabrochar de todas as suas primaveras, temos que afirmar que são legítimos os seus anseios, porque sempre soube remar galhardamente para um rumo certo e bater-se por um só ideal: a sua Terra, a sua Excelsa Dama!

Não custou isso pequenas cansairas e sacrifícios ao seu fundador e proprietário, Senhor Antonino Dias P. de Castro, mas perante a satisfação do dever cumprido e a realização do ideal sonhado, tudo lhe deve esquecer, excepto a certeza de que pode dizer com orgulho: Venci!

Venceu, sem dúvida. Deu

à sua e nossa Terra um jornal como ela precisava, sempre pronto a combater pelas suas necessidades, vincar as suas aspirações e a dar-nos também pedaços de boa prosa ou boa poesia, muitos até assinados por nomes que a revista mais categorizada accitaria com desvanecimento.

Está de parabéns o nosso *Notícias*; de longe, pois, lhe venho trazer os meus emboras que bem quisera fazer acompanhar do tradicional ramo de flores que nesta altura poderiam ser as formosas orquídeas da Madeira, embai-xatrizes encantadoras da Pérola do Atlântico — Ilha Maravilhosa de primavera quase eterna, onde, em alguns pontos, encontro recantos que parecem do nosso Minho muito amado.

Enquanto o inverno envolve o continente com os seus frios estou eu a escrever-vos numa varanda aberta, sobre o jardim, cheia de trepadeiras num formoso dia claro e límpido, de esplendor primaveril — na véspa do fim do ano de 1956. Lá fora, na bela Avenida do Infante, há um desfilar contínuo de forasteiros — estrangeiros na maior parte.

Passam envergando roupas leves e deliciosos olham constantemente em volta contemplando os esplendores que os cercam. As flores de várias qualidades irrompem em festões, mas a corriola alaranjada, que abre no fim do verão, desentranhou-se de tal forma e floriu com tal profusão que abafou muros, grades e portais, com as suas ondas incendiárias, verdadeiramente cor de fogo. Árvores exóticas todas em flor, o céu de azul diáfano, a luz docemente tamizada, o sol que queima a pele como se fosse de verão, tudo isso maravilha os estrangeiros que julgam ter descoberto o Paraíso.

O Funchal é agora, à noite, um mar de luz, pois as iluminações coloridas irrompem de todos os lados, proporcionando-nos um espectáculo precioso e deslumbrante.

Logo, à meia noite, subirão ao ar milhares de lumes, sublimando esta apoteose de luz e de cor num cenário de maravilha. A *Sagres*, o *Vera Cruz*, o *Santa Maria* e outros barcos, colaborarão nestas festas do Fim do Ano que serão talvez imitadas mas jamais igualadas, devido à situação da cidade em formoso anfiteatro.

Tudo o que me cerca é, pois, belo; admiro-o, emocioname-me, mas mesmo assim não posso deixar de desviar os meus olhos da terra e mergulhá-los no mar — esse mar de um azul mediterrânico e inexprimível — que me trouxe, que nos separa, e que vos irá ainda levar a minha mensagem — mensagem de felicitações e mensagem de saudade.

Lá longe, onde também há flores e paisagem de encantamento, existe esse «jardim à beira mar plantado» e no Minho «o coração de Portugal», a Pátria Pequena, a vetusta cidade de Guimarães — mãe da Pátria Portuguesa.

Para lá se dirige agora o meu pensamento.

Numa mensagem de amizade cruza o espaço, voa e, mais célere que todos os engenhos fabricados pela ciência humana, chega ao seu destino e aporta.

Ei-lo, aí está. Pousou onde se celebra a Festa do nosso *Notícias*. Confraterniza, e depondo as orquídeas da Madeira exclama, jubiloso:

Parabéns ao *Notícias de Guimarães*!

Parabéns ao seu Ilustre Director e Colaboradores!

Parabéns à Cidade de Guimarães!

ZITA DE PORTUGAL.

UM TELEGRAMA DE NOVAIS TEIXEIRA

Na hora de encerrarmos o nosso jornal, recebemos o seguinte e expressivo telegrama:

Paris, 8 — Agradece em meu nome ao teu Jornal esses 25 anos de devoção e amor à minha terra.
a) NOVAIS TEIXEIRA.

DE COVAS

Um aniversário

O dia de hoje é, pois, de festa para todos nós, colaboradores do *Notícias de Guimarães*.

Um quarto de século ao serviço do concelho — e do público — é bem digno de ser comemorado, tanto mais que este Jornal tem sabido cumprir a sua missão jornalística.

Na verdade, é o semanário mais lido do concelho — e o melhor, pelo menos para nós — onde todos o estimam.

Também para nós, humilde correspondente (ou «jornalista novo» como um colega nos classificou, e muito bem, num jornal local, embora maldosamente), a penas há 26 meses, faz parte da nossa vida. A ele temos dedicado todo o nosso esforço e a maior parte do tempo disponível — em que poderíamos ocupar-nos de assuntos particulares e, até, quantas vezes desprezando divertimentos — para o servirmos em defesa dos interesses do público. Não é fácil dizer as verdades, como muitos julgam, ou seja apontar as injustiças — o que mais se vê, infelizmente...

E por as apontarmos sabemos que os nossos escritos não agradam — é impossível — a todos. Efectivamente, no tempo que atravessamos não se podem dizer, repetimos, certas verdades. Elas trazem quase sempre os seus inconvenientes. De resto, ao abordarmos qualquer assunto não pensamos na crítica a que estamos sujeitos. O nosso papel na imprensa tem sido e será sempre defender o público, ou seja focar as necessidades, criticar as injustiças e as más organizações públicas, louvar as boas obras e as boas iniciativas, pedir auxílio para os necessitados, etc., etc.

Em duas palavras: — A nossa voz é a voz do povo — o eterno sacrificado. Ardua missão a que nos entregamos! O tempo perdido, as cansairas, os desgostos que por vezes nos esperam e, até, as inimizades que já arranjamos são raras vezes compensadas com a satisfação de vermos alguns justos apelos ou reparos atendidos, a bem do público ou da terra que defendemos.

Não nos servimos destas colunas para destruir obras boas, não. Pelo contrário, quando delas temos conhecimento tecemos-lhes as melhores — e justas — referências. Regojamo-nos, quando aparece um homem de iniciativa ou um benemérito. Mas também criticamos, como já dissemos, quando vemos casos injustos, atitudes maldosas, más organizações públicas, etc. Dos inúmeros reparos e pedidos que aqui focamos, alguns dos quais diga-se, por ser verdade, não foram atendidos, vamos salientar dois dos que foram solucionados.

O primeiro, foi o caso da C. P. que obrigava os passageiros a pagarem 1.ª classe, nas automotoras pequenas, na falta de lugares em 3.ª — o que acontecia diariamente. Felizmente, depois de tantas vezes termos criticado tal anomalia resolveu cumprir o regulamento.

Agora, todo o passageiro que não tenha lugar em 3.ª classe pode viajar em 1.ª, sem sujeição ao pagamento de qualquer importância. (Em contrapartida, esta irregularidade passou a «usar-se» nas automotoras modernas.

Nestas, pela sua maior lotação. raras vezes os passageiros precisam de utilizar a 1.ª classe. Mesmo assim, repetimos, não está certo!). O outro, muito diferente deste, foi um apelo que em 26 de Junho de 1955 aqui fizemos aos nossos leitores para um caso doloroso dum demente, viúvo, de 45 anos, pai de 6 filhos menores, três dos quais viviam na sua companhia, num autêntico curral — caso que causou profunda comção em todos que dele tiveram conhecimento — e que imediatamente foi solucionado com o internamento do infeliz e graças às almas caridosas que tomaram conta das três inocentes criancinhas que tão cedo começaram a sofrer as amarguras da vida — tirando-as, assim, da triste vida, em que já andavam, estendendo a mão à caridade.

Por isso, não deixa o povo desta localidade de prestar o seu dever de gratidão para com o *Notícias de Guimarães* que muito tem pugnado pela defesa dos seus legítimos anseios. Por tal motivo, este Jornal tem conquistado a admiração e estima dos seus inúmeros leitores que de boa vontade se associam a este aniversário.

Como vêm, prezados leitores, o *Notícias de Guimarães* honra a Imprensa Regional, não obstante não se tratar de um periódico de feição religiosa, mas que também em nada a despreza. Para vós, amigos, neste dia festivo em que o *Notícias de Guimarães* atinge vinte e cinco anos de existência, vão as nossas saudações.

CONSIDERAÇÕES

A PROPÓSITO DE UMAS BODAS DE PRATA

(Continuação da 4.ª página)

tâncias pode tornar uma nação feliz.

Só compreendo a Imprensa que parlamenta, que fala; e quando não pode gritar, que se cala. O silêncio também é uma resposta eloquente, uma arma terrível.

Mas é preciso saber que é do silêncio que se desentramham as alvoradas redentoras, que em frémito e anseio desabrocha o coração das sementes e dos frutos ótimos.

Sem injuriar, sem caluniar, sem malsinar, entendo que o espírito crítico deve admitir-se, dentro do plano construtivo, pois ele é apanágio das sociedades bem constituídas e civilizadas.

Dizer ámen a tudo não é construir. Nos países civilizados admite-se a livre crítica, do que nós estamos talvez desafeitos — e é mau. A um berrozinho mais alto ou mais ríspido, logo julgamos que nos estão a agravar. Somos os pobres de ânimo estóico.

Uns servem as urbes e as causas delas na cadeira curul, entre o efémero incenso do mando; outros, e é o nosso caso (a missão da Imprensa), servem essas causas e essas urbes, que têm anseios, de pena na mão, que é o eterno poder, e que será tanto mais nobre quanto mais independente.

E as instituições, como os homens, têm os seus períodos de declínio e de fracasso. Tal como os indivíduos, pode haver organismos de actuação infeliz. E missão da Imprensa apontar essas infelicidades, não só para as lamentar, mas também e sobretudo para que sejam remediadas.

E para isso não é preciso injuriar. Basta falar claro, alto e bom som. A injúria desclassifica o que a pratica. A injúria não é crítica, não representa sentido crítico, é negação da inteligência. Pode até, por paradoxo, ser sinónimo de destruição. E destruir é um destino triste. Destruir é negar. A negação é o contrário dos mil anos de história e de vida da urbe vimaranesa — mas em Guimarães, felizmente, nada precisa de ser destruído. Construir, prosseguir, completar — eis um indicativo aliciante, e que compete à Imprensa acarinhar e impulsionar.

Para além do efémero das contingências de mando, apenas sobrepujará o circunstancial dessas posições, e que nesta premissa se pode resumir: servir bem, ou servir mal. Essas posições, servidas por homens, duram o que dura a vida humana, e poucas vezes a abrangem. Os homens passam — e as obras ficam. Os homens passarão, como sombras, ou como clarões, consoante as suas virtudes —

mas os povos que eles servem permanecerão, e essa permanência é já uma vitória.

Igualmente, tudo isto o jornalismo serve e acompanha. Ingrata vida é a do pobre jornalista da província. Nem sempre a sua acção é olhada com justiça, com claro e desapassionado raciocínio.

Conheci bons jornais de província, que as circunstâncias amarfanharam; conheci grandes jornalistas e grandes directores de jornais que desapareceram ou emudeceram, mocidades que se anquilosaram e refrearam o voo no seu primeiro surto aventureiro. Nós persistimos. E, como nós, persistiu o *Notícias de Guimarães*, que vem dessas caminhadas dolorosas de via-lácteas onde já muitas cruces se erguem, diademadas de estrelas ou de flores tristes.

Persistindo, o *Notícias de Guimarães*, resistindo às rajadas da ventania adversa que possivelmente em 25 anos soprou, conseguiu atingir as suas bodas de prata, ao serviço de Guimarães.

Foi servindo este jornal, em silenciosas batalhas e vigílias (que o mesmo foi servir a sua terra), que o Antonino ganhou os seus cabelos brancos, temperou a sua mocidade, formou o seu carácter de eleição. Conhecedor da sua terra, dos seus problemas, dos justos quereres e da sensibilidade dos seus habitantes — soube dar-lhes e fazer um jornal equilibrado, que caiu bem, que agradou. Daí o triunfo do *Notícias de Guimarães*.

Quando assim se faz um jornal, e quando assim se defende uma terra, é porque se é um grande jornalista e um grande cidadão, é porque se tem uma noção exacta da vida, uma atitude sincera e nobre para com os nossos semelhantes, e sobretudo um grande coração.

E a esse coração, o do Antonino, que eu presto a minha homenagem, como que o fizesse a toda a terra de Guimarães, nesta celebração das bodas de prata do seu jornal — que, tendo um director como tem, de tão elevada gerarquia, não podia ser melhor prendado.

Outono de 1956.

A. GARIBALDI.

As Bodas de Prata do «Notícias de Guimarães» INJUSTIÇA

A 11 de Janeiro de 1932, saía à luz da publicidade o *Notícias de Guimarães*, que, bem cedo, havia de ocupar merecidamente lugar de relevo ao lado da Pequena Imprensa Regional do País. Há, portanto, 25 anos, que este semanário vem devotadamente servindo a Cidade de Guimarães e todo o seu vasto e riquíssimo concelho com todo aquele seu nunca desmentido bairrismo que, dum modo geral, os Vimaraneses sentem e louvam.

Outra coisa não era de esperar do espírito moço e decidido do seu Director, que, apenas com 22 anos, se arriscava a uma empresa arrojada, a uma iniciativa que não sabia se seria de vida ou de morte, mas que uma vontade forte aliada à sua tenacidade teimosa havia de vencer gloriosamente. Rodeado de bons e leais cooperadores, integrados no mesmo pensamento que animava a Obra do Antonino Dias de Castro, *Notícias de Guimarães* tinha de vencer — e venceu!

Nós, que o servimos — com modéstia o dizemos — desde o alvorecer do seu jornal, que

desde sempre o acompanhamos em todos os seus movimentos de muito bem querer ao Progresso local e concelhio, podemos afirmar com justificada razão e dentro da melhor justiça, que *Notícias de Guimarães* tem cumprido neste quarto de século da sua existência, honesta e integralmente, o seu programa de princípios e fins, sempre e acima de tudo com o mais belo sentido bairrista e patriótico de *Bem Servir* a nossa Terra em todos os campos da actividade humana.

Não há ou não tem havido iniciativa quando sincera nos propósitos a atingir, a que este jornal não lhe preste, melhor, não lhe dê desde logo o seu incondicional apoio, não lhe falte com o seu melhor carinho e entusiasmo, pondo à disposição de *todos* as suas colunas, franca e abertamente, no mais alto sentido espírito de justiça e de liberdade, focando os factos e os acontecimentos, os homens e as ideias.

E já larga e vasta a acção do *Notícias de Guimarães*, tanto no campo da assistência social, moral e espiritual, como no vasto campo económico e

político, merecendo-lhe desde o seu aparecimento especiais cuidados as mais imperiosas necessidades da população vimaranesa, reclamando para ela mais justiça, e, para as classes trabalhadoras, um modo de viver a Vida com alegria e felicidade. São estes os anseios, têm sido estes os desejos do *Notícias de Guimarães*. Se nem sempre tudo se tem sido conseguido, pelo menos tem pugnado, e sempre pugnará, pelo progresso e desenvolvimento de Guimarães como desde a primeira hora em que a sua voz se fez ouvir em toda a Cidade e seu Concelho.

A voz da consciência pública de nada nos pode acusar, e satisfeitos nos sentimos na hora que passa — hora alta de contentamento, de regozijo, de verdadeiro júbilo.

Sentimo-la bem, cá dentro do coração; e, de forma alguma, não queremos faltar com os nossos entusiasmos, à comemoração das *Bodas de Prata do Notícias de Guimarães*.

Braga — 1957.

DOMINGOS RIBEIRO.

QUE sei eu e que posso dizer da vida de um jornal e de um jornal de província? O que sei e posso pôr em letra de forma é que, quando no cérebro me borbulha qualquer ideia e me lembro de a lançar no papel, se ela pode servir alguma coisa para os outros, no meu parecer, meto-o num envelope, dirijo-o para a Redacção do *Notícias* e no domingo seguinte, talvez por consideração para com o escrevinhador, ou porque lhe achassem algum interesse, o pastel lá aparece no jornal, para quem o quiser ler.

O pobre Semanário lá se aguenta com os aborrecimentos de alguns leitores, que acharam a ideia desconcertada, outras vezes vai receber felicitações de outros que acharam no artiguelho uma boa piada contra certa pessoa que não é do seu agrado; devoluções do jornal dos que se sentem atingidos — e tem de se aguentar com todos as consequências, sem se lastimar. Pobre jornalismo provinciano.

E o pior é que o jornal não vive de ar. As devoluções são certas no fim da semana.

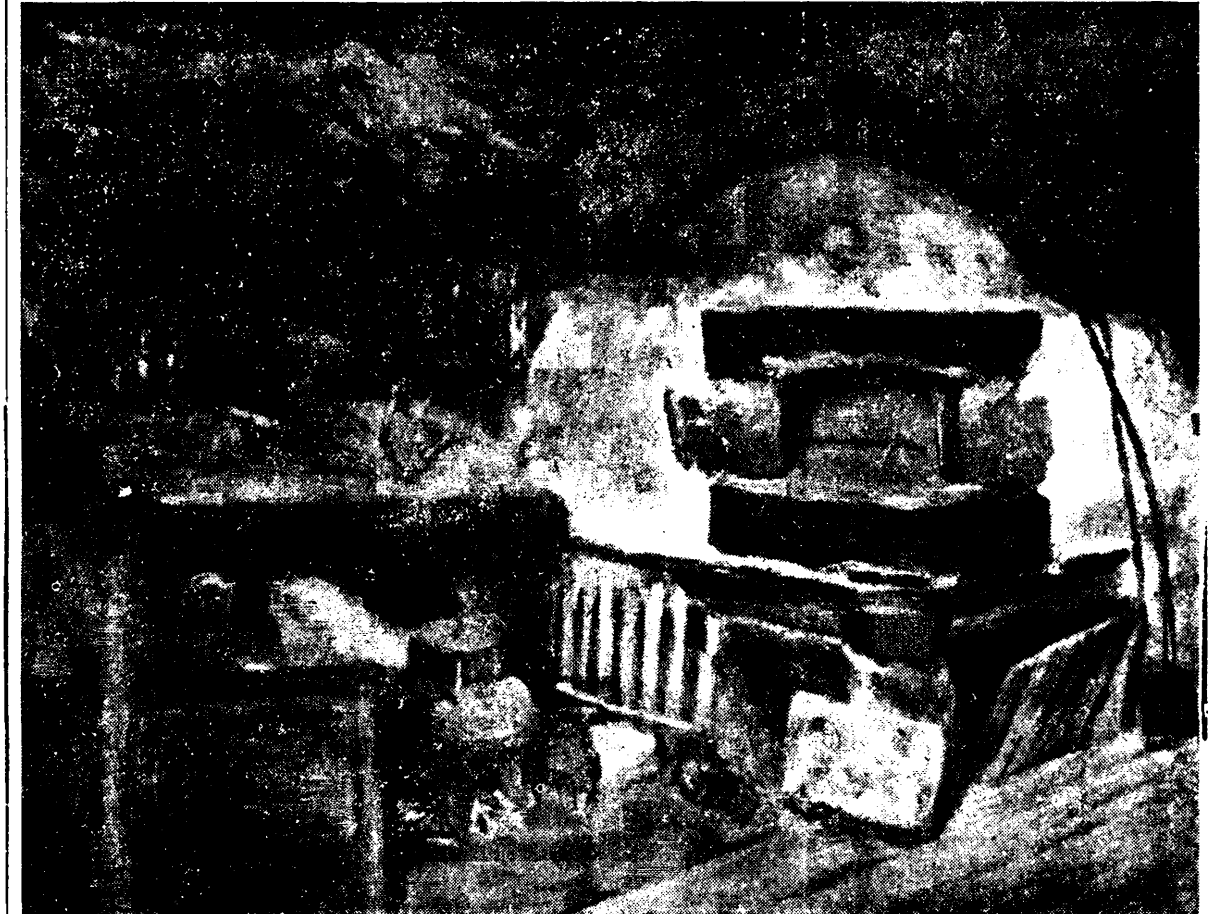
Conta-se com o pagamento das assinaturas, voluntariamente aceites ou consentidas e quando o recibo aparece à porta do assinante este não se liquida e muitas vezes não se dá resposta nem aviso, nem devolve o jornal. E, por consideração para com o Senhor F., que é pessoa respeitável, ou porque, se suspender o envio do mesmo, não mais virá um centavo e confia-se ainda na honradez de assinantes... o jornal não vive de ar, e as despesas, no fim da semana, são certas. Triste condição da imprensa provinciana!

E pena. A província, longe da capital, as freguesias, escondidas nos montes, os abandonados e esquecidos, não têm outro defensor das injustiças e dos seus direitos, não têm outro eco que possa ouvir-se fora da sua casa, da sua rua, da sua aldeia, do seu concelho, da sua Província, senão o eco da desprezada imprensa, do humilde jornal provinciano, que abnegadamente e desinteressadamente defende com interesse as aspirações dos fracos.

Honremos pois a Imprensa Provinciana, saudemo-la nas horas próprias, cubramo-la com o nosso carinho. Ao *Notícias de Guimarães*, neste dia em que entra no 26.º ano da sua vida, as nossas saudações e os nossos agradecimentos sinceros.

GERESINO.

PADRE CARLOS.



COZINHA RÚSTICA (MINHO)

Quadro do Prof. Abel Cardoso feito para a exposição das Belas Artes deste Ano. Foi-nos oferecida a gravura com estes dizeres:

«Meu Caro Antonino:

Aí vai uma «Cozinha» que, embora «rústica» e modesta, tem um bom forno para nele mandares assar um cabrito para a BODA do teu jornal, em homenagem a essa data. Parabéns, pois, e um abraço do teu amigo

(a) ABEL CARDOSO.»

JORNALISMO E JORNALISTAS

(Continuação da 4.ª página)

na mais apurada ou tauxiada taça de prata ou ouro que como prémio é o maior que os — homens — costumam dar. Mas como felizmente ainda há quem aprecie os valores do espírito, o jornalista autêntico poderá em boa justiça contar com a gratidão e a estima dos que valorizam este labor contínuo e silencioso.

Tende pois esperança homens do espírito; se fostes chamados por especial vocação para serdes os mentores da alma social, Deus, Autor da sociedade que servis — Espírito por Excelência — terá guardado para vós e com justiça, um inacabado Prémio que só os homens como vós saberão apreciar; que não é de prata nem ouro, é certo; mas que tão-pouco os «ladrões» poderão roubar nem a traça poderá destruir... Se vos parecer bem podeis continuar.

AURELIO FERNANDO.

FALUA

N'uma levantina falua eu queria regressar ao que fui e não serei, ao que serei e não fui.

Queria que as águas do Tejo fossem mais verdes, que a espuma tivesse a renda mais branca, que a luz do dia fosse mais forte e mais crua.

Queria que tudo fosse como se nada tivesse sido e que de regresso ao silêncio, à perene paz das coisas, o meu sonho fosse enfim a última labareda, a derradeira chama do incêndio do que em mim eu mesmo fui, sem poder extingui-lo:

E pouco mais queria ser do que afinal ter sido; um instante apenas; um sonho apenas e nada mais.

Quinta da Filipa, Novembro.

CORREIA DA COSTA.

NO MEU CANTINHO

Os meus cansados 85 só me dizem: é profundo, profundo, o amor que mantenho ao famoso Jornal do Antonino.

HARMONIA UNIVERSAL

AO JOAQUIM NOVAIS TEIXEIRA.

Lentamente esmorece em agonia; A voz clara que mana do meu peito! Solidão que distende o próprio leito A todos os caminhos que eu seguia.

A escala que a mim próprio me media A grandeza dum sonho tão perfeito, Marca o zero, o pó de que sou feito, Captivo da invencível Harmonia!

Entre a vida e a morte encadeado; Ponto de luz num rastro ilimitado, Sou parte intemporal da realidade!

Senhor... se és a suma Inteligência E a fonte da humana consciência, Sacia-me este afã de eternidade.

I. V. C.

Ao Antonino

Já é uma grande vida o quartelão! (Quantos morrem mais cedo ou ao nascer...) Se a vida, que se vive, é pura e sã Sente a gente a alegria de viver.

Sofre-se, é certo, muita ingratidão Por muito querer-bem e bem-fazer. Mas a Bondade, sempre, está no pão Quando aos pobres o damos a comer.

P'ra todos os que foram dessa Casa E dormem hoje, alguns, em cama rasa, Eu rezo uma Oração de Saudade.

P'ra si que é toda a alma do «Notícias», Esta minh'alma morta de carícias Abraça a sua alma de Bondade.

Janeiro de 1957.

DELFIN GUIMARÃES.

BREVE ALOCUÇÃO

VAI o jornal *Notícias de Guimarães* celebrar o seu 25.º aniversário.

Bem merece, por múltiplas razões, que todos aqueles que nele colaboram, se associem às suas *Bodas de Prata*, ajudando-o a celebrar também, daqui a mais vinte e cinco anos, as suas *Bodas de Ouro*, e assim sucessivamente...

Ora, o digníssimo Director de tão simpático como útil semanário, o meu Ex.^{mo} Amigo Sr. *Antônio Dias Pinto de Castro*, em carta datada de 2 de Novembro, solicitou a minha colaboração para um «Número Único» que está a ser organizado.

Com imenso prazer acolho o seu pedido e a ele correspondo, enviando-lhe as palavras que proferi, em 11 do corrente, junto à sepultura de um grande Amigo meu e grande Amigo também de Guimarães: o Dr. *Pedro Vitorino*.

Além disso, vão na presente alocução algumas notícias de interesse, sobretudo para quem conheceu o ilustre investigador e se dedica à Arqueologia e à História.

Senhoras e Senhores:

Um ano é já volvido sobre a última romagem que fizemos a este mesmo lugar, com idêntico propósito, com igual emoção.

E muito me apraz reconhecer que existe quem a esta romagem nunca falte; quem, invariavelmente, com bom ou com mau tempo, a ela se associe, cumprindo, deste modo, um sagrado dever e praticando um gesto do mais elevado sentido moral.

De resto, quem visita os Mortos demonstra não esquecer o que lhe foram queridos; prova, de modo insuspeito, que no seu íntimo se mantém a lembrança, sempre viva, daqueles que mais amou.

Recordar um amigo, um amigo como foi Pedro Vitorino, um amigo como há tão poucos nos tempos que vão correndo, sincero, leal, sem reservas, constitui ou deve constituir gratíssima tarefa para espíritos bem formados, para corações sensíveis, para todos quantos nesta vida cultivam, quais flores das mais mimosas, flores de alma de perpétuo viço, a *gratidão*, a *amizade*.

Dignos de louvor, sim, aqueles que apreciam o convívio dos amigos para lá mesmo da sua morte: os que partiram já não falam — bem sabemos —, já não ouvem, já não sentem nem respondem, mas, falando nós com eles, procurando-os nas suas sepulturas, na sua morada eterna, evocando-os, evocando a sua memória, como que os trazemos mais uma vez à nossa presença, de novo os atraímos a nós, ao nosso convívio, e assim praticamos um acto nobilíssimo, capaz de evidenciar toda a sinceridade e delicadeza do nosso sentir.

Frase de génio esta de Herclano: «... A memória é o instante de repouso, e a saudade o clarão enorme que nos ilumina».

Para mais, Pedro Vitorino era daqueles que inspiram e irradiam simpatia.

Homem de poucas falas, macambúzio, possuía, não obstante, uma maneira de ser, uma afectividade, que inteiramente se opunham à sisudez do seu aspecto físico, à sua máscara severa.

Julgá-lo-ia frio, seco, hermético, quase insociável, quem o não conhecesse ou o conhecesse mal.

Dotado, contudo, de amplo espírito de sacrifício, estru-

turalmente honesto, franco, a amizade de Pedro Vitorino era real, efectiva, daquelas que honram, que prendem para sempre.

Não mais esquecerei que, um dia, um filho meu teve um pequeno desastre, do qual resultou uma dor impertinente, suspeita, numa das mãos e penosos movimentos da mesma.

Receando que tivesse havido qualquer fractura, procurei o Dr. Pedro Vitorino em casa e solicitei dele um exame radiológico.

Passou-se isto num domingo à noite e desde logo se ajustou que, no dia imediato, de manhã, eu me apresentaria com a criança na Faculdade de Medicina ou no Hospital Geral de Santo António — já não me recorda bem — para o referido exame.

Assim fiz; mas, logo desde a entrada da porta, comecei de notar que todo o pessoal revelava espanto ante a presença do Dr. Pedro Vitorino e, em dada altura, não pude deixar de lho fazer sentir.

Respondeu-me muito simplesmente: — «E que eu tencionava ir hoje para fora e tinha prevenido disso toda a gente; a estas horas devia eu estar já muito longe daqui!» — «Então porque não teve a franqueza de mo dizer?», perguntei, de veras penalizado. — «Ora essa! Para que havia eu de lho dizer? Para que se fizerem os amigos? Não me dirá?...»

E com a maior das naturalidades, sem o mais leve sinal de aborrecimento, procedeu ao exame cheio de paciência e solicitude.

Tal era Pedro Vitorino. Entregava-se de corpo e alma ao trabalho, às causas que servia, e lia-se-lhe no rosto uma satisfação plena: foi assim como Homem, foi assim como Médico, foi assim como Cientista.

Também não foi diferente como Soldado da Guerra de 1914-18, nem tão pouco como Soldado da Paz, enquanto prestou calorosa assistência médica à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Porto.

Pedro Vitorino sempre constituiu, por essa razão, par amim, um exemplo e um guia.

Sincero, sem vaidades excessivas, sem ganâncias materiais de qualquer espécie, incapaz de uma injustiça ou de uma afronta, ignorando em absoluto o que fosse calcar terceiros para seu benefício pessoal, contentando-se com ganhos insignificantes e quase não fazendo outra clínica senão a gratuita, Pedro Vitorino conquistou pleno direito a ser recordado com veneração, com ternura, com profunda saudade, porque foi, acima de tudo, um *sacrificado* e um *bom*.

Como tal — sinto deveras dizê-lo — não evitou as decepções do costume, as inimizações e invejas de sempre, as injustiças com que em geral se remuneram as sinceras devoções; não escapou aos efeitos dolorosos das vaidades de certos homens; não deixou, enfim, de experimentar o amargo de algumas situações imerecidas.

Mas pouco ou quase nunca se queixava; o seu rumo estava definido; era sempre o mesmo e um só: para diante. Não deixavam, felizmente, de ser conhecidas por alguns as suas qualidades.

Numa carta que há dias me endereçou, por exemplo, o distinto Professor de Patologia Cirúrgica da Faculdade de Medicina do Porto, e digníssimo Vice-Reitor da nossa Universidade, Doutor Fer-

Martírio de Santa Cassilda

(PARAFR. DE T. GAUTHIER)

*Como ela repelisse; austera, em santo ardor,
A insídia torpe e vil do impávido pretor,
Este, com voz de ameaça e ódio jamais visto,
Mandou-lhe, uma vez mais, que renegasse a Cristo.*

*Virgem de nobre estirpe; orgulho de romana,
Filha do velho Lácio, ativa, soberana,
Cassilda respondeu; enérgica, formal:
«Jamais renegarei a Cristo, o meu Ideal!»
E o mísero ordenou aos feros canibais
Que lhe cortassem cerce os seios virginais.*

*Cruel, voluptuosa, a mergulhar no abismo;
A Roma epicurista, à voz do paganismo,
Em sangue de martírio abria novas tumbas:
Semente de cristãos; à luz das catacumbas,
As legiões do Bem, no redondel da arena,
Morriam por Jesus, na morte mais serena.
E, sob o ferro algoz, entoando hinos de amor,
Canta a Mocidade, como lírio em flor.*

*De idílica clareira; ao pé do Aventino,
Na doce placidez do Tibre cristalino;
Onde a paisagem bela é rica e mais virente,
O sol é mais brilhante e o rio mais 'splendente,
Fizera o vil pretor, ardendo em fúria insana,
Cenário a divertir a fera plebe humana.*

*'As tranças de azeviche; a ondular ao vento;
O olhar posto no Céu, em santo encantamento.
A Virgem, de pé firme, extática, fremente,
Abriu, de par em par, as vestes prontamente;
E disse ao seu algoz, em clara voz, discreta:
'Completa, centurião, tua tarefa abjecta!...*

*'Acha de fino gume, adrede preparado,
Logo lhe despediu o golpe tão ansiado.
E que se viu depois, no trágico cenário?
Mais sangue redentor banhar novo Calvário!...
Dois discos virginais, manancial doirado,
Enchendo de rubi o solo ensanguentado!...
'Aos pés; dois semi-globos, vivos, palpíntes,
Seios de puro amor, virgíneos, anelantes!...
Cassilda a entoar, no mais celeste gozo,
Cantos de eterno amor ao seu Divino Esposo!...
Enquanto, extasiado, em célico delírio;
Um anjo lhe entregava a palma do martírio!*

*O mártires do Ideal, raios de eterna luz,
Bendito seja o vosso estoico heroísmo!
Vós sois pérolas finas esmaltando a Cruz,
Em que nasceu a Dor e sucumbiu Jesus!
Bendito sejas tu, austero Cristianismo!*

Janeiro de 1957.

MENDES SIMÕES.

nando Magano, — o qual só aqui não está neste momento, no meu lugar, por motivo das múltiplas exigências legais e científicas do seu honroso cargo —, escreve o seguinte: «Eu tenho pela memória do Dr. Pedro Vitorino um carinho muito especial. Convivi com ele numa época «heróica» dos serviços radiológicos de que estive encarregado. Com frequência intercálavamos, contudo, nos rudes assuntos da investigação clínica momentos de devaneio ou crítica artista-arqueológica. Sempre colhi, do seu gentil espírito e da sua segura erudição, lições de alto interesse. Por todos os motivos eu devo-me à sua memória. Mas... não me pertence: a engrenagem pedagógica, as obrigações de estado, podem mais do que o meu sentimento e as inclinações do coração».

Mais que uma vez me tem sido cometido o encargo de escolher e convidar quem, em acto solene como o de hoje, se prontifique a pronunciar algumas palavras.

E-me profundamente consolador afirmar que nunca ninguém se furtou a tal missão, todos têm acorrido com

espontaneidade, sem constrangimento, sem relutância. Privilegiado, talvez, de Pedro Vitorino, pelo que foi na vida, pela austeridade do seu carácter, pela probidade do seu esforço no campo científico, pelo seu intenso labor material, pela sua liberalidade e dedicação.

E justamente por isso, sempre se me tem afigurado modesta em demasia esta homenagem anual dos seus amigos e de seu querido Irmão.

Por que não se vai mais longe? Mas como?

Pela minha parte, julgo trazer, desde já, esperançoso contributo a tão justa como merecida homenagem no futuro, com a declaração de que se vai proceder, dentro em breve, à legalização do «Grupo dos Amigos da Casa Vitorino Ribeiro» e com a promessa de, entre os objectivos desse Grupo, figurar, em primeiro plano, o da publicação integral da obra do Mestre incontestável, do Cidadão prestimoso e do Portuense ilustre, que se chamou Joaquim Pedro Vitorino Ribeiro, o *Pedro Vitorino* sempre estremecido e saudosamente recordado.

11 de Novembro de 1956.

BERTINO DACIANO.

TRIBUNA DUM GALENO

AS IDADES DA VIDA

A ideia do aniversário do *Notícias de Guimarães*, que hoje completa 25 anos de existência, foi a sugestão para aqui focar, muito ao de leve, as diversas idades da vida do homem.

Não quero dizer no entanto que na vida dos seres humanos haja limites bem definidos e certos.

Não há nem pode haver. O conjunto de circunstâncias que é necessário para que a vida se mantenha é variável de indivíduo para indivíduo. Depende de um conjunto de actividades, da inter-relação dos diversos órgãos, diferentemente estruturados mas trabalhando para um fim comum.

O desequilíbrio de um aparelho, a diminuição da capacidade funcional de um órgão pode dar-se em qualquer altura da vida quer por doença quer por outras circunstâncias muito variáveis, patológicas ou não, que podem conduzir à morte celular ou então a uma recuperação no todo ou em parte.

Normalmente, os seres humanos desde que nascem passam por diversos períodos de vida, mais ou menos longos, até chegarem à velhice.

Podemos considerar como o fases da vida a infância, a adolescência, a juventude, a meia-idade e a velhice.

A infância ainda pode ser subdividida em primeira e segunda infância, considerando-se esta última como o período escolar, até que surge a puberdade por volta dos 14 anos.

Há doenças que são próprias deste período e que vitimam uma percentagem enorme de crianças. Assim, nos primeiros anos de vida aparecem as enterites, e, na segunda infância, as febres eruptivas, quando as crianças começam a ter convivência.

A adolescência é o período da puberdade até à veridade, ao pleno desenvolvimento físico.

A juventude costuma representar-se por uma época de exuberância a que corresponde uma certa estabilidade morfológica. O homem tendo atingido nesta época todo o desenvolvimento físico, fisiológico e mental está à altura de bem cumprir as suas aptidões.

A juventude situa-se em geral entre os 20 e os 40 anos, permitindo esta época da vida o aperfeiçoamento e o desempenho cabal da actividade a que o homem se dedicou. Atingida a perfeição, a consciência plena, a idade madura da vida, o homem pode manter-se por um longo período senhor das suas faculdades, numa actividade perfeita. É esta a chamada meia-idade da vida e que se situa em geral entre os 40 e os 70 anos.

É a fase das grandes actividades, da verdadeira personalidade humana, do homem que pensa seriamente na vida económica e social.

É nesta fase da vida que o homem deve pensar no seu futuro, e preparar-se para uma velhice, que, sendo o descer da encosta, pode sê-lo suavemente, sem atropelos e ainda em plena razão espiritual e fisiológica.

A vida é um constante desbobinar de anseios, de atitudes, de preocupações físicas e mentais. Saibamo-nos guiar com correcção e moral; não desvirtuemos as nossas atitudes; sigamos verdadeiras normas fisiológicas.

A idade média da vida é já propícia a que diversos factores patológicos comecem a

fazer os seus estragos, a apressar a decrepitude. Convém pois encarar esta idade com verdadeiras defesas, pois ela pode-nos atrair quando nos encontramos desprevenidos.

Muito embora o homem se sinta razoavelmente saudável deve procurar o médico, aconselhando-se para acautelar o futuro.

Toda a máquina necessita de lubrificação de tempos a tempos. E tu não te esqueces de lhe dar.

A máquina humana não será da mesma maneira? Ou julgas que ela trabalhará indefinidamente sem qualquer auxílio?

Na verdade é muito triste vermos que, quando a experiência, o desenvolvimento do senso crítico e o afinamento de tantas qualidades morais e espirituais, que são próprias da meia idade, e podiam propiciar a muitos indivíduos a oportunidade de serem úteis à sociedade e a si próprios, o seu destino é duma maneira brusca interrompido por qualquer uma das doenças próprias desta idade como a hipertensão, a cirrose hepática, ou uma doença cardíaca, tantas vezes originada na arteriosclerose mal vigiada.

A medicina da meia-idade é uma medicina preventiva em que é necessário, como já dissemos, cooperar o doente com o médico, e manter-se em vigilância.

Se assim soubermos proceder, a meia-idade será, como dissemos já, de verdadeira actividade.

E o que é a velhice? A velhice é uma noção perfeitamente subjectiva. Não é lógico dizer-se que tal homem é velho só porque atingiu mais de 70 anos. Há homens novos que estão envelhecidos e há outros com mais de 70 anos e em pleno uso da razão e do trabalho.

A Geriatria ensina-nos a prolongar com saúde a velhice, ensina-nos a conhecer melhor os aspectos fisiológicos, nutricionais, psicológicos e patológicos do processo do envelhecimento.

Muito haveria que dizer ainda sobre as diversas idades da vida e principalmente nos capítulos da fisiopatologia e do tratamento. Esses assuntos não merecem no entanto serem aqui tratados.

Encontra-se também no período da juventude, o *Notícias de Guimarães*, com os seus 25 anos, a época do amadurecimento das ideias e dos princípios que norteiam uma vida.

Como órgão da Imprensa Regionalista cabe-lhe grande responsabilidade na orientação pública, na defesa dos interesses locais e do património nacional.

Não esqueçamos nenhum de nós que Guimarães sendo sede dum concelho laborioso é também o Altar da Pátria, que todos os portugueses, cónscios dos seus deveres devem amar e visitar em peregrinação votiva.

Por isso a imprensa local deve manter sempre acesa a chama do amor pátrio, destacando a grandeza do nosso passado, da Terra da Fundação da Nacionalidade, e os interesses que visam ao engrandecimento de Guimarães.

Assim o esperamos todos nós, certos de que o *Notícias de Guimarães* cumprirá a missão que sempre foi sua divisa.

J. SOARES LEITE.

VIZELA — RAINHA DAS TERMAS?!...

ENGASTADA num vale feracíssimo, quase distendida na posição de uma cruz irregular com a variante maior na direcção Noroeste-Sudoeste e a menor Este-Oeste; rodeada de um ondulado suave de colinas pouco elevadas, vessadas e campos em tabuleiros pequenos socalcando os seus pendores; enramilhada por uma flora magnífica e variada na qual predomina o verde ferrete dos pinhais bravios e o verde crisólito das carvalheiras meãs tão minhotas; sulcada por torrentes cristalinas de vários córregos e regatos ornamentados de salgueirais, amieais e álamos de espessas ramagens; ornamentada por almargens viçosas cor de verde salsa e leiras solheiras de milheirais úberes e videiras balouçantes ou em parreiral aplanado, perfuradas aqui e além por medas fusiformes de palha canteia ou milhoa, descansa indolente a maneirinha Vizela. Rainha das Termas de Portugal.

No cimo dos montes, ensombrados pela diáfana neblina azulínea da distância, repousam capitéis modulados por colares de pérolas gigantescas de granito acinzentado, como claustros de cenóbio místico franjando o céu de anil puríssimo, rodeando toda a beleza do quadro como uma coroa gigantesca deste vale que é verde, «deste verde que é o riso da terra», riso que nem é alegre nem triste, mas suave, leve e harmonioso onde o Sol põe laivos de ouro e rosa nos poentes melancólicos do Outono. Por entre estes cabeços agrestes, rompendo modestas e solenes na sua velhice por entre retamas e mimóseas em flor, espreitam capelinhas rústicas medievais que a mística religiosa do campónio anónimo erigiu, onde vão os serões infantis cantando loas em louvor do orago que veneram, onde em tardes romarinheiras se debica um opíparo almeiro, onde a harpeolia invernal canta salmos de fantasia no silêncio da noite. Ao fundo, no vale circunscrito pelos sopés dos outeiros, nos intervalos da carpente verde policroma o florido azulíneo dos linhais, o ouro pálido das vessadas opulentas de centeios ou milheirais seródios, papoilas silvestres, madressilvas, montrastes e alecrins perfumados num limitado ondulado de terreno que o Vizela serpenteia, por entre fetas e musgos em cascatas prateadas quase contínuas, cachoeiras que se despenham mansamente por entre tufos de amieais e salgueirais entrancados a que azenhas rústicas cobertas de heras fresquinhas, pequenas e viçosas hortas plantadas pela mão diligente do solitário azemel ou pombais desconjuntados onde arrulham casais de pombinhos alvos de neve, dão uma nota de vida humana.

Por entre caminhos desnudos e estreitos, calçados por lágeas antigas, entaipados por vezes entre muros arruinados de pedra solta, patinados pelas intempéries do tempo, cemitérios de musgos e líquens ressequidos pelo rodar dos séculos como esqueletos esburgados num deserto de quartzo e mica, proliferam a esmo silvados enormes cheinhos de amoras verde rubras, palácios folhudos de rouxinóis artistas em noites luarentas de Primavera.

Por entre montinhos atufados de álamos, cerejais e castanheiros de amentilhos cor

de ébano, socalcos de cuidados, maris, rosas bravas cheirosas, beladonas traiçoeriras, lírios e pascoinhas distinguem-se o castanho escuro dos campos lavrados ressendando húmus, o verde salsa das jearas de pasto por onde borbulha a merugem, os vários matizes que se confundem como o verde dos pinhais em contraste com o verde dos eucaliptais e oliveais, a variedade das carvalheiras cor oca, o rosa velho das videiras a contracenar com algumas franças verdes, a maquilhagem dos séculos no granito disperso a esmo por entre urzes e sarças. O vale é estreito e entrecortado por vários fios cristalinos de água que canseiros procuram o Vizela. A paisagem aconchegada, com casais alvíssimos a espreitarem medrosos por entre maciços de verdura, pequenas cabanas de colmo onde saem sons de matraca teendo o linho, canções suaves que invadem as quebradas das colinas, grupos de bois anzêmolos embalados pelo «*boi lá lou*» do jovem pastor imberbe, num canto tão melancólico como demorado, e, bem ao meio, bem lá fundo, o casario disperso e quase cosmopolita de Vizela, adormecido entre ramilhetes de verdura, como um presepe saindo majestoso do cinzel de um Artista, como uma tela de maravilha saindo de uma paleta magistral.

Embalam-na as canções melódicas e inconfundíveis do seu folclore distinto e aprazível quando as moçoilas regressam das sachas, das ceifas, malhas ou vindimas — hoje infelizmente adulteradas por canções estranhas importadas de *cabarets* duvidosos — tão rico em harmonia, moralmente são e simples, comezinho na vaidade aldeã, grandioso na poesia popular, que tanto nos deleita a alma, nos delicia o espírito.

E esta raça luso-galaica, aparentada com romano-godos, agarrou-se profundamente à terra, a esta terra linda que os viu nascer, os criou e aos seus avoengos de antanho, que sacharam e lavraram em tardes de poentes rubro-ouro, estas leiras úberes e poéticas de entre o Ave e o Avizela, no términus deste Minho de encantos que heróicamente resistiu às invasões bárbaras agarrados à terra mater como a hera vulgar aderente ao rochedo, dormindo beatificamente em qualquer recanto sombrio e triste, gasalhado pelas franças robustas e umbrosas de qualquer carvalheira gigantesca.

Este povo dolicocefalo, moreno, dum moreno claro, com olhos negros sonhadores, irradiando ternura na alegria, leoninos no ódio intenso, envergou na humildade, sorrateiro e astuto no negócio, que se não confunde e se não hesita em transportá-lo aquém milénios aos vales rosado-verdes da Iber-Asiática, onde presumem os entendidos tiveram proveniência.

Terra fecunda revolvida a ferro e fogo, regada a sangue, suor e lágrimas dos seus aborigenes quando a barbárie dos povos invasores ou conquistadores a calcaram, submetteram, talaram campos e vinhas, destruíram casas e templos reduzindo os povos à escravidão, até ao último conquistador — suevo-godo — que a unificou sob a sombra da Cruz, impulsionou para a vida esta raça Lusitana que fez tremer o Mar, o Mar que mais

tarde foi a sua Alma, o seu Esplendor, a sua Vida.

O hidrotopónimo Vizela formou-se, disso estou convencido, do diminutivo latino de Avis.

Avicela — (o Dr. Pereira Caldas opina ter origem no celta?) — que com a queda do A inicial deu o potamónimo Vizela — (a água em menor quantidade que em Avis=Ave) — e que associado ao hidrotopónimo Caldas — (do latim Calda, ac=exprimindo a temperatura da água — (quente) — neste caso) —, com que nos princípios do século XVIII se designavam as termas de Vizela — (Caldas de Vizela).

Mas na antiguidade, nos recuados tempos romano-suevos — eram conhecidas por *Oculus calidarum* (Concílio de Lugo — no ano de 607 — e no reinado do Rei Teodomiro dos Suevos) —, como em outros documentos dos séculos IX, X, XI, XII, XIII e XIV que no-lo atestam como sendo *ocu-*

igreja e todas as quintas que o envolvem designam-se, ainda hoje, por Santa Suzana. Os civilizadores romanos possuíam um luxuoso balneário — (*Oculus Calidarum*) — que destruíram.

Ficou, pois, reduzida a ruínas famosas águas termais, até que na época medieval novas e silêncio a região das célebres águas que eram conduzidas em pipas para vários pontos do País. Depois um novo e profundo silêncio até que ao partir do primeiro quartel do século XVIII várias construções de herdades e casais amplos e de boa traça principiaram a aparecer no vale. Até aí estes terrenos estavam entregues aos fidalgos de Riba-Nespereira, Sá, Gominhões, mosteiros de Vilarinho e Santa Marinha da Costa, sendo quase toda a freguesia de S. Miguel, Reguengo da Rainha, que os aforaram a humildes lavradores, com excepção de meia dúzia de casais independentes. Principia o interesse por estas águas minerais importantes, cuja

No lugar do Médico ou Azenha a bica do Médico (hoje tapada não sei porque razão) — o Banho do Médico e o Banho da Porta.

A população vizelense principia a crescer. A Câmara toma conta dos Banhos e os chomens bons de Vizela estabelecem um hospital (hospício) para doentes pobres. Uma força de Infantaria sob o comando de um sargento instala-se numa das casas de Vizela com o fim de receberem soldados que vinham de várias partes para tratamento hidroterápico.

Finalmente, em 1870, fundou-se a Companhia dos Banhos de Vizela, por acordo com a Câmara Municipal de Guimarães; e as suas águas foram cuidadosamente captadas e conduzidas das suas nascentes para o sumptuoso estabelecimento balnear «com todos os cuidados requeridos pela ciência para que as águas cheguem ao local da sua utilização no mesmo estado de pureza e integridade química em que brotam das nascentes».

E, nesse mesmo ano, o caudal orçava por *meio milhão* de litros em 24 horas.

Este estabelecimento termal, instalado na margem direita do rio, já na freguesia de S. João, está apetrechado com toda a aparelhagem moderna, em luxuosas salas e quartos individuais para todas as aplicações externas e internas nas mais variadas das suas águas, cuja temperatura forma uma escala termométrica que varia de 15° a 65,5°. As suas aplicações vão desde as moléstias crónicas das vias respiratórias, rinites, faringites, laringites, bronquites, asma e eufisema a sífilis, moléstias de pele, linfatismo, escrofulismo, reumatismo, etc. Assim, os números estatísticos de tratamentos gerais aplicados no Balneário foram os seguintes: Ano de 1900, 5.510; ano de 1902, 5.466; ano de 1903, 6.971; ano de 1904, 7.286; ano de 1905, 6.774; ano de 1906, 7.616; ano de 1907, 6.702; ano de 1908, 6.257... ano de 1926, superior a 26.000 aplicações, etc.

A sua população subiu rapidamente de ano para ano, como se vê por os números seguintes: em 1757 as duas freguesias tinham 275 fogos; em 1874 as mesmas tinham 460 fogos; em 1923, tinham 618 fogos; em 1923 tinha 2.655 habitantes; em 1942, 5.500 (?) habitantes; em 1952 tinham 2.000 fogos e 6.000 habitantes sensivelmente.

No espaço de tempo decorrido entre 1757 e 1874, ou sejam 117 anos, registou-se o aumento de 185 fogos; de 1874 a 1923, ou sejam 49 anos, um aumento de 158 fogos; de 1923 a 1952 um aumento de 1.300 fogos e um aumento de 3.345 habitantes aproximadamente.

O desenvolvimento industrial e comercial principia a subir rapidamente com a instalação de fábricas de papel, serração, tecelagem e moagem.

Brasileiros e ingleses preferem-na. As principais figuras da política, da nobreza e do Clero como Luciano, Hintze Ribeiro, João Franco, Afonso Costa, Arriaga, Teófilo Braga, Brito Camacho, Bento Carqueja, Charles Lepierre, o Cardeal Mendes Belo, Conde de Calheiros, infante D. Pedro, etc., visitam-na.

A Família Real, como prova de apreço, distingue os Bombeiros locais e o Grande Hotel Cruzeiro do Sul com o título de *Reais*.

Correia de Oliveira, o mimoso poeta de Belinho, estima-a e dedica-lhe versos; Camilo Castelo Branco, o grande vernaculista português visita-a inúmeras vezes e dedica-lhe algumas páginas nas suas obras monumentais; D. António da Costa, o escritor fidalgo, o viajante impenitente, o amigo sincero e leal de Vizela, jornalista distinto e fidalgo impecável, visita-a longamente todos os anos como num preito de homenagem. Propositadamente deixei para o fim deste o distinto escritor D. António da Costa, quando por ordem cronológica deveria ser o primeiro.

Uma razão imperiosa a isso me forçou...

Seriam, então, os vizelenses que num excesso de amor bairrista alcançaram ao grandioso título honorífico de *Rainha das Termas*, esta Vizela erótica, pérola do concelho de Guimarães?!... Não. A eles não lhe cabe esse peccadilho de amor pátrio — se o fosse — mas sim ao insigne escritor D. António da Costa. Finalizemos. O fecundo escritor padecia de um reumatismo pertinaz e em procura de alívio para os seus padecimentos tinha percorrido todas as termas portuguesas, muito em especial Caldas da Rainha, e algumas estrangeiras, sem conseguir debelar o atrás sofrimento.

Alguém falou-lhe de Vizela. Estavam ainda de pé as primitivas barracas da Lameira e ainda funcionava a estalagem da Tia Josefa, que ele celebrou no seu livro *O Minho*, relatório de viagens com intenção literária.

D. António da Costa procurou-as imediatamente. Hospeda-se nessa velha estalagem da «Penha-longa» inicia o tratamento e ao cabo de algum tempo vê desaparecerem-lhe as horríveis dores, o mal que tanto o tinha feito sofrer. Profundamente reconhecido o fidalgo escritor, num magnífico artigo publicado em *O Comércio do Porto*, proclamou *Vizela Rainha das Caldas*, exteriorizando deste modo a sua gratidão às afamadas águas sulfúreas que o aliviaram de um sofrimento horrível.

Eis quem coroou publicamente as nossas famosas termas de Vizela com um título justíssimo que tão bem lhe fica, que ostenta com tanto garbo e orgulho.

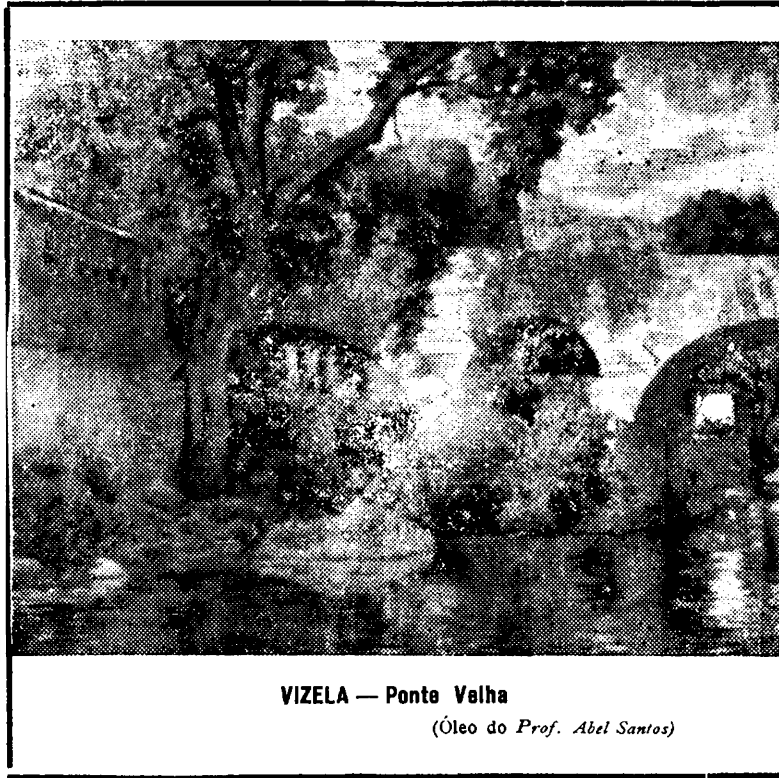
Vizela, Rainha das Termas de Portugal?

Sim, incontestavelmente, por tudo.

Pelo seu sumptuoso balneário, pela miraculidade das suas águas sulfúreas, pela sua posição topográfica na bela e risonha província do Minho, pela beleza incontestável da sua paisagem, pela sua magnífica posição turística — (aliás inexplorada) —, pela grandiosidade do seu folclore — (aliás deturpado e inexplorado) —, pelo seu cosmopolitismo, pelo seu clima ameno, pela lhanza e fino trato dos seus naturais Vizela é, e continuará a ser, não só a Rainha das Caldas Portuguesas mas também a Rainha das Termas Ibéricas, a Rainha do meu coração, a quem tanto quero «como às meninas dos meus olhos».

Vizela, 29-12-956.

FRANCISCO ARMINDO PEREIRA DA COSTA.



VIZELA — Ponte Velha

(Óleo do Prof. Abel Santos)

lis calidarum, bem assim como vários documentos que Afonso de Leão assinou em S. Miguel das Caldas e que terminavam... *fecit in ecclesiae Sancti Michaelis in Oculus Calidarum* — (14 de Agosto da era de 1052-1014 anos de Cristo) — feita — (a carta, o documento) — na igreja de S. Miguel dos Olhos das Caldas...

(*Oculus* = Olhos, buracos arredondados onde borbulha a água quente). O certo é que a partir do século XV desaparece esta designação para dar lugar aos toponímicos S. Miguel Arcanjo de Riba-Vizela — (Ripa nos documentos antigos) — e S. João Baptista de Gominhões de Riba-Vizela, até aos fins do século XVIII.

A partir de então firmou-se o toponímico Caldas de Vizela. Não nos restam dúvidas que exabundam os vestígios romano-suevos, e que o amplo outeiro encimado pela vetusta igreja de S. Miguel fora um castro importante, reduto amplo e bem fortificado, com um sistema perfeito de irrigação e canalização, sobranceiro às termas grandiosas que se entendiam a seus pés. Ao redor, em certos montes, outros vestígios nos aparecem de bons fortins, refúgio das legiões e dos escravos que trabalhavam as terras. Aventa a hipótese de ter nascido neste castro S. Torcato e Santa Suzana, José Diogo Mascarenhas.

Tem graça que o casario que fica um pouco abaixo da

fama já ia longe e cujos enfermos as procuravam avidamente. Em 1837 a Câmara Municipal de Guimarães lançou o imposto de 40 réis por cada pipa que se colhesse.

As instalações que se seguiram eram o que havia de mais rudimentar e anti-higiénico. Eram barracas de madeira a tapar os tanques, alguns cobertos de vistosos mosaicos romanos. Alguns tinham nomes pitorescos. No Mourisco, por exemplo, existiam 3: — O Banho de Cima, o Banho de Baixo e o Banho Novo, dedicados a *Borman*, deus das águas; antropomorfização de uma fonte, *Bormos*, do borbotão de água, da fonte que borbulha, e «que nos permite levar a sua antiguidade mais além do período romano, pois vemos a fonte consagrada e personificada num deus que nada tem de romano». Depois seguiram-se as da Lameira, hoje Praça da República e que eram as seguintes: — Banhos do Mourisco, Quarto crescente, Lua Nova, Quatro Cabeças, Contra-forte, Lua Cheia, Meia Lua, Bomba Branda, Bomba Forte, Tanque das Pipas, Bica da Lameira, Sol, Banho Novo da Bomba Forte, Banho do Provedor, Banho da Humanidade.

No lugar de Velmenso — ao cimo da Rua Dr. Pereira Caldas — outrora Rua da Rainha — referindo-se a Vizela — Rainha das Termas — a bica de Velmenso.

O homem e a Natureza

QUEM agora se queda um pouco na contemplação dos maravilhosos quadros de verdura que este rincão minhoto nos oferece, está muito longe de supor como seriam bem mais maravilhosos outrora.

Em recuadas eras, o homem não queria da floresta se não aquilo que ela abrigava: uma fauna rica de espécies, a que ele dava caça.

E, assim, ela era a resultante do sistema solo-clima, com o qual estava em equilíbrio, nas suas múltiplas e complexas dependências e interações.

Porém, à medida que o Mundo foi sendo pequeno e se começou a esboçar aquilo a que hoje chamamos concorrência, o homem começou a ter de produzir. E quando teve necessidade de lançar a primeira semente à terra, a sua luta contra a floresta estava iniciada. Havia que conquistar-lhe o terreno de que necessitava para as suas culturas, numa agricultura nómada, que mais agravava a necessidade de terra.

Talvez a primeira arma fosse o fogo. E, embora a primeira, nenhuma foi tão eficiente como essa na destruição que interessava ao homem. Era eficaz, rápida e deixava o campo limpo para o homem cultivar o que lhe aprouvesse.

Sem o auxílio da sua aliada árvore, o solo era impotente para lutar contra o clima. E as chuvas, a principal arma deste, foram vencendo o solo, depauperando-o, arrastando-o, até o deixar miseravelmente reduzido ao esqueleto, enormes penedos, incapazes de sustentar urzes, numa região onde deviam existir árvores gigantes.

A floresta, dizíamos atrás, era o espelho do sistema solo-clima.

Porém, à medida que o Mundo para o homem foi sendo algo mais do que a parcela restrita limitada pelos montes que lhe confinavam o olhar, ele conheceu novas florestas, novas árvores, quicá mais frondosas, mais esbeltas ou mais úteis do que as que conhecia até aí.

E o seu desejo de as trazer para a sua região, era natural. Mas a sua entrada no agrupamento vegetal, traduziu-se sempre por modificação mais ou menos profunda na sua composição florística. Como há pessoas cuja vizinhança nos incomoda, assim acontece com as plantas.

Foi assim que o carvalho roble (*Quercus Robur*), principal constituinte da floresta primitiva da região, como prova o estudo das associações fragmentárias actuais, passou a ocupar papel secundário, devido principalmente à introdução do pinheiro bravo

(*Pinus Pinaster*), do eucalipto (*Eucalyptus Globulus*) e de várias espécies de *Acácia*.

São as duas primeiras, aquelas que actualmente representam maior volume florestal. E, embora reconhecemos as suas vantagens, a nossa paixão pela Natureza leva-nos a desejar que o velho carvalho roble não seja esquecido, vindo a ocupar ao menos parte do papel preponderante de outrora. E pena que sejam inconciliáveis os aspectos económico e biológico. Mas o homem acaba sempre por perder na sua luta contra a Natureza. E se por ora vai logrando vencer, insensivelmente vai sendo vencido. Com o carvalho vão sendo destruídas as companheiras da sua associação, incapazes de viver sob o coberto do pinheiro, e, pior ainda, do eucalipto ou das acácias.

E assim que a pouco e pouco vemos desaparecer o azevinho (*Ilex Aquifolium*), as giestas (*Cytisus multiflorus* e *C. pendulinus*), os tojos (*Ulex*), as urzes (*Erica* e *Calluna*) e tantas outras espécies, que faziam parte dos estratos arbustivo e subarbustivo do *Quercetum Roboris*, a possível associação climática da região.

Era esta a que melhor mantinha a integridade do solo, por ser precisamente a que dele resultou.

E as modificações na sua composição, são igualmente causadoras da destruição do solo e de modificações mais ou menos profundas no clima, principalmente no que diz respeito à humidade relativa e à queda pluviométrica.

Estamos numa era em que tudo se desenrola apressadamente. E o homem quer que a Natureza lhe siga os passos, que evolucione, que se transforme noutra em que os componentes lentos sejam abandonados. Sim, o carvalho roble é demasiado lento, não é árvore para essa Natureza evoluída que o homem pretende.

Preferiram-se-lhe o pinheiro bravo, importado das arceias marítimas e o eucalipto, que tem o seu habitat natural na longínqua Austrália.

Essas estão bem na Natureza cujo ciclo dura uma existência humana.

O carvalho foi vencido. Dele só restam alguns exemplares, mutilados pelo corte periódico das lenhas, e alguns, relíquias dum passado em que dominaram, a mostrar a majestade do seu porte.

Nós te admiramos, velho carvalho roble, porque foste o dominador destas terras ricas que nos rodeiam, com a imponência do teu porte e a força a que foste buscar o nome.

J. DIAS PEREIRA.

O MEU CARTÃO...

Meu caro Antonino:

Algumas linhas apenas, visto que pouco interessará aquilo que possa dizer quem, como eu, de muito longe vem fazendo parte da «móvil» do *Notícias*.

No entanto, é-me grato, nesta festiva data, louvar a sua acção de Director, pois a tanto querer e a tanta persistência se devem, incontestavelmente, os 25 anos que aquele agora completa, e que constituem, sem dúvida, grande soma de canseiras, de sacrifícios sem conta e de arrelias de toda a ordem.

Claro está que, a par disso, muitas vezes a sua consciência e a sua «costela» de vimaranense bairrista e entusiasta se

terão sentido satisfeitas e até orgulhosas pelo muito que Guimarães tem beneficiado com a existência do seu *Notícias*, o qual enfileira, sem favor, ao lado dos mais ardorosos paladinos que esta terra conheceu, sempre em luta acesa e viril pelo seu progresso e pelo seu prestígio.

Por isso, caro Antonino, aceite as minhas felicitações, às quais junto votos para que prossiga sem desfalecimento e com felicidades no caminho encetado há 25 anos, e que o *Notícias* continue a impor-se à consideração e à estima de todos.

Seu dedicado

J. GUALBERTO DE FREITAS.

MEUS... E DA FAMÍLIA

Amigo aqui estou, eu sou velho soldado, daquela antiga grei — «quebrar, mas não torcer» — assim fui educado. Assim quero morrer na terra que adoptei, neste Brasil amado.

Amigo aqui estou, faltar eu não podia em data tão feliz, tão cheia de emoção, eu venho-lhe trazer o meu xi-coração, meus parabéns, enfim, por este grande dia.

Mas eu não venho só, também vem a família que o acaso criou e eu tive que animar, uma família fixe, e que deu que falar por vezes, e causou também certa quizília.

Você já se esqueceu do tal CAMARA DÃO, de lança sempre em riste e muito impertinente? Mas nunca foi um mau, somente irreverente, sentindo-se feliz em meio à reinação.

O VELHOARDIDO foi irmão mais comedido, FRANCISCO ANTONIO só contou historietas, e o lirismo chegou com todas essas tretas de indomável paixão, um SAN bem delambido.

Também fui redactor, e sem assinatura escrevi, relatei em tom bem variado. Depois apareceu um tipo E. N. FASTIADO que queria sorrir, ter boa catadura.

A. N., irmão de SAN, amor e coração, era a vida, o querer, anseio, nada mais. Surgiu a minha vez, e como outros jornais fizemos festival de quadras — São João.

Mas inda falta alguém, mulher é por sinal, bem raquitica foi a nossa MARY COTTA; jerina e subtil por vezes, na lorota pequena e que escreveu de forma e sempre igual.

Sentia até prazer, gozava encantos mil com a tropa brincar — destina bem mofoino!! Mas um dia fatal, sem ser um assassino, matei toda a cambada e vim para o Brasil.

Aqui, eu sosseguei, que «quem não vê não peca», e cronista quis ser, mas fui cronista mau, do Amaral Neves, sim, bem feito, levou pau, e tudo terminou, então, levou-me a breca.

Hoje tudo mudou, são BODAS, e DE PRATA, e a tropa que matei ressurgiu reverente, dando-lhe os parabéns, pois é conveniente não olvidar, jamais, a data assim tão grata.

Rio, Nov. 1956.

SIMÃO NEVES.

O PAPEL DA IMPRENSA

EM FACE DO INDIFERENTISMO RELIGIOSO

PELO PADRE MANUEL MATOS.

DIZ Camilo que o indiferentismo religioso não é uma convicção: é uma paralisia da parte mais nobre do coração: um torpor dos mais elevados pensamentos: o silêncio de dentro que nos cala a prática das virtudes cristãs...

E continua o romancista insigne: — «Ateus não os temos; ímpios, sim, e muitos...».

Assim escrevia o celebrado autor do *Amor de Perdição* na apresentação da obra de Roselly de Lorgues: — *Jesus Cristo perante o século*.

Todos sabemos que um jornal é um difusor de ideias e não ignoramos que as ideias são as alavancas do mundo e do seu Progresso.

As grandes revoluções religiosas e sociais são obra sua. No elenco dos grandes Homens do Pensamento estão nomes que revolucionaram a Humanidade, traçando os ascendentes e descendentes da História.

Cristo e Francisco de Assis equiparam-se, no dizer de Renan.

Voltaire e Marx igualar-se-ão na impiedade destruidora. Todos deram rumos novos à História. Pode decidir-se dos destinos do Mundo nos campos de batalha, mas atrás dos canhões e dos exércitos está uma ideia a comandá-los.

Ora sendo o indiferentismo religioso, no dizer camiliano, menos uma convicção que um torpor, uma paralisia da alma, e verificando-se essa parali-

sia na colectividade a que se dirige a imprensa, bom lugar deve ocupar na imprensa o arauto daquele Evangelho que veio esclarecer a alma humana sobre o seu verdadeiro destino.

Está conspurcada a vida social com inúmeras injustiças, a vida política com invejas e ambições, a vida familiar com dissensões e adultérios e as estradas do mundo pejadas de aspides traiçoeiras.

Percorrem o mundo ideias que abrem túmulos para o corpo e para o espírito.

Espalhar, pois, ideias que dêem vida, uma vida nova, a este mundo decrepito e cansado, eis um dever imperioso da imprensa. A ideia religiosa, haurida nas fontes da Revelação, regenera o mundo.

E o mundo carece de regeneração. Ele precisa de levantar os seus olhos para o Céu, para Deus... Urge que recupere a Fé e a Esperança numa vida infinita de bem-aventurança.

Quantos deixam assomar aos seus lábios desdenhosos um sorriso vão e ignorantemente pretensioso, como única desforra das verdades evangélicas... Alguma-osa a culpa; prendem os o coração. Cega-os a riqueza. Estontea-os o pecado.

Pecado?! Já não crêem no pecado, porque desconhecem Deus e a sua Lei.

O Mundo perdeu-lhe a noção, afirmou Pio XII.

E o homem sem noção de

VARANDA DE PILATOS

DESTA vez não voltará o Pôncio as costas à verdade.

Nem o julgamento dos homens, ao sabor do que apetece julgar, será influído pelo maneio das turbas.

Tenho alguma vez estado na Varanda, outra vez cá em baixo, misturado com o povo, que também sou e aqui garanto que nunca tive propensão à entrega do Barrabaz.

Não sou dos que o preferem.

Prefero o Cristo chagado, exposto aos escárnios da multidão e às varadas dos proconsules, como o vai acontecendo sempre aos detentores e servidores da Verdade Superior.

Não se pode ser portador duma Verdade, que alguma vez se não tenha de subir ao pretório.

E o julgamento agora pode ser feito, sem medo das palavras e depoimentos equívocos.

* * *

O *Notícias de Guimarães* faz hoje as suas Bodas de Prata. São vinte e cinco anos duma existência levada aos cumos e aos declives da vida vimaranense, transpondo os vales e as alturas — e nem sempre o caminho terá sido, que não poderia ser, de sol, de clareiras, de luminosidades ardentes, auréola de sonho a circundar realidades veementes.

Também Guimarães não pisaria sempre tais caminhos, também o bordão nodoso do Caminho Glorioso dos Séculos seria ou não arrimo para a jornada de ansiedade...

E as imagens das sombras e das claridades, turvas no apagado contorno ou límpidas no preciso desenho teriam de passar na superfície polida dum espelho de reportagem, durante vinte e cinco anos, lâmina de reprodução objectiva, voltada para o decurso lento ou apressado das realidades vimaranenses, reflectindo alegrias, diástoles do coração em grandeza expansiva, projectando diluídas sombras, que seriam a certeza duma luz por elas escondida!

— A vida dum jornal!

Conheço aproximadamente desde a sua fundação o *Notícias de Guimarães* e o seu dedicado fundador.

Muitas vezes vivi uma vida comum de interesses cívicos e concelhios, ao contacto de uma vontade que sempre se anunciou como defensora dos interesses dum património sagrado. E sei que a defesa de interesses alguma vez se tem de calar, num silêncio prudente a que os Sábios da Sabedoria de Deus e dos homens chamam de oiro.

Defesa de interesses nem sempre é atirar com eles para a praça pública. Quando se atirou com o Cristo para a praça o que se condenou foi a Justiça!

O caso dos fariseus é outro.

Deus, nem da sua Lei nem do pecado, é, sem querer, uma fera sem algemas.

Chamavam à Religião — ópio.. Mas eis que as «feras» avançam, sedentas de sangue.

Contê-las? Como? Só novos mártires da Fé...

Urge, pois, despertar a Fé nas almas, para que o mundo se reencontre com Deus e reine a Paz.

Criar um ambiente de Paz no mundo é obra da Imprensa. Falhará, porém, no seu altruístico intento, se não tiver o sagrado empenho de levar o mundo a conhecer Deus.

Seja, pois, o nosso jornal um arauto da Verdade. «Deus é a Verdade».

E o dos sepulcros branqueados...:

Também sei que a carência do indispensável, que teimosamente se adia, gera os estados da indiferença e da descrença e que, quando a lealdade se sofisma, se passa ao ataque restabelecido do perdido equilíbrio.

Os valores de apreciação humana, pelos actos que os confirmam, têm dois pratos, como as balanças de qualquer avaliação.

A opção e a escolha são sempre o cotejo entre um valor a adquirir, por outro que se estabelece, de antemão fixado, quanto ao seu poder de aquisição.

Eu já digo onde quero ir ter: — quando a coisa não presta, não há ninguém que a deseje.

Conheço há muitos anos o Director deste Jornal.

Sempre lhe conheci o desejo de se rodear dos valores que em Guimarães fossem correntes.

Que os valores estivessem num ou noutro prato da balança... lá estaria um legítimo e insofismável amor de Guimarães, para levar o fiel ao equilíbrio.

Não me custa escrever assim.

E também já esta Varanda teve as cortinas corridas, quando o sol parecia queimar algumas flores que nela poderia dar gosto cultivarem-se...

Os aspectos da Verdade não são nunca mais ou menos verdadeiros.

Dizia o povo que ela era como o azeite, quando com ele se não andou a estragar o óleo!...

A vida deste Jornal tem sido a vida de Guimarães nos últimos 25 anos.

Nunca se faz a vida que se quer.

Faz-se a que se pode fazer.

Quando um ideal se escaca de encontro às pontas agudas dos granitos duma ascensão ao alto, não há mais do que subir mais alto, socorrido da criação alada, que nos transporta a colocar o sonho ao resguardo das agruras.

O amor das altitudes não termina no mais alto a que possam chegar os nossos passos, magoados da fadiga.

Há quem faça com que o sonho demore de estrela em estrela, na esperança de que ele seja um guia de luz aos olhos enamorados de ainda maiores altitudes.

Questão é que ele seja esperança!

Questão é que valha a pena esperar!

Aqui fica o desejo e o voto de que se não apaguem nunca as estrelas que algum dia viveram da luz duma dedicação, dum amor e dum serviço, realmente prestados à Terra querida!

* * *

Varanda de Pilatos, ora soalheira, ora feia.

Do Sol a pino ou das fealdades de se fazerem cruces ao *Canhoto*, se arranja esta vida, em que os destinos se marcam para novos rumos.

Sinto a Varanda cheia de sol.

Suba a ela, Director do *Notícias*.

Guimarães festeja consigo umas Bodas eternas, na alegria duma coincidência festiva e na Verdade, pela qual o seu Jornal se bateu, ao longo de vinte e cinco anos.

Se Pilatos voltar as costas e desta vez não voltará, sempre lhe digo que não tenha pena de que ele vá morrer longe, onde não cheire mal!

Parabéns, meu Amigo!

J. M. PINTO DE ALMEIDA.

UM INQUÉRITO DO NOSSO JORNAL ÀS DIFERENTES ACTIVIDADES VIMARANENSES

Ouvindo o Sr. Presidente da Câmara



O Sr. Presidente da Câmara Municipal conferenciando com o Ministro das Obras Públicas, em Guimarães

TENDO-NOS avistado com o ilustre Presidente da Câmara Municipal, que amavelmente nos recebeu, fizemos a Sua Ex.^a as seguintes perguntas que obtiveram os importantes esclarecimentos que aqui deixamos arquivados:

— O que será o ano de 1957 no panorama dos melhoramentos municipais?

— Predizer é sempre problemático. Mas, além de problemática, a formulação antecipada da solução de problemas, como os de obras e melhoramentos cidadãos ou concelhios, envolve sempre responsabilidade, e esta é tanto maior quanto é certo que tais realizações materiais não dependem unicamente da vontade, por maior que seja, da pessoa que as vaticina.

O certo é que há programas, estudos e projectos. Há, também, directrizes sérias, já iniciadas, em curso e para futuro.

Tudo isto é o produto de trabalho constante, persistente e confiante. Na seriedade e persistência do labor, reside, essencialmente, a nossa fé na realização de planos, previamente estudados. O arranço está à vista de toda a gente e é inegável.

Há, no entanto, que contar com factores que entravam a efectivação plena, normal e regular, dos melhoramentos que mais acarinhámos e mais desejamos.

Apontar embaraços, contando com eles, não é querer fugir às responsabilidades; é ainda predizer, com fundamento na experiência. Mas, sejam quais forem os embaraços, a nossa fé continuará inabalável.

E isto, é uma certeza. Já no Plano de Actividades para 1957, que mereceu parecer favorável do Conselho Municipal, e a que se deu publicidade na imprensa local e do distrito, eram indicadas as obras que a Câmara pretende levar a efeito.

No momento em que tal Plano foi aprovado previa-se que fosse contraído um empréstimo de 20.000 contos na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência para as obras relacionadas com o antepiano de urbanização da cidade.

Pelo Ministério das Finanças foi, para já, concedida autorização para um empréstimo de 10.000 contos, tendo sido dada pelo Ministério das Obras Públicas a indicação das obras que deste montante beneficiam.

Essas obras são:

a) Arranjo da Praça de Mumadona;

b) Idem do parque dos Paços dos Duques de Bragança;

c) Urbanização da zona do novo Liceu;

d) Construção da alameda de ligação do Largo 28 de Maio à Praça da República do Brasil;

e) Construção dum bairro de famílias pobres; e

f) Urbanização dos bairros de famílias pobres e de renda económica.

Evidentemente que todas estas obras não se concluirão no ano de 1957. No entanto, um grande impulso lhes será dado, sendo de admitir uma nova feição de grande valorização urbanística da cidade.

Isto no que se refere a grandes melhoramentos na cidade a realizar com o produto do empréstimo e auxílio financeiro do Estado.

Outros há que serão executados exclusivamente com as receitas próprias da Câmara ou em regime de participação. Estão neste caso:

1) A primeira fase da obra de saneamento;

2) Ampliação da rede de abastecimento de água;

3) Conclusão das obras dos ramais domiciliários;

4) Pavimentação da Rua da Liberdade;

5) Pavimentação e esgotos das ruas de acesso à Central de Camionagem;

6) Ampliação das redes de iluminação pública por forma a dotar deste benefício algumas zonas rurais; e

7) Diversas obras de construção, reparação e beneficiação de caminhos e estradas municipais.

Será dado um grande impulso à obra em curso de construção do edifício destinado à instalação dos serviços de Justiça e bem assim à obra já iniciada da Escola Industrial e Comercial. Temos a informação de que será iniciada a obra tão desejada

por todos os vimaranenses da construção do Quartel de Cavalaria 6.

— Como corresponde o Estado ao esforço financeiro do erário municipal no plano das obras superiormente aprovadas?

— Para as obras que têm de ser custeadas com o produto do empréstimo, já está fixado o auxílio financeiro de 3.000 contos e serão concedidas participações à medida que tais obras forem executadas depois de efectuadas as expropriações.

E de prever que no ano de 1957 sejam iniciadas pelo Estado as obras de construção do novo Liceu. Escusado será encarecer o largo alcance desta obra não só no âmbito educacional da população escolar vimaranense mas também no da valorização duma vasta zona a urbanizar e que será, sem dúvida, uma das melhores para a expansão habitacional da cidade, contribuindo largamente também para o enriquecimento arquitectónico e urbanístico da Praça de Mumadona, dada a proximidade desta.

E esta também a melhor oportunidade para pôr em relevo o alto benefício concedido pelo Estado a Guimarães com a recente criação do 3.º ciclo liceal e que funcionará em 1957 com as duas secções (Letras e Ciências).

— Relativamente ao problema habitacional tem a Câmara em vista procurar quanto possível o ritmo das construções relativamente às demolições?

— Este problema não poderia ser descuidado, como é óbvio, a menos que não presidisse à elaboração de planos que acarretam demolições de grande número de edifícios, o espírito de compreensão duma necessidade evidente do realojamento das famílias dos prédios a demolir. Não se suponha que o problema não foi devidamente equacionado a o estabelecem-se as directrizes de execução dum plano de obras que implicava demolições em massa. E a equação não foi formulada apenas tendo em vista o pressuposto das demolições, pois ela também abrangiu um outro dado — o do normal desenvolvimento da população cidadina.

O novo Bairro da Arcela realojará as famílias pobres que habitam os prédios cuja expropriação se executa.

Está prevista a construção de 80 casas para famílias pobres como já dissemos ao referirmo-nos ao panorama dos melhoramentos municipais a realizar com o produto do empréstimo e temos esperanças bem fundadas de que em 1957 também serão iniciadas construções de edifícios para as classes médias pelo Ministério das Corporações.

— Desejávamos entrevistar

o Sr. Coronel, vinhamos pedir-lhe o favor de nos atender por uns momentos...

Ao que prontamente nos respondeu:

— Tenho muito prazer em o ver por esta Casa: Que o traz por cá? Estou ao seu dispor.

— Desejávamos entrevistar

o Sr. Coronel, vinhamos pedir-lhe o favor de nos atender por uns momentos...

Ao que prontamente nos respondeu:

— Tenho muito prazer em o ver por esta Casa: Que o traz por cá? Estou ao seu dispor.

— Desejávamos entrevistar

Um quarto de hora com o Sr. Coronel Mário Cardoso na Sociedade Martins Sarmiento

FOMOS procurar o Sr. Presidente da Sociedade Martins Sarmiento no seu gabinete de trabalho, onde diáritamente se ocupa nos múltiplos serviços da direcção da benemérita instituição vimaranense. Recebidos com a natural afabilidade que o caracteriza, dissemos-lhe:

— Senhor Coronel, vinhamos pedir-lhe o favor de nos atender por uns momentos...

Ao que prontamente nos respondeu:

— Tenho muito prazer em o ver por esta Casa: Que o traz por cá? Estou ao seu dispor.

— Desejávamos entrevistar

P. Ex.^a sobre um assunto que muito nos interessaria publicar num próximo Número Especial do Notícias de Guimarães, que no começo do novo ano celebra as suas Bodas de Prata.

— Uma entrevista para o seu jornal?! E a primeira vez que na minha vida, já bastante longa, tal me acontece! O meu amigo deve talvez saber que eu simpatizo pouco, ou nada, com que os jornais chamem a atenção para o meu nome. Não se trata de falsa modéstia da minha parte, nem de querer dar um exemplo de humildade, que por vezes é também, em muitas pessoas, uma manifestação de vaidade. Trata-se simplesmente de um claro sentido das proporções, que felizmente possuo, e, por outro lado, de uma questão de temperamento. Digo «sentido das proporções» porque me desagrada, sinceramente, que se façam exageradas referências, embora na boa-fé, aos singelos estudos com que me vou entretendo.

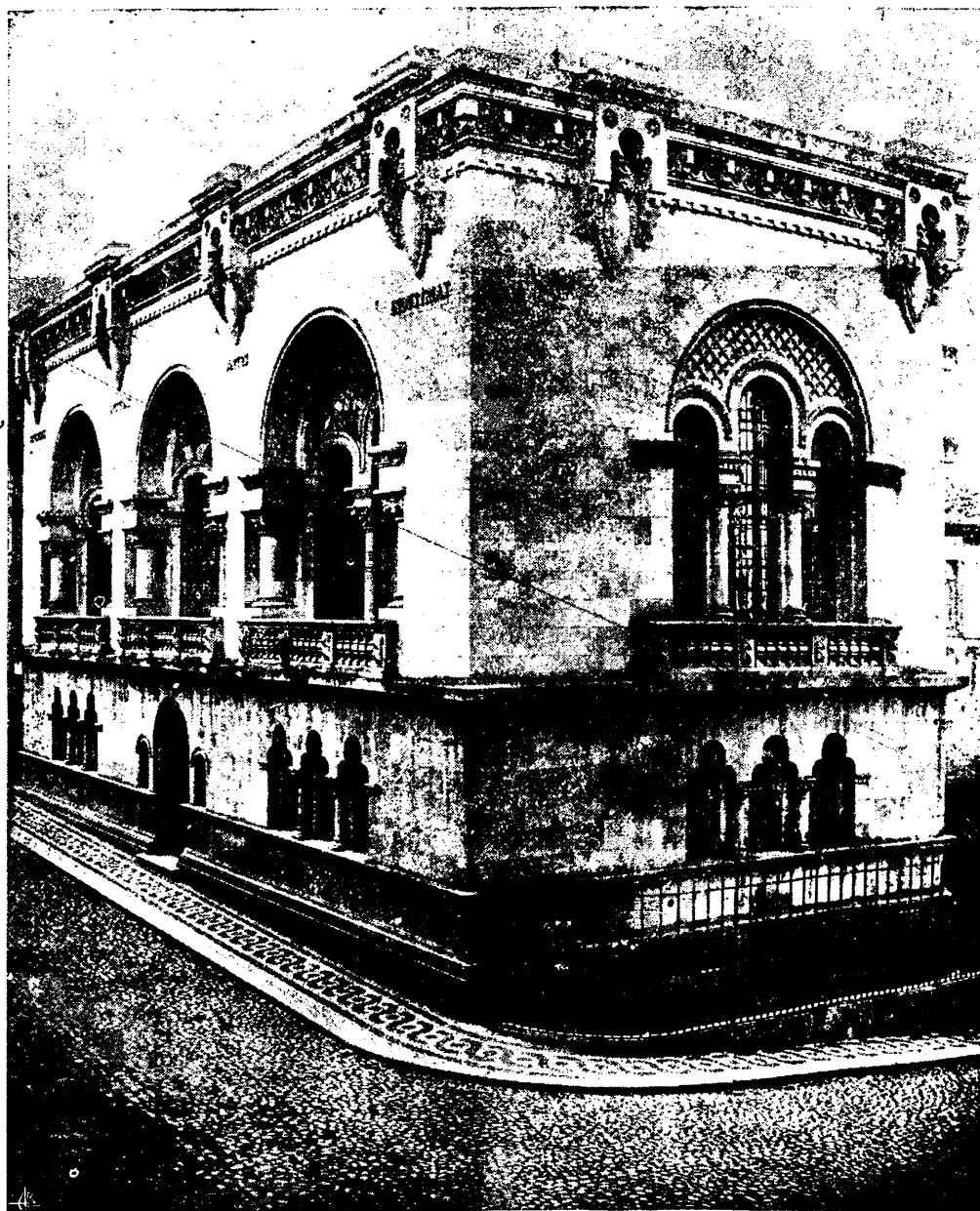
Mas diga o meu amigo, concretamente, o que deseja de mim. Peço-lhe, porém, que seja tão breve quanto possível, nessa entrevista a que deseja submeter-me. Bem vê a papelada que aqui vai, nesta mesa de trabalho. Os serviços burocráticos, de simples expediente, e as relações culturais desta instituição absorvem actualmente à Direcção da Sociedade um tempo precioso e um trabalho de que lá fora se não suspeita, porque tudo quanto aqui se produz de trabalho útil para a nossa Colectividade é feito silenciosamente, sem tambores nem foguetes. Bem necessitaríamos, portanto, aqui dentro, de dois auxiliares superiores, funcionários pagos — um bibliotecário arquivista diplomado, e um conservador do Museu. Mas os limitados recursos da Colectividade não têm permitido esse luxo. Vamos assim

vivo, com o peso de todos os serviços às costas da Direcção, que trabalha, como sabe, por mera devoção espiritual e dedicação a esta Casa, embora os tempos de hoje mal comportem esforços gratuitos desta natureza. As responsabilidades da Direcção da Sociedade são hoje incomparavelmente maiores do que o eram há 74 anos, quando esta instituição foi fundada. E os carolas, nos tempos utilitários e egoístas que hoje atravessamos, tendem a desaparecer por completo, não é verdade?

— Realmente o meu amigo acaba de apresentar-me três questões fundamentais, e por certo de muito interesse para todos os vimaranenses, e não vimaranenses, que mantenham simpatia e respeito pela vida, pelas actividades e pelo progresso desta instituição cultural. São, na verdade, de marcado interesse: — a publicação da obra inédita de Martins Sarmiento, as escavações de Briteiros e a conclusão do edifício da nossa sede. Ora vamos lá, por partes:

A publicação dos Inéditos de Martins Sarmiento e a continuação das escavações que ele realizou na Citânia de Briteiros estão intimamente ligadas, como partes integrantes da Obra que o Arqueólogo legou à posteridade. Essa Obra, que absorveu a vida do grande estudioso vimaranense, apresenta dois aspectos essenciais: — os trabalhos de Arqueologia de campo que o investigador praticou, e os estudos teóricos, ou sejam, as suas conclusões resultantes da especulação científica, cuja finalidade visava fundamentalmente ao conhecimento da etnologia dos Lusitanos.

Pergunta-me o amigo Antonino se as escavações de Briteiros têm enriquecido o espólio arqueológico do Museu da Sociedade? Claro que, sobre isso, não existem dúvidas, pois o intuito de todas as escavações arqueológicas é precisamente esse, visto que, se tais escavações nada produzissem de útil para a Ciência, então não valeria a pena gastar-se com elas tempo e dinheiro. Mas note o meu amigo que o interesse das escavações de Briteiros não reside apenas na série de objectos exumados que, todos os anos, vêm aumentar, a pouco e pouco, as colecções do nosso Museu. Interessa-nos especialmente, com o fim de possuirmos um conhecimento de cada vez mais perfeito e seguro do povo que, há vinte séculos, habitou



EDIFÍCIO DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

a Citânia, pôr a descoberto essa enorme cidade primitiva, ainda em grande parte soterrada. Nesse mesmo intuito gastou Martins Sarmiento nove anos a explorar as ruínas, desde 1875 a 1884. E, posteriormente à sua morte, já também realizamos 24 campanhas, em anos sucessivos, subsidiadas pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, que até hoje dispendeu a importante verba de cerca de 250 contos nesses trabalhos, tènicamente dirigidos e orientados pela Sociedade Martins Sarmiento.

Contudo, muito antes ainda da morte de Sarmiento, já as escavações haviam parado na Citânia, cansado por certo o explorador, não só físicamente, devido à doença que acabou por o vitimar em 1899, mas também farto de ali dispendir muito dinheiro do seu bolso, sem a menor ajuda do Estado.

Assim continuou a Citânia, após o falecimento do insigne Arqueólogo, completamente ao abandono até 1929, data em que se iniciaram de novo alguns trabalhos, especialmente de corte e limpeza dos mata-gais, que já recobriam por completo as famosas ruínas. Em 1930 ia ter lugar em Portugal, pela segunda vez, o Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas, em cujo programa figurava uma visita dos Congressistas à Citânia, e esse facto decidiu o Ministro das Obras Públicas de então a dispendir ali uma pequena verba, para melhorar um pouco o deplorável aspecto das ruínas. Desde esse ano que temos prosseguido nas escavações, apresentando hoje as ruínas um aspecto verdadeiramente grandioso, e tendo a Sociedade ali construído, ajudada pela comparticipação do Estado, uma habitação para um guarda, depois de obtida do falecido e saudoso consócio Dr. João Antunes Guimarães, quando Ministro das Obras Públicas e Comunicações, a abertura da estrada que de Briteiros conduz ao alto do Monte de S. Romão e liga com Braga, o que tornou a Citânia muito mais conhecida, e visitada anualmente por muitos estudiosos nacionais e estrangeiros, e por vários milhares de turistas.

— Muito obrigado; Sr. Coronel, pelas suas claras informações sobre as escavações na Citânia. E acerca dos Estudos completos de Martins Sarmiento, terá, de facto, chegado agora o momento, como nos constou, de os vermos finalmente publicados e reunidos numa edição definitiva?

— Eu respondo. Quanto à obra impressa de Martins Sarmiento publicada em vida do glorioso Arqueólogo, entendo que não se impõe a sua reedição. Consta, como sabe, dos seus dois trabalhos fundamentais, que são os volumes sobre a interpretação científica da lenda grega de *Os Argonautas*, e a edição crítica do poema de Avieno *Ora Marítima*. Publicou também Martins Sarmiento numerosos artigos, dispersos por várias revistas científicas, e que, por isso mesmo que se tornava difícil a sua consulta, já em 1933, no ano do Centenário do nascimento do Escriptor, foram reunidos em volume pela Sociedade, e reeditados na Imprensa da Universidade de Coimbra, mercê do benemérito e inteligente patrocínio do nosso ilustre Consócio Sr. Prof. Dr. Joaquim de Carvalho, catedrático da douta Universidade, insigne humanista e filósofo de projecção europeia. Igualmente a Sociedade conseguiu, em 1947, com dotações da Câmara Municipal de Guimarães e do Instituto de Alta Cultura, publicar a valiosa Correspondência inédita entre Martins Sarmiento e o sábio alemão Emilio Hübnér, co-

lectânea que foi por nós anotada.

Finalmente, os trabalhos manuscritos que Martins Sarmiento deixou, constituídos por cerca de 4.500 páginas in-fólio, e que há mais de 50 anos esperavam publicação, vão agora ser dados a lume, incluídos na série dos *Acta Universitatis Conimbricensis*, serviço inestimável que ficamos ainda devendo à benemerente intervenção e auxílio do Professor Joaquim de Carvalho e do Professor Manuel Lopes de Almeida, este último ilustre Director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Constan esses preciosos manuscritos sarmientianos de três tomos, que sucessivamente serão publicados, versando sobre «Notícias de Arqueologia», «Folclore e tradições populares» e o «Diário das Escavações da Citânia de Briteiros».

— E com respeito às obras do edifício da Sociedade, que há bastante tempo vemos novamente paradas, quer Vossa Ex.^a ter a bondade de nos revelar o motivo dessa lamentável suspensão dos trabalhos?

— Pelo que respeita à tão descaída conclusão do palácio da nossa sede social, cujo magnífico projecto se ficou devendo ao falecido grande Mestre-arquiteto e nosso Consócio Honorário, Prof. José Marques da Silva, muito têm trabalhado (infelizmente sem o êxito imediato que ambicionamos) as Direcções da Colectividade, no sentido de se procurar conseguir a verba necessária para tal efeito, que orça por uns 700 a 800 contos. Em anos recentes pudemos, como está patente, levar a cabo a construção de mais dois grandes salões (destinados a depósito de livros, e à secção etnográfica do Museu) e toda a frontaria lateral do edifício, com frente para o mercado, bem como uma parte da fachada voltada ao jardim do Museu. Nessas obras de vulto, que foram comparticipadas com 40 % das despesas pelo Ministério das Obras Públicas (Direcção Geral dos Serviços de Urbanização), dispenderam-se cerca de 400 contos, tendo na direcção técnica das mesmas obras colaborado, gratuita e generosamente, os nossos prestimosos consócios Sr. Arquitecto-urbanista Prof. David Moreira da Silva e Sua Ex.^{ma} Esposa, também Artista cultora da Arquitectura, Senhora D. Maria José Marques Moreira da Silva.

Infelizmente, são, neste momento, insuficientes as possibilidades de ordem económica da nossa Sociedade para o prosseguimento destas obras tão dispendiosas, que há mais de 50 anos se vêm arrastando, como as de qualquer cegreja de Santa Engrácia! Temos, por várias vezes, apelado para o auxílio do Governo (Ministérios das Obras Públicas, da Educação Nacional e das Finanças), como também para a nossa Câmara Municipal, e até, recentemente, para a «Fundação Calouste Gulbenkian», de Lisboa, na esperança de obtermos a verba necessária com vista à conclusão rápida deste belo edifício, há tantos anos começado. Daríamos assim uma instalação condigna ao valiosíssimo recheio que ele encerra, constituído por uma Biblioteca Pública de cerca de 50.000 volumes (incluindo a Biblioteca Municipal e a erudita de Martins Sarmiento) e por um Museu dos mais importantes e dos primeiros criados em Portugal.

O actual presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Sr. Dr. Castro Ferreira, que também faz parte da Direcção da Sociedade, e a quem a cidade e o concelho já devem relevantes serviços (sem

desdouro para as Vereações que o antecederam no Município), está igualmente empenhado em levar a cabo a conclusão deste nosso edifício, onde se encontra instalada uma instituição que tanta honra e prestígio tem dado à terra vimaranense, e tão brilhantemente tem colaborado com os organismos superiores do Estado na elevação do nível moral e intelectual do nosso povo.

Outro vimaranense e nosso Consócio ilustre, que se tem, também, interessado pela resolução dos problemas desta Colectividade é o Sr. Engenheiro Duarte do Amaral, que em Lisboa muito vem pugando pelo progresso da nossa terra.

— Pois, Senhor Presidente da Sociedade Martins Sarmiento, não lhe tomaremos

mais tempo às suas ocupações, que viemos interromper, do que pedimos nos desculpe. E queira aceitar os nossos agradecimentos pessoais e os da Redacção do Notícias.

— Nada tem por que me agradecer, meu amigo. E sabe? Eu é que, afinal lhe devo gratidão por me ter proporcionado o ensejo de tornar públicos estes informes, de manifesto interesse, sobre a vida da nossa veneranda Sociedade Martins Sarmiento.

E deixe-me, finalmente, felicitar-lo pelas «Bodas de Prata» do seu óptimo semanário, que nos seus 25 anos de existência já também criou raízes e adquiriu tradições muito honrosas, como defensor acérrimo, criterioso e firme que tem sido de todas as justas aspirações da nossa terra.

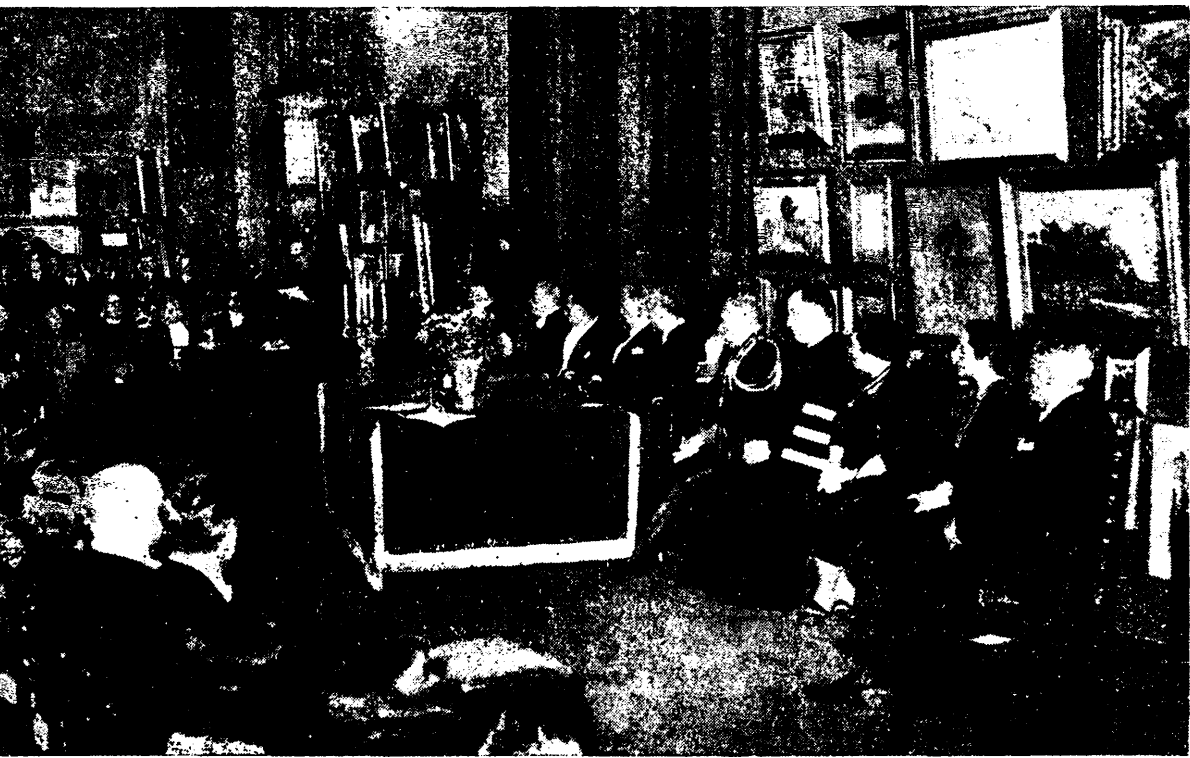
Museu Alberto Sampaio

A ilustre Directora do Museu Alberto Sampaio, Senhora Dr.^a D. Maria Emília Amaral Teixeira, convidada a depor no nosso inquérito, amavelmente nos respondeu:

— Reconhecida a deficiência das salas do Museu para

e indumentária dos séculos XVIII e XIX.

E nessa sala que conto apresentar a colecção de armaria do Visconde de Pindela, que consegui fosse reentregue ao Museu. Presentemente está, em restauro, no Palácio da



Um aspecto da homenagem a Alberto Sampaio realizada o ano passado

expor convenientemente o seu recheio; como entende V. Ex.^a poder vencer-se essa falta?

— Entendo que a falta de espaço no meu Museu é, por agora, insuperável. Já a solucionar a ampliação, já planeada pelas entidades competentes. O Museu disporá então de todo o andar superior e do edifício onde está instalada a Caixa Geral de Depósitos, convenientemente adaptados. Tudo o que se fizer agora serão meros paliativos.

Ainda assim, com obras sumárias, pude aproveitar um anexo da arrecadação geral, onde me instalei, ficando o antigo gabinete dos directores a ser uma pequena sala de exposições temporárias, onde tenciono apresentar, oportunamente, algumas peças recém-incorporadas e outras que, por estarem arrecadadas permanentemente, são mal conhecidas.

As muito pequenas disponibilidades do Estabelecimento não permitirão, porém, ir mais longe, adaptando a sala, conforme as regras actuais da museologia, ao papel que lhe reservo, e, assim, nem sempre as obras de arte a apresentar se harmonizarão com o arranjo funcional da quadra, como gabinete de trabalho que era.

São justamente considerações desta ordem que me têm feito adiar a apresentação do importante legado da Sr.^a D. Maria de Santiago de Carvalho, há pouco recebido, e que inclui mobiliário, pintura

Penha, em Sintra, pela muita amabilidade do Ex.^{mo} Director-Geral da Fazenda Pública, e aos cuidados do competente especialista Sr. Conservador Couto Tavares.

— Propõe-se V. Ex.^a realizar no Claustro do Museu algum sarau cultural?

— Projecto efectivamente utilizar o claustro para algumas manifestações de acção cultural viva que penso o Museu deve desenvolver. E claro que a configuração do recinto e as consequentes condições acústicas devem limitá-las muito, o que espero não suceda com o amplo salão de conferências das novas instalações.

De momento, considero de primeira urgência os trabalhos discretos de orgânica interna, mórmente a inventariação, a que aliás me dedico desde a posse.

Acharia V. Ex.^a conveniente fazer um inventário artístico das peças sacras existentes nas Igrejas do Concelho?

— Considero do maior interesse a realização dum inventário de todas as obras de arte localizadas na área do concelho: as existentes nas igrejas como as das colecções particulares. Aquelas, porque menos móveis, merecem-nos, na realidade, um interesse muito especial.

E um trabalho deste género que a Academia Nacional de Belas-Artes tem realizado nalgumas zonas do País.

O modelar Asilo de Santa Estefânia

Avistando-nos com o Sr. António José Pereira Rodrigues, Presidente do Asilo de Santa Estefânia, tivemos com ele a seguinte breve troca de impressões:

— Quantas educandas existem actualmente no Asilo?

— 70.

— Qual a assistência que a direcção presta àquelas que vão saindo por atingirem o limite de idade de internamento?

— Todas as internadas que atingem o limite de idade de internamento são entregues a pessoas de família e na falta destas às pessoas suas responsáveis perante o asilo, mas quando umas e outras sejam idóneas. Quando não tenham família e os responsáveis já não existam, a direcção por intermédio do corpo docente do asilo encarrega-se da sua colocação, e exerce sobre elas cuidadosa vigilância, até que completem a idade dos vinte e um anos.

— Quais as obras realizadas ultimamente?

— A superfície quadrada do

feitório das internadas, um para cem pessoas; à entrada do refeitório, um lavabo; salão destinado a escola infantil de crianças pobres dos três aos seis anos, um. No rés-do-chão uma cabina onde está instalada a caldeira que fornece água quente para todas as instalações. Uma alpendrada com três corpos.

— Quais as que estão em projecto?

— a) Construção de um pavilhão destinado a recolher as educandas que não tenham família e que estejam empregadas sem direito a aposentação, ou, mesmo que a tenham, necessitem ser recolhidas durante o período de desemprego.

b) Reparação do antigo dormitório na parte do telhado que ameaça ruína.

c) Adaptação das antigas salas de trabalhos a oficinas de tecelagem (escola) para as quais já existem quatro tear-manuais de novo modelo, oferta do Senhor Dr. Trigo de Negreiros, Ilustre Ministro do Interior.

— Qual a eficiência da oficina de cartonagem no ponto de vista administrativo, técnico e educativo?

— Caminha esta oficina em franco progresso, tanto na execução das caixas, que é perfeita e primorosa, não temendo qualquer confronto com as que são feitas nas melhores oficinas da especialidade, como em resultados, para o que muito está a contribuir a modelar, escrupulosa e eficiente administração que tem. No decorrer do tempo, de esperar é que as interessadas venham a colher bom fruto da escola desta oficina.

— Continua a cidade a responder às necessidades da Instituição?

— O Asilo de Santa Estefânia é uma instituição de beneficência que está no coração de todos os vimaranenses. Não há quem lhe negue o seu concurso. Mas se o caso é de saber se o que muito generosamente lhe é dado chega para a sua manutenção teremos de responder com os números por bem elucidativos. Assim, vejamos:

Em 1955 os gastos ascenderam à quantia de 217.446\$10. No mesmo ano os donativos e a verba dos subscritores foram no montante de:

Donativos, 17.771\$10; Subscritores, 10.250\$00; Soma, 28.021\$10.

Agora, comparando:

No ano de 1951, Beneficentes, 30.000\$00; 1952, 42.000\$; 1953, 30.000\$; 1954, 33.000\$; 1955, 17.771\$10.

A notável baixa dos donativos não sabemos a que atribuí-la, pois a simpatia pelo nosso Asilo continua em grau elevado, do que temos muitas provas.



Uma vista parcial da cidade

Associação F. F. O. Vimaranesse Grémio do Comércio de Guimarães

O Presidente da Associação Fúnebre Familiar Operária Vimaranesse, Sr. Joaquim Garcia, responde do seguinte modo às consultas que lhe fizemos:

- 1) O passado e o presente da Associação;
- 2) Actividade em 1956, e
- 3) Ferspectivas do futuro.

1) A Associação Fúnebre, como toda a gente a denomina, é hoje uma das mais importantes instituições vimaraneses. Fundada há quase meio século por algumas centenas de indivíduos que acalentavam no peito o amor pela fraternidade e no pensamento o ideal mutualista, esta prestigiosa colectividade conta presentemente cerca de 12.000 associados — exactamente 11.912 — sendo 6.480 do sexo masculino e 5.432 do sexo feminino.

E se considerarmos que os benefícios por ela concedidos abrangem os sócios e sua família, admitindo para cada agregado uma média de quatro pessoas — tecnicamente possível em centros populosos — verifica-se que quase metade da população do concelho de Guimarães está sob a protecção do seu precioso auxílio em caso de doença ou de falecimento, tanto mais útil quanto é certo ser a sua maioria associativa constituída por gente de poucos recursos.

A Associação Fúnebre tem passado por várias fases. Fundada em 1908, conseguiu desenvolver a sua actividade durante alguns anos, para depois decair bastante. Reorganizada em 1924 e administrada por gerências dedicadas, iniciou um período de desenvolvimento que se tem vindo a acentuar progressivamente.

Em 1928 foi estabelecida a assistência médica, que conta hoje com quatro dos bons médicos da nossa terra.

Em 1929 foi criada a Secção Funerária, privativa dos sócios e sua família, que presentemente se encontra apta a satisfazer todos os requisitos da especialidade, a preços mínimos, e que muito tem beneficiado os seus utilizadores.

Em 1933 foi a colectividade instalada em edifício próprio, com os requisitos necessários e amplitude própria duma sede social.

Embora sempre em número crescente de associados, que de cerca de 3.500 em 1930, passou a 6.000 em 1940 e 9.920 em 1950, não se registaram actividades especiais, além da diligência para modificação dos Estatutos, tentada por várias Gerências.

Nos últimos anos, e especialmente a partir de 1954, as actividades da Associação Fúnebre atingiram ritmo mais dinâmico e nível mais elevado.

A Direcção desse ano conseguiu elaborar novos Estatutos, aprovados no ano seguinte, o que deu à colectividade novas perspectivas e aos associados maiores benefícios, pois as verbas dos

subsídios passaram, praticamente, para o dobro.

Simultaneamente, a mesma Direcção promovia a compra de terreno e idealizava a construção de um bairro de 18 moradias para os seus associados, fermento de outras construções e outras iniciativas.

2) O ano de 1956 devia ser o das construções. Contrariedades inesperadas e certas formalidades, protelaram esse intento. Mas, entretanto, Sua Excelência o Ministro das Corporações autorizou a construção das moradias projectadas, 12 na primeira fase, a que se seguirá a segunda com mais 6.

No capítulo assistencial registou-se um movimento apreciável: 8.088 consultas, ou seja uma média de 674 por mês.

Os pagamentos de subsídios atingiram 168 contos — média mensal 14 contos — e na Secção Funerária registou-se o movimento de 325 funerais. Foram admitidos 788 sócios.

3) O futuro da colectividade deve continuar em plano ascendente. A sua acção assistencial e previdente é, indubitavelmente, uma consoladora realidade na vida social da gente de poucos recursos, que, melhor que ninguém, sabe quanto vale a assistência médica ou o auxílio financeiro quando a desgraça lhe bate à porta.

Por isso, concorre com uma migalha dos seus proventos para uma sementeira em terra fértil, a fim de colher, um dia, o saboroso fruto da ajuda mútua.

A construção das moradias, tornada um facto, abrirá à Associação novos horizontes onde se vislumbram mais casas, mais ampla assistência, um posto médico privativo e outros benefícios para os seus associados e familiares.

E, entretanto, a Associação Fúnebre continuará fiel ao seu lema de fraternidade, estendendo a todo o concelho o manto da previdência que cobre a sua densa massa associativa e beneficiária. E, ao mesmo tempo que socorre os seus associados, eliminou da nossa Terra um dos espectáculos mais tristes e impressionantes, como era o do peditário — demasiadamente trivial e deprimente, — para o enterro dos infelizes que nem sequer tinham com que pagar as míseras tábuas do caixão que os levaria para a cova. E quantas vezes isso era motivo de especulação por parte de gente sem escrúpulos, que «inventava» um funeral para proveito próprio...

Não há dúvida, pois, de que a Associação Fúnebre desempenha no nosso concelho, presentemente, como no passado, acção beneficente, sendo por isso credora da simpatia dos vimaraneses e justamente considerada uma das mais importantes instituições locais.

O Sr. Presidente do Grémio do Comércio, anuindo prontamente às consultas que lhe fizemos, respondeu-nos:

— Tem o Grémio do Comércio em projecto alguma iniciativa para próxima realização?

— Sim. Intensificar as sessões culturais e recreativas, ampliar a assistência de contencioso aos seus agremiados e continuar a colaborar na elaboração de leis tendentes a proteger o comércio que representa.

— Qual a actividade que desenvolveu no ano de 1956?

— O Relatório publicado é bem elucidativo sobre a acção desenvolvida, devendo salientar-se ainda os esforços envidados por esta Direcção propondo observações ao projecto do Decreto-Lei em apre-

ciação na Câmara Corporativa relativo à Punição dos Delitos contra a Saúde Pública e a Economia Nacional.

— No presente ano terá de novo a seu cargo a realização das Festas da Cidade?

— Há já três anos que, a pedido da Ex.^{ma} Câmara Municipal, tem este Organismo promovido as Festas da Cidade a geral contentamento de todos os vimaraneses para cujo êxito não tem poupado esforços e canseiras.

Tem tido a colaboração de dedicados vimaraneses para o que aproveita a oportunidade de prestar-lhes uma justa homenagem.

Se a Ex.^{ma} Câmara Municipal novamente necessitar do seu concurso estamos prontos a prestar-lho com a mesma vontade de sempre.



A Colina Sagrada: — o Castelo, a Igreja de S. Miguel onde o nosso 1.º Rei foi baptizado e, ao lado, o Paço Ducal

Bombeiros Voluntários

Tendo consultado a Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães sobre a actividade da prestigiosa Corporação Vimaranesse, fomos fornecidos amavelmente e por intermédio do seu respectivo Secretário os seguintes e bem elucidativos esclarecimentos:

MATERIAL EXISTENTE

Corresponde às necessidades da Corporação. Possuímos dois pronto-socorros devidamente apetrechados, tendo adquirido ainda há pouco tempo uma moderna e potente mobo-bomba, cuja falta muito se fazia sentir. Temos ainda um Jeep, especialmente destinado a servir freguesias rurais, por cujos caminhos, estreitos e em mau estado, não poderiam circular aqueles dois carros.

Vamos receber dentro de alguns dias um novo pronto-socorro de nevoeiro, no valor aproximado de 350.000\$, que só pode ser adquirido mercê do subsídio que nos foi concedido pelo Conselho Nacional do Serviço de Incêndios.

Possuímos, ainda, uma ambulância, cujos bons serviços em desastres pessoais e no transporte de doentes são de todos conhecidos.

Temos ainda necessidade de adquirir uma escada tipo Magirus e de substituir o carro imprópriamente chamado «do Comando», que é o primeiro a prestar os socorros mais urgentes, mas essa nossa aspi-

ração dificilmente poderá ser realizada em virtude dos rendimentos desta Corporação não comportarem semelhante gasto.

Pode dizer-se que a nossa Corporação é uma das mais bem apetrechadas da província e, se nos fosse possível aquelas aquisições, afoitamente se podia afirmar que ela seria a primeira.

Para tal, necessária se torna uma melhor compreensão da nossa missão por parte da população vimaranesse. Para fazermos face à despesa permanentemente com pessoal remunerado, piquete nocturno e conservação de todo o material, só pode a Corporação contar com o subsídio camarário e com o produto da cotização dos sócios auxiliares. E estes, numa população concelhia à roda dos cem mil habitantes, cifram-se em 480 apenas!

CHAMADA DE SOCORROS

Teve esta Corporação no ano em curso 70 saídas para socorros de incêndios e 99 saídas da ambulância para o transporte de doentes e feridos sendo na sua maioria gratuitos estes transportes por se tratar de pessoas sem recursos e indigentes.

OBRAS NO QUARTEL

Há presentemente necessidade de remodelar a nossa Casa-Escola para uma mais eficiente instrução dos nossos Voluntários. Mas, como pensar em obra tão dispen-

diosa enquanto os vimaraneses se não compenetrarem da obrigação que lhes cabe de se inscreverem como sócios desta colectividade, que não tem outro fim que não seja o de defender as suas vidas e bens?

LIGAÇÃO COM A CRUZ VERMELHA

Não há qualquer ligação no serviço de incêndios e os socorros da Cruz Vermelha.

O serviço da nossa ambulância, mesmo, nada tem que ver com os desta benemérita instituição.

Se V. Ex.^a mo permitisse, desejava aproveitar a ocasião

para mais uma vez repisar a necessidade que temos de sermos auxiliados por todos os vimaraneses, bastando, para tal, que se inscrevam como sócios.

Com a aquisição do pronto-socorro de nevoeiro a que atrás faço referência, vai subir enormemente a despesa de conservação e alimentação do material. Sendo este especialmente destinado à extinção de incêndios em fábricas, evitando os grandes estragos que a abundância de água ocasiona, estamos certos de que todos os Senhores industriais se não recusarão a inscrever-se como sócios da nossa humanitária Associação.

O Vitória e o Desporto

O Sr. Dr. João Alberto Mota Prego de Faria, Presidente da Direcção do Vitória Sport Clube, ouvido por nós sobre o seu prestigioso Clube deunos as suas impressões:

— Considera progressivo o desporto em Guimarães e bem interpretado na sua essência ideológica?

— É necessário encarar o problema apresentado sob dois aspectos. Se se entender por progresso maior interesse da população concelhia pelo desporto, este é evidente. Mas devemos analisar o assunto também debaixo do prisma da representação do desporto concelhio no concerto do desporto nacional. Hoje Guimarães tem o seu Clube mais representativo na II Divisão Nacional de Futebol, quando durante catorze anos consecutivos esteve na Divisão Maior. Bem sabemos que, como Clube da II Divisão, o Vitória ocupa lugar do primeiro plano, mas certamente o lugar antigo era de maior evidência e, por isso, tudo se tem feito para voltar a subir à I Divisão Nacional.

A interpretação do desporto como função de revigoração rático não tem, em Guimarães, o desenvolvimento que se lhe deseja. Razões causadoras desse facto são do conhecimento geral, mas a principal aparenta-se-me ser de ainda em Guimarães não se ter fixado um professor de Educação Física, diplomado pelo I. N. E. F., capaz de ministrar ensinamentos que a mocidade local tanto carece. Infelizmente os dois que exercem funções na nossa Terra, vêm aqui de fugida, indo depois para as localidades onde residem.

— Quais as modalidades praticadas pelo Clube, para

educação física, além do futebol?

— Além do futebol o Vitória pratica oficialmente o óquei em patins, pois não existe na nossa Região outra qualquer modalidade com Associação Regional constituída. Por isso é difícil o desenvolvimento no meu Clube sobre o ponto de vista eclético, mas, no nosso Campo de Jogos, possuímos instalações para voleibol e basquete capazes de satisfazer.

A ginástica, base de todo o desporto, tem estado condeada pela circunstância apontada na pergunta que anteriormente me foi feita. Estou convencido que se no nosso meio se conseguir vencer essa contrariedade a ginástica terá muitos praticantes, como aliás aconteceu durante o tempo em que em Guimarães tive os meus Treinador de futebol que acumulava a qualidade de ser um diplomado em Educação Física.

— O Estádio Municipal em construção quando atingirá o seu remate?

— Esta obra é o primeiro dos anseios do meu Clube e é-o até desde há muitos anos. A sua construção é necessária e urgente. Não me compete a mim dizer o tempo que demorará, mas posso afirmar que o progresso do desporto local depende em grande parte dele.

A Câmara Municipal que dispendeu avultada quantia na compra dos terrenos para a sua construção, certamente não descurará a obra que, sob o ponto de vista popular, maior agradecimento público colherá. Não posso porém terminar sem fazer, eu próprio, uma pergunta — alguém conhece porventura o projecto do Estádio Municipal de Guimarães?

Uma opinião sobre Folclore

Quisemos ouvir a autorizada opinião do distinto etnólogo Sr. Alberto Vieira Braga, que respondeu do seguinte modo às nossas perguntas:

— Na Festada de Guimarães entende V. Ex.^a que a sua instrumentação corresponde ao cânon tradicional?

— Na nossa festada, com pequenos senões, são perfeita-

mente rigorosos o traje e a típica instrumentação, desde que lhe arrancaram o agressivo cornetim. Podiam entrar, todavia, e a nosso ver, como acompanhamento, os antigos ferrinhos, o reque-reque ou o tambor, das velhas tocatas das rifas e das romarias. No geral, o que se vê, é uma miséria de arrepiar: trajos autênti-



Castelo de Guimarães



Aspecto da Vila das Taipas — Ponte sobre o rio Ave

camente revisteiros, e música completa de metais e panca-daria, para o acompanhamento das marchas, marchinhas e de todas as estilizações dançantes e cantantes.

— *Conhece algum êxito deste agrupamento folclórico perante júris de classificação?*

— Supomos que em Lisboa e Viana do Castelo. Mas só o ensaiador e mestre da festada o pode dizer com segurança.

— *Reputa de utilidade; no ponto de vista recreativo e educativo a existência da Festada de Guimarães?*

— Para o homem comum, que tem já o ouvido habituado aos trinados da guitarra e à dolência do fado, qualquer ninharía lhe enche as dimensões tacañas do gosto. Porém, para uma assembleia compreensiva, quer de espírito civilizado, quer de acomoda-

dos sentimentos e preceitos populares e tradicionais, um grupo rigorosamente folclórico, garante o simpático arroubação das massas, pelo que fala e transmite aos ouvidos e à alma.

Isto, assim, em fórmula mágica e virtuosa de canto, música e dança, é recrear e educar.

Depois, à festada de Guimarães, bastam dois números para encher um programa, dois números que são religiosamente locais e populares, pelo estilo e pela marcação segura e não vulgar: a rítmica vareira-descansada e a movimentada dança do velho. Estas, porque as demais, qualquer grupo festeiro, melhor ou pior as executa.

Como pede respostas-sínteses, por aqui nos quedamos, pois as suas perguntas dariam pau para mangas.

Sociedade Filarmónica Vimaranesense

O Sr. Manuel Alves de Oliveira, Presidente desta Sociedade, responde ao nosso inquérito:

— *Pode V. Ex.ª dizer-nos alguma coisa sobre a vida da sua Colectividade?*

— A Sociedade Filarmónica Vimaranesense pretende fazer interessar os vimaranenses no culto da Arte dos Sons, de modo a elevar, nesta modalidade, o nível cultural da nossa terra. A sua Filarmónica continua uma antiga tradição, mantida, nestes 55 anos decorridos, pela família Guise, onde se têm revelado autênticos valores, como o falecido José Guise, o antigo regente Joaquim Guise e o actual regente, António Guise.

— *Têm os vimaranenses correspondido à vida da mesma?*

— Os vimaranenses, honra lhes seja, têm correspondido de uma forma gentil e estimulante para que a Sociedade Filarmónica possa bem desempenhar a sua missão. Há que pôr em relevo a magnífica colaboração da Ex.ª

Câmara Municipal, que possibilitou o funcionamento da Escola José Guise, que conta elevado número de alunos, e os auxílios generosamente prestados pelos Srs. Comendador Alberto Pimenta Machado e Francisco Pereira Quintas que têm sido verdadeiros beneméritos da Colectividade.

— *O que pensam fazer num futuro próximo?*

— O nosso desejo, que constitui aspiração no futuro mais próximo, é melhorar o apetrechamento da Banda, dotando-a de moderno instrumental e novos uniformes, para que possa prestigiar, em qualquer parte onde se exhiba, o bom nome de Guimarães.

Logo que tal nos seja possível, pretendemos, também, criar novas modalidades na Escola José Guise, possivelmente uma orquestra de acordes, modalidade que tem despertado grande interesse depois da exibição dos grupos alemães que nos visitaram no ano findo e que tão agradável impressão nos deixaram.

As obras de S. Domingos

O muito querido Prior de S. Paio, Rev. Padre Luís Gonzaga da Fonseca, também depõe no nosso inquérito acerca das obras da Igreja de S. Domingos:

— *Vê que estejam a caminho de conclusão as obras de restauro da Igreja de S. Domingos?*

— Sim! assim o creio, por todo o ano de 1957.

— *Pensa que possa erguer no Templo um ou dois altares de rica talha, que já ali existiam?*

— Não acho isso possível, atendendo a que no lugar que eles ocupavam no transepto, se abriram altas janelas gó-

licas, com vitrais que decerto não quererão encobrir com os altares; nem há outro lugar na Igreja onde eles se possam adaptar, pelo tamanho que têm e porque mesmo não ficariam bem em outro local. A não ser um deles a fazer de altar-mor, como a princípio se pensou; mas mesmo esta hipótese parece arredada, pelo tamanho que não dá para a adaptação — e pela falta de trono.

— *Que imagens serão entronizadas nos altares ou mísulas a fixar nas naves?*

— As do S. C. de Jesus, Santo António, N.ª S.ª do Rosário, N.ª S.ª do Terço, N.ª S.ª de Fátima e S. José.

Depõe o Professor Abel Cardoso

Em carta que dirigimos ao nosso velho Mestre e Amigo Prof. Abel Cardoso, lançamos a nossa consulta que obteve logo sua resposta:

— *Quantas vezes, na sua carreira artística, expôs os seus quadros?*

— Expus 34 vezes, contando exposições colectivas nacionais e individuais, no País e no Brasil, assim discriminadas: uma em Coimbra, colectiva; duas no Porto, individuais e uma colectiva; duas em Lisboa, individuais e 25 colectivas; uma no Rio de Janeiro, colectiva; uma em Lourenço Marques, colectiva e uma em Guimarães, individual.

— *Existem alguns dos seus trabalhos nos Museus Nacionais?*

— Existem trabalhos meus no Museu Nacional de Soares

dos Reis, no Porto; no Museu Nacional de Arte Contemporânea, em Lisboa; no Museu Municipal da Figueira da Foz; no Museu Malhoa, das Caldas da Rainha e na Secção de Arte Contemporânea da Sociedade Martins Sarmento.

— *Qual das várias escolas será a preferida para a formação estética do povo: a clássica ou a futurista?*

— Sobre a formação estética do Povo muito haveria que dizer. Porém, respondendo concretamente, com o desejo, ao teu inquérito, direi entender que a evolução da Arte deve, como em tudo, fazer-se naturalmente; mas baseada nas Escolas Clássicas. Só assim será educativa.

Quanto à missão do «Futurismo» na educação estética do Povo, o futuro o dirá...

A Penha ativa e bela!

Pedimos ao actual e ilustre Presidente da Junta de Turismo, que nos dissesse alguma coisa acerca do que tem sido feito e do que se projecta fazer na nossa bela Estância da Penha. Aquele nosso estimado conterrâneo, imediatamente se pôs à nossa disposição.

— *Perguntamos nos dissesse o que há quanto ao Campo de Jogos, ao que nos respondeu:*

— Já se encontra aprovado o projecto pelo S. N. I. pelo que se aguarda a comparticipação do Estado.

— *E quanto ao Posto do Turismo com Bar anexo?*

— Está elaborado o anteprojecto, que vai ser devidamente estudado.

— *Sobre o problema hoteleiro disse-nos também:*

— Foi pedida a construção de uma Pousada, aguardando-se por isso o seu deferimento.

— *Depois e relativamente ao problema dos transportes, esclareceu-nos:*

— É assunto dependente de Organismo próprio com regulação geral. A Junta de Turismo apenas poderia harmonizar o serviço de horários de acordo com o concessio-

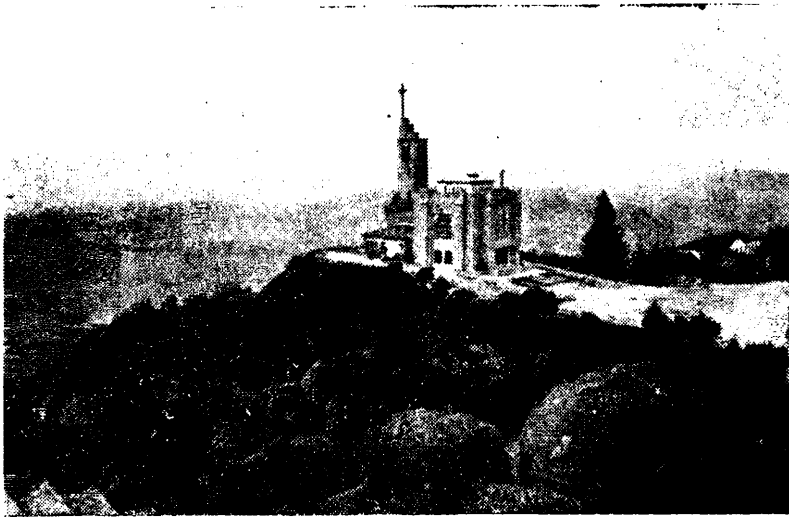
nificiou-se, além disso, todo o Parque da Estância com obras de embelezamento e a plantação de muitas árvores.

Vai iniciar-se em breve a construção de um Miradouro, junto do Hotel, na estrada que conduz à Costa. Para este melhoramento muito concorreu a família do saudoso vimaranense António José Pereira de Lima, grande amigo da Penha, a que prestou assinalados serviços — pelas facilidades concedidas, pois vai edificar-se numa parcela de terreno que pertence àquela ilustre família.

— *E prosseguiu o Dr. Carlos Saraiva:*

— Pensa-se ainda, de acordo com a Câmara, na compra de terrenos para os lados do Monumento a Pio IX, não só para alargamento da área já parquizada, como para futuros arranjos urbanísticos.

Ainda com auxílio da Câmara vai electrificar-se a Estância, pois a rede, conforme se encontra, além duma improvisação, apresenta-se em péssimo estado de conservação. Seja-me permitido destacar o carinho e a dedicação com que a Câmara nos tem ajudado, tendo a Penha, na pessoa do seu ilustre Presi-



Vista Geral da Penha

nário da carreira. Tudo se conjuga para que a Penha atinja o grau de desenvolvimento que todos nós ambicionamos. No ano findo, além da pavimentação de alguns arruamentos e da estrada do Hotel, foi feita uma ligação da estrada da Lapinha à de Belos Ares, mesmo em frente à Pensão da Montanha. Tem a vantagem de desviar o trânsito do interior do Parque. Be-

dente, Dr. Castro Ferreira, um Amigo dedicado.

Outro nome que merece referência é o do nosso Administrador-Delegado, Manuel Soares Moreira Guimarães, pessoa dotada de rara sensibilidade e gosto, sempre incansável para que a Penha ofereça aspecto de aseo e de formosura, bem destacado nas apreciações das pessoas que nos visitam.

O Professor Thomaz de Lima depõe no nosso Inquérito

Em breve encontro que o acaso nos proporcionou, numa das vindas a esta cidade do Professor-Compositor Eurico Thomaz de Lima, proporcionou-se ensejo de lhe fazermos as seguintes perguntas, a que prontamente respondeu:

— *Revela-se alguma cultura musical no meio vimaranense?*

— Guimarães — berço de notáveis artistas, poetas, escritores, estadistas, investigadores e artífices — possui uma alma vibrátil e sensível à Música e suas manifestações culturais.

O meio vimaranense, conta um elevado número de musicófilos entusiastas, que o ilustra e distingue, em contraste lisonjeiro, dum marasmo solenento pelas manifestações do Espírito, que se constata, em outras localidades do País, mesmo até, em algumas capitais de distrito...

— *Que pode tentar-se em seu benefício?*

— A organização de um Concurso-Festival, anual, para Bandas musicais, Orfeões e Conjuntos Folclóricos, inte-

grado nas «Gualterianas»; ou, independentemente destas, no início da Primavera, e, em que Guimarães fosse o palco e cenário maravilhosos.

Além de constituir mais um gritante cartaz turístico, o Festival atrairia não sòmente os forasteiros, como os ardorosos adeptos dos agrupamentos filarmónicos, corais e etnográficos concorrentes, de Sul a Norte de Portugal, para a briosa conquista do merecido prémio, do louvor e da consagração.

Outra sugestão: a reorganização de nova série, dos Concertos Culturais de saudosa memória, da «Sociedade Filarmónica Vimaranesense», exclusivamente para revelação dos Artistas Portugueses.

— *Acha que é de consentir-se o uso imoderado dos alto-falantes?*

— Nunca. Nos programas de expansão publicitária, nas sessões públicas, e, abusiva e escandalosamente, em certas romarias, o uso dos alto-falantes, deve ser controlado de maneira que os nervos não se crispem...:

A propósito das obras de S. Torcato

Também quisemos colher algumas impressões da Mesa da Irmandade de S. Torcato, a propósito das obras daquele centro de peregrinação, onde os devotos affluem, durante todo o ano, vindos muitos de terras bem distantes.

O actual e ilustre Juiz da Irmandade, Sr. Conselheiro Raul Alves da Cunha, pôs-se incircunferentemente à nossa disposição.

— *Perguntamos:*

— *As obras do Santuário, no seu ritmo actual, permitem que se lhe anteveja o seu termo?*

— As do transepto prevê-se que estejam prontas dentro de 5 ou 6 anos. As da conclusão do templo ainda poderão ter o seu termo na actual geração, se todos tiverem boa vontade de as ajudar.

— *Os lugares do Mosteiro Velho e Fonte do Santo estão dentro de algum Plano de Urbanização?*

— O lugar do Mosteiro Velho não está abrangido por nenhum plano de parquização, por estar fora da superinten-

dência da Irmandade, embora merecesse que a Ex.ª Câmara e as Autarquias locais por ele se interessassem, devido a ser o lugar mais histórico da freguesia pela existência dos monumentos aí situados entre os quais a capela com restos do estilo visigótico, considerada monumento nacional (e onde esteve o Santo até à trasladação de 1852), e a Casa do antigo Couto de S. Torcato, com respectivo brasão e que a meu ver deveria ser restaurada e servir de sede à Junta e Regedoria da Freguesia.

— *E depois:*

— Quanto à Capela da Fonte do Santo, a Mesa tem em pensamento adoptar o Plano de uma Mesa anterior que se propunha abrir uma avenida da estrada nacional para esse local que seria também alargado e arborizado, conforme planta que se encontra no arquivo da Irmandade e seria executada em melhor oportunidade.

Nesse local se edificaria também a Casa destinada ao Asilo dos Irmãos Pobres.

A nossa Misericórdia

Respondendo às consultas que lhe foram por nós feitas, o ilustre Provedor da Misericórdia, respondeu-nos do seguinte modo:

— *Além dos médicos hospitalares de clínica geral quais as especialidades facultadas aos doentes pela Misericórdia?*

— Além da clínica geral, os serviços clínicos hospitalares compreendem as seguintes especialidades:

Radiologia, Oftalmologia, Otorrinolaringologia, Cardiologia, Tisiologia, Urologia, Cirurgia plástica, Ortopedia, Dermatologia, Ortodôncia, Estomatologia, Psiquiatria.

— *Qual é ao presente a aparelhagem laboratorial posta ao serviço e tratamento dos doentes?*

— Funciona no Hospital o Laboratório de Análises Clí-

nicas, recentemente dotado com a devida aparelhagem.

Independentemente da aparelhagem laboratorial, outra existe para certos tratamentos com aplicação externa como: Ondas Curtas, Raios infra-vermelhos, Correntes galvânicas e farádicas, Raios ultra-violetas, Inalações.

— *Sendo o Concelho de Guimarães o mais populoso do distrito; usufrui, por esse facto, tratamento especial por parte da Direcção Geral de Assistência?*

— Embora por parte da Direcção Geral de Assistência não tenha havido tratamento especial para com esta Misericórdia, tem, todavia, prestado o seu concurso para a execução de alguns melhoramentos e, bem assim, para a resolução de alguns casos inerentes à responsabilidade administrativa da Instituição.

O nosso Rotary Clube

Rotary Clube de Guimarães conta já 10 anos de existência tendo presidido, sucessivamente, aos seus destinos os Srs. Dr. Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas, Dr. João Afonso de Almeida, Dr. João Alberto Mota Prego de Faria, Armindo Diniz Dias Corais, Dr. José da Conceição Gonçalves, Leandro Martins Ribeiro da Silva, Dr. Alvaro Ribeiro Marinho e Albano M. Coelho de Lima, seu actual presidente.

A sua acção tem sido digna de registo. Rotary Clube tem patrocinado diversas iniciativas e promovido conferências. O movimento Assistencial me-

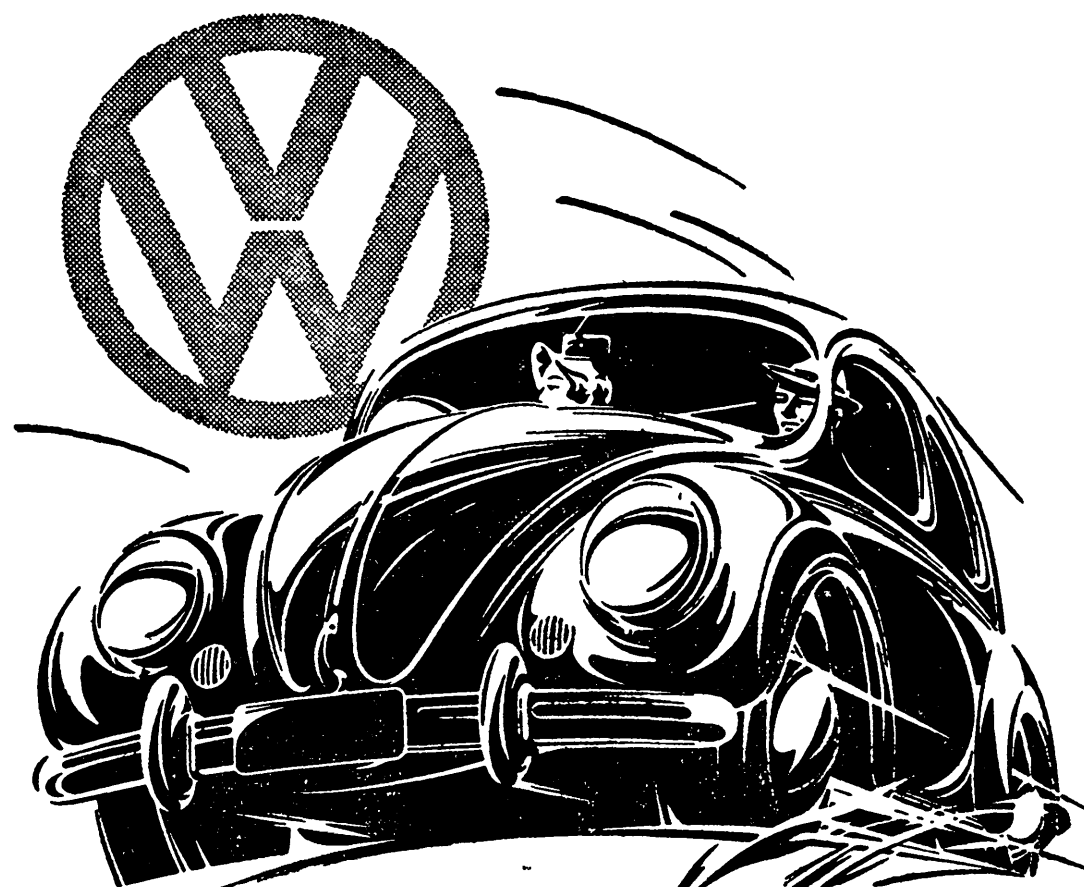
rece de igual modo uma referência, dado que tem sido desenvolvida uma acção deveras interessante.

Uma das últimas iniciativas refere-se à oferta que o clube resolveu fazer, de uma Casa ao Património dos Pobres, em homenagem à memória do grande Apóstolo Padre Américo, há meses falecido.

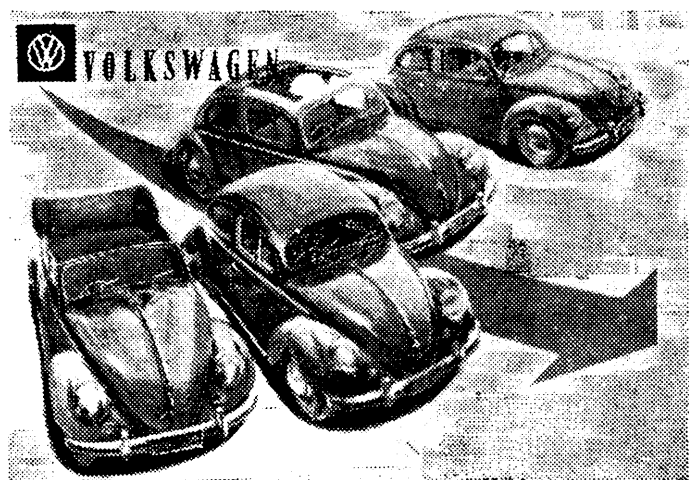
Os rotários vimaranenses, sempre norteados pelo lema: Bem Servir, caminham com entusiasmo e com fé — dissessem o seu presidente, rotário desde a primeira hora, lutando para que a amizade e a paz reinem entre os homens do mundo inteiro.



Aspecto da visita que o Cônsul Geral de S. M. Britânica fez ao nosso jornal em Abril de 1951



Único... e milhões de vezes consagrado



AGENTE NO DISTRITO DE BRAGA

J. Mendes Ribeiro Júnior

RUA PAIO GALVÃO
GUIMARÃES

AV. MARECHAL GOMES DA COSTA
BRAGA

Produção VW

1945	1 785 vw
1946	10 020 vw
1947	8 987 vw
1948	19 244 vw
1949	46 154 vw
1950	90 038 vw
1951	105 712 vw
1952	136 013 vw
1953	179 740 vw
1954	242 673 vw
1955	330 120 vw
1956	395 211 vw
	1 565 697 vw

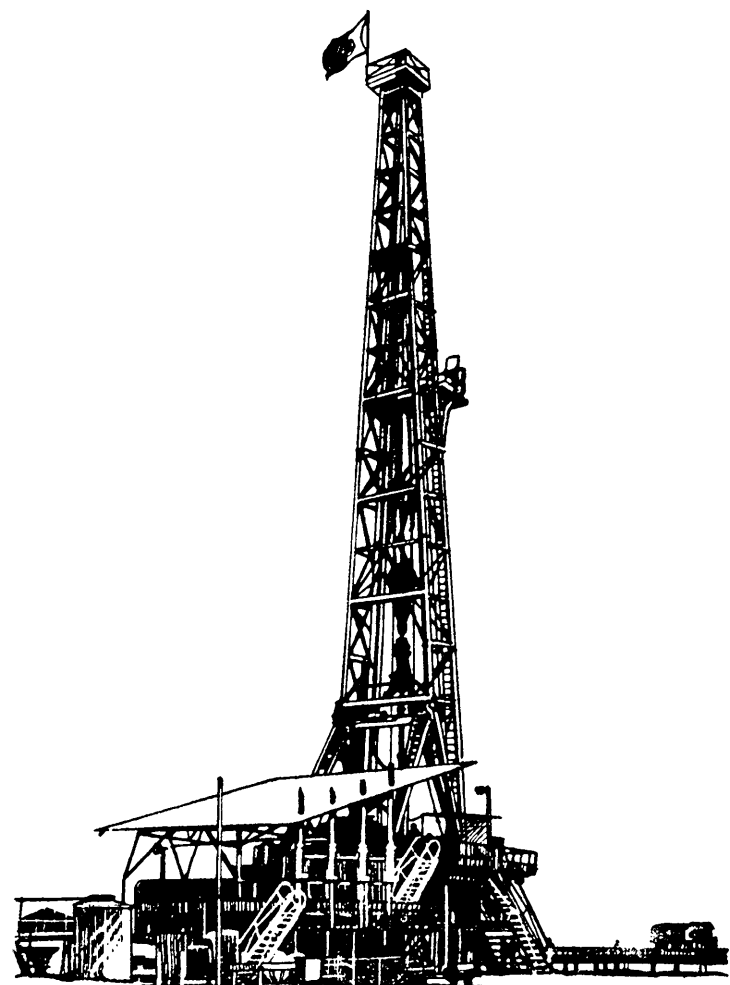
Produção VW

1948	4 464 v w
1949	7 128 vw
1950	29 387 v w
1951	35 742 vw
1952	46 884 v w
1953	68 757 vw
1954	108 922 vw
1955	177 591 vw
1956	218 540 vw
	697 415 vw

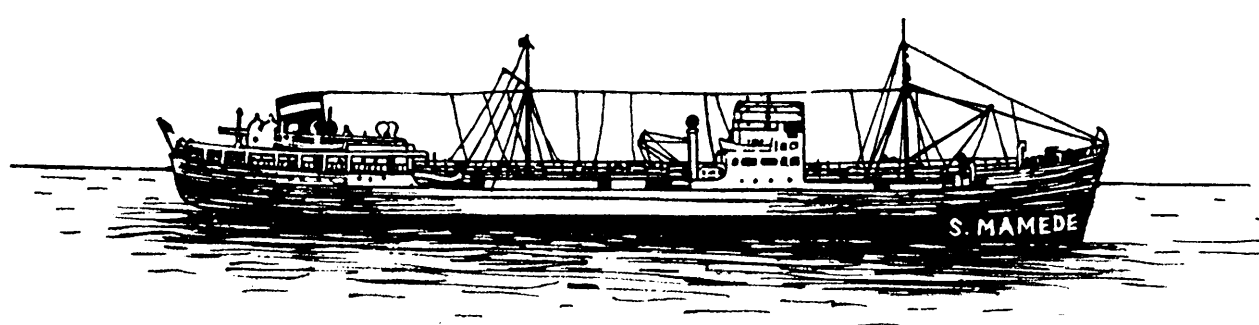
Exportação para Portugal

1950	376 vw
1951	779 vw
1952	1 121 vw
1953	1 358 vw
1954	1 777 vw
1955	2 236 vw
1956	2 438 vw
	10 085 vw

3 Empresas Nacionais ao Serviço do País

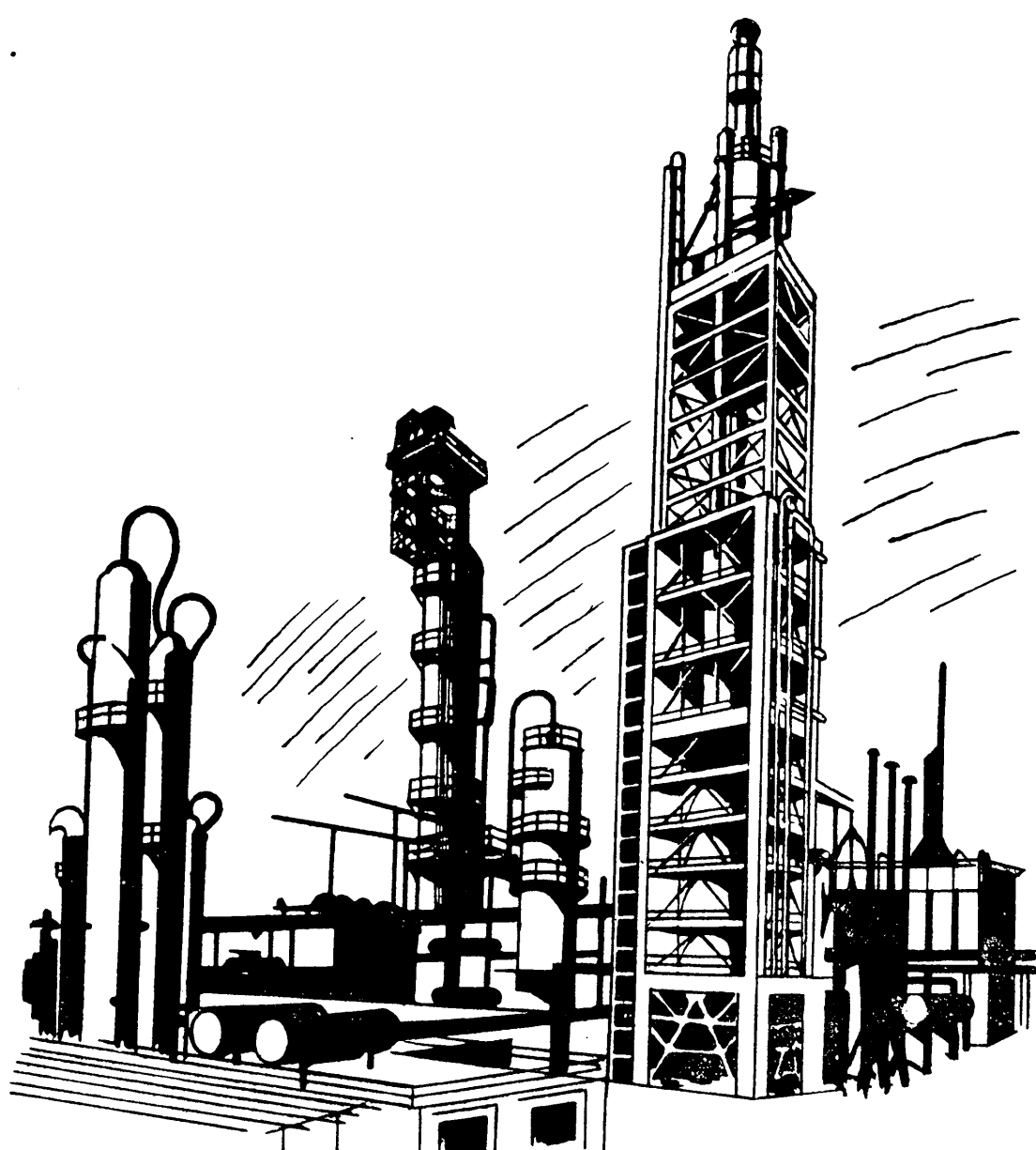


**Chegou o primeiro petróleo
de Angola, extraído
dos Poços da «Purquina»
e
transportado num navio
tanque da frota «Soponata»**



**Para ser
refinado nas
Instalações
da**

SACOR



"CARI"

OBRAS PÚBLICAS + EDIFICAÇÕES GERAIS

PEVIDÉM GUIMARÃES

SEDE	TELEFONES	DELEGAÇÃO
4609		40299

CASA DOS LINHOS

DE

Teixeira de Abreu & C.^a, Limitada

TELEGRAMAS TEIXEIRABREU

TELEFONE 4109

GUIMARÃES

Linhos

Atoalhados

Panos de Algodão

Lenços de Linho e de Algodão

Colchas de Seda e de Algodão

Cobertores de Algodão e de Lã

Enxovais—Bordados Regionais

João Ferreira das Neves & Filhos, L.^{da}

LARGO DO TOURAL, 78 a 82 GUIMARÃES Telefone, 4156

FILIAIS:

Porto — Telef. 20881; Famalicão — Telef. 140; Póvoa (Cham.) 191;
Pevidém 4556; Riba d'Ave — Telef. 87; Felgueiras — Telef. 125

PROPRIETÁRIO DE CARREIRAS DE **AUTO-CARS** ENTRE:

GUIMARÃES-PORTO — GUIMARÃES-PÓVOA DE VARZIM
GUIMARÃES (EST.)-PEVIDÉM — GUIMARÃES (EST.)-FEL-
GUEIRAS — PEVIDÉM-RIBA D'AVE — RIBA D'AVE-LOR-
DELO (ESTAÇÃO) com ligação às carreiras acima.
GUIMARÃES (EST.) — GUIMARÃES (EST.) em Circulação
por CALDAS DAS TAIPAS E CAMPELOS

MERCADORIAS ENTRE

GONDAR - GUIMARÃES (EST.) — CANIÇOS (EST.) — PEVIDÉM - GUIMARÃES

ALUGUER DE LUXUOSOS AUTO-CARS PARA EXCURSÕES

ALUGUER DE CAMIONETAS DE CARGA

CAMIONETAS NOVAS TIPO 1957

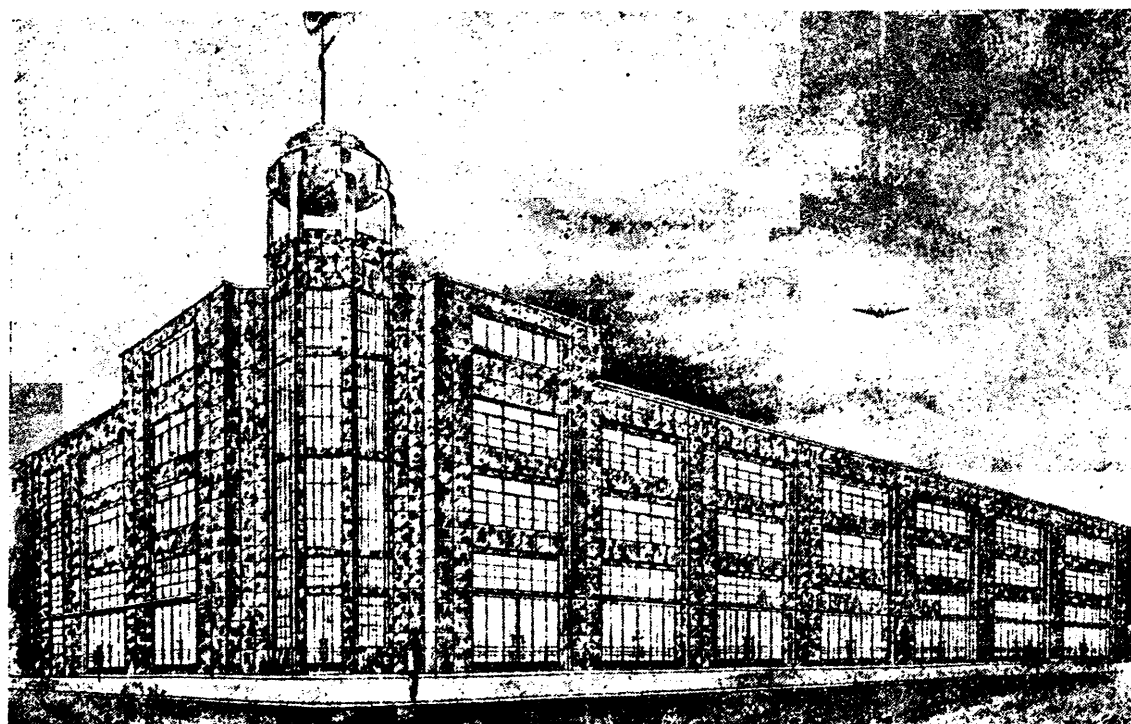
FÁBRICAS E ARMAZÉNS DE TECIDOS DE ALGODÃO, LÃ E SEDA

FÁBRICA DE SERRAÇÃO E MÓVEIS

DE

Alberto Pimenta Machado & Filhos

Guimarães — Portugal



(CASA FUNDADA NO ANO DE 1919)

EXPORTADORES PARA AS COLÓNIAS PORTUGUESAS E PARA O ESTRANGEIRO

TELEFONES:

Armazém de Tecidos de Algodão, Escritórios e Fábrica de Serração e Móveis: P. B. X. 4111/12/13

Fábrica de Tecidos de Vila Pouca: 4424

Estabelecimento de venda ao Público: 4478

Particulares: Em Guimarães 40396 e 4405, S. Torcato, 4472

Telegramas: Alpimenta

ESTAÇÃO DE SERVIÇO
ESPECIALIZADA
RECOMENDADA PELO
A. C. P.

Transportes

ACESSÓRIOS — PNEUS
GASOLINA — ÓLEOS
RECOLHAS

EMPRESA AUTO-RECOVEIRA VIMARANENSE

DE

Abel Machado Faria & C.ª, L.ª

GUIMARÃES

Av. Conde de Margaride

Telefone, 4417

PORTO

Rua Duque de Saldanha, 216

Telefone, 51900

SANTO TIRSO

Garagem Machado

Telefone, 12

LISBOA

Agente -A TRANSPORTADORA LUSITÂNIA, Ltd.ª

28-C, Casal de Santa Luzia (À Estefânia)

Telefones, 49174-44722

Fábrica de Tecidos Moreirense, L.ª

MOREIRA DE CÓNEGOS

Tecidos de Algodão, sedas e fantasias

Tecidos próprios para as províncias ultramarinas

e de exportação para o estrangeiro

Fábrica de Fiação e Tecidos de Linho e Algodão

◀ Especialidade em Panos para Lençóis ▶

Albano Coelho de Lima & Filhos, Limitada

●
Telefones, 40141-42

P E V I D É M

Bernardino Jordão, Filhos & C.^a, L.^{da}

LUZ — FORÇA — RÁDIO
Largo 28 de Maio

«JORDÃO»
Rua de Santo António

GUIMARÃES

AGENTE EXCLUSIVO DAS
MELHORES MARCAS DE
APARELHAGEM ELÉCTRICA

Frigoríficos FRIGIDAIRE — Fogões KUPPERSBUSCH e LEO — Máquinas de barbear BELCUT e LORDSON — Receptores e televisores NORDMENDE e LOEWE-OPTA — Aspiradores e enceradores ERRES — Máquinas de lavar, balcões frigoríficos, absorvedores de humidade, arrefecedores de garrafas FRIGIDAIRE — Gira-discos DUAL — As melhores marcas de discos — Lustres e candeeiros — Ferros de engomar normais e automáticos — Máquinas de café — Panelas de pressão, etc., etc., etc. —

IRIS RESTAURANTE ESTAÇÃO DE SERVIÇO

FAMALICÃO

Telefone, 20

Especialidades Regionais da casa: Toucinho do Céu, Tortas e Pastéis da Penha

A BENAMOR
FILIAL

CONFEITARIA

TELEFONE, 4105

PASTELARIA

Largo do Toural, 13 — GUIMARÃES

Espumantes Naturais, Vinhos do Porto, Vinhos de Mesa e Brandies
COMPLETO SORTIDO EM DOCES

Fábrica de Pentes do Ribeirinho, L.^{da}

GUIMARÃES

Telefone, 4137 • Telegramas Ribeirinho • Apartado, 7



Pentes — Adornos para o cabelo
Artigos de novidade em plástico

Bernardo Barreira

ORNAMENTISTA

Os seus trabalhos exibem-se anualmente nas principais
festas e romarias do País

DECORAÇÕES E ILUMINAÇÕES DE EFEITO SURPREENDENTE

GUIMARÃES

ROBBIALAC

PARA COR, QUALIDADE E BELEZA DURADOURA



UM DOS MODERNOS PRÉDIOS DE QUE GUIMARÃES
SE ORGULHA, construído pela **CARI** E PINTADO
EXCLUSIVAMENTE com TINTAS **ROBBIALAC**

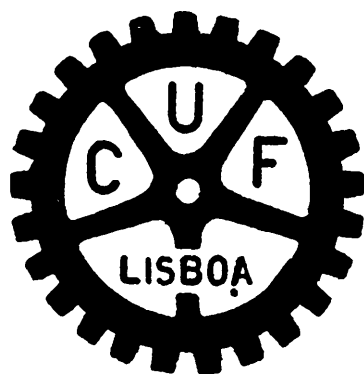
AGENTES

JOÃO GARCIA & C.^A, L.^{DA}

DROGAS — PRODUTOS QUÍMICOS — TINTAS E VIDROS

Largo do TOURAL

GUIMARÃES

C. U. F.**O maior agrupamento industrial da península***Fabricas:***BARREIRO, Alferrarede, Canas de Senhorim, Lisboa, Mirandela, Porto, Soure e Vila Nova de Gaia**

**Adubos, Enxofres, Sulfato de cobre, Insecticidas
Tourteaux para alimentação de gados**

Produtos químicos — Sabões, Velas de iluminação, Ácidos sulfúrico e muriático, Amónia, Glicerinas, Oleína, Óleos Industriais, Sulfatos de ferro e de sódio.

AZEITES — ÓLEO DE MENDOBI — NIVEINA

Fundição de aço, ferro e outros metais — Construções metálicas, mecânica geral e especializada — Engrenagens cônicas e cilíndricas de dente direito e helicoidal, de perfil normal e tipo Maag

Construção Naval — (Arrendatária do Estaleiro Naval da AGPL)

Metalurgia do Ouro e da Prata — Refinação electrolítica

Tecidos — Fios e tecidos de juta — Panos de azeitona — Sacos para adubos, farinha, cereais, ostras, sal e todos os fins — Fios, cordeis, cordas e cabos — Tapetes, carpetes, passadeiras, capachos de lã e de cairo — Lonas de algodão para indústria, toldos encerados, velas, etc.

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

Rua do Comércio, 48
LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 84
PORTO

A CONSTRUCTORA

O ESTABELECIMENTO MAIOR E MELHOR SORTIDO
EM CANDEEIROS E ARTIGOS DE ILUMINAÇÃO

BANHEIRAS, LOUÇAS SANITÁRIAS
AZULEJOS E MOSAICOS



232, Rua Sá da Bandeira — Telefone 24518

PORTO*Fábrica de Malhas «FRIOLAX»*

— DE —

FREITAS & FILHOS, L.^{DA}

MALHAS INTERIORES E EXTERIORES
EM LÃ, SEDA E ALGODÃO

Telefone 4534

GUIMARÃES**CASA DOS ENXOVAIS**

TELEFONE 4462

TELEGRAMAS: ENXOVAIS

ABREU LOPES & C.^A, L.^{DA}

Panos de linho, Panos de algodão, Sarjas, Bretanhas, Atoalhados para mesa, Toalhetes lisos, Toalhetes turcos, Lençóis turcos para banho, Pano turco a metro, Panos para cozinha, Colchas de seda e de algodão, Cobertores de lã e de algodão e um lindo e variado : : : : sortido de Bordados de Guimarães : : : :

GUIMARÃES**Empresa Industrial das Hortas, L.^{da}****FÁBRICA DE TECIDOS**

ATOALHADOS, RISCADOS, PANOS LENÇOL, TURCOS, ETC.
ARTIGOS PARA O CONTINENTE E ÁFRICA

Telefone 4284 — **GUIMARÃES**

AGENTES

EM LISBOA:

José Joaquim Leocádio
R. Enf.^{as} G. Guerra, 14-2.º, D.º

NO PORTO:

Carlos Aguiar
R. Santa Catarina, 108-3.º

EM MOÇAMBIQUE:

Representações Moçambicanas, L.^{da}
Prédio Fonte Azul, 1.º, n.º 33 — Caixa Postal n.º 1349
LOURENÇO MARQUES

MAIA DE CASTRO, apresenta a V. Ex.^{as} no seu **Stand de Vendas**

à Rua de St.º António — GUIMARÃES as marcas que representa:

Ciclomotor «Cinal-Pachancho»

ISENTAS DE CARTA

Português de ponta a ponta, que honra a indústria nacional com os seus 5 modelos:

«Estrela» 4.800\$; «Atlas» 5.450\$; «Australiano» 5.600\$; «Evereste» 5.900\$; «Himalaia» 6.000\$;

e ainda o seu «Micromotor» para todos os tipos, em separado, por 2.800\$.

A motorizada «Cinal-Pachancho» impõe-se pela sua comodidade, elegância, resistência e economia. Diversas cores, tipos e a preços ao alcance de todos, com facilidades de pagamento.

A «Cinal-Pachancho» distingue-se e dá personalidade ao seu possuidor.

Em todas as provas a que tem concorrido, «Cinal-Pachancho» consegue ser a primeira. Vejamos:

No «2.º Circuito de Alvalade», em 15-10-56, classificou-se em 1.º, 2.º, 3.º e 5.º lugares; no «Circuito de Monsanto», em 30-10-56, obteve os 1.º, 2.º, 4.º e 5.º lugares.

«Cinal-Pachancho»

o Ciclo-motor que mais venda tem porque é o melhor.

O COMPRADOR DUMA «CINAL-PACHANCHO» TORNA-SE UM AMIGO.

Representante nos concelhos de Guimarães, Póvoa de Lanhoso, Fafe e St.º Tirso

«Diana 200 c. c.»

(Dur Kopp)

A maravilha da técnica alemã!
A SCOOTER DE MAIOR VENDA EM PORTUGAL!

A que mais anda, a mais elegante, segura e resistente!
Económica e cómoda!

Grandes facilidades de pagamento.

REPRESENTANTE NA ZONA NORTE

«Austin»

Automóveis, Fourgonetes e Camiões a gasolina e gasoil.
«AUSTIN», a acreditada marca que conquistou o mundo inteiro!

Automóveis desde 800 c. c. até 2.660 c. c.

«B. M. W.»

A sumptuosa marca alemã de categoria internacional!
Deslumbra os olhos e domina as estradas.

Motos, Isetas, Automóveis familiar e sport

Camião «MAN», o melhor no mundo inteiro.

Automóveis, Fourgonetes e Camions usados, proveniente de trocas, convenientemente reparados.

Peça demonstrações a MAIA DE CASTRO — Stand de Vendas
Rua de St.º António — (Em frente do edifício dos Correios)

FÁBRICA DE TECIDOS DA CRUZ DE PEDRA LIMITADA

TELEFONE 4157 GUIMARÃES

Sedas e Atalhados

AGENTES

EM LISBOA

RAUL FRAZÃO, LDA.

Rua dos Fanqueiros, 207-1.º-Dt.º

TELEFONE 29114

NO PORTO

SILVA JÚNIOR

Rua do Almada, 322-1.º-Dt.º

TELEFONE 22906

EMPRESA AUTO-GUIMARÃES

— João Carlos Soares —

AVENIDA CONDE DE MARGARIDE

TELEFONE 4458

GUIMARÃES

LUXUOSOS AUTOCARROS PARA EXCURSÕES
CAMIONETAS DE CARGA DE ALUGUER

Garagem de Recolhas — Estação de Serviço — Lavagens — Lubrificações — Cargas de Baterias — Gasolina — Óleos — Pneus

OFICINA DE REPARAÇÕES

Carreiras de passageiros entre

GUIMARÃES { BRAGA
FAFE
PÓVOA DE VARZIM
FAMALICÃO

AS CARREIRAS PARA FAMALICÃO TÊM SERVIÇO COMBINADO COM A C. P. DANDO LIGAÇÕES PARA VIANA DO CASTELO, PÓVOA DE VARZIM, PORTO.

A. GOUVEIA

AGENTE OFICIAL DA

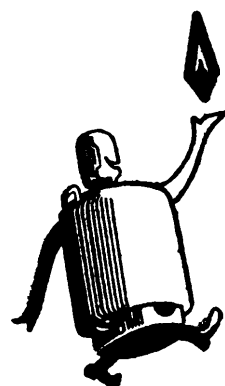
PHILIPS PORTUGUESA S. A. R. L.

Apresenta a todos os seus Amigos e Clientes os votos sinceros de um **NOVO ANO** muito feliz — — — — —

AV. CONDE MARGARIDE

GUIMARÃES

RUA PAIO GALVÃO

S T A N D**GAZCIDLA**

Fogões, Esquentadores, Caloríferos, etc.

POSTOS DE DISTRIBUIÇÃO DE GAZCIDLA:

PEVIDÉM — Horácio M. da Costa Guimarães
 CAMPELOS — Alvaro Lemos
 VIZELA — Clementino da Silva Andrade
 MOREIRA DE CÓNEGOS — Abílio de M. Barbosa Matos

**ESTAÇÃO DE SERVIÇO SACOR**

Gasolina
 Gasóleo
 Óleos
 Lavagens
 Lubrificações, etc.

STAND DE AUTOMÓVEIS NSU/FIAT***Teixeira & Freitas, Limitada***

Largo Navarros de Andrade — Telefone 4547 — GUIMARÃES

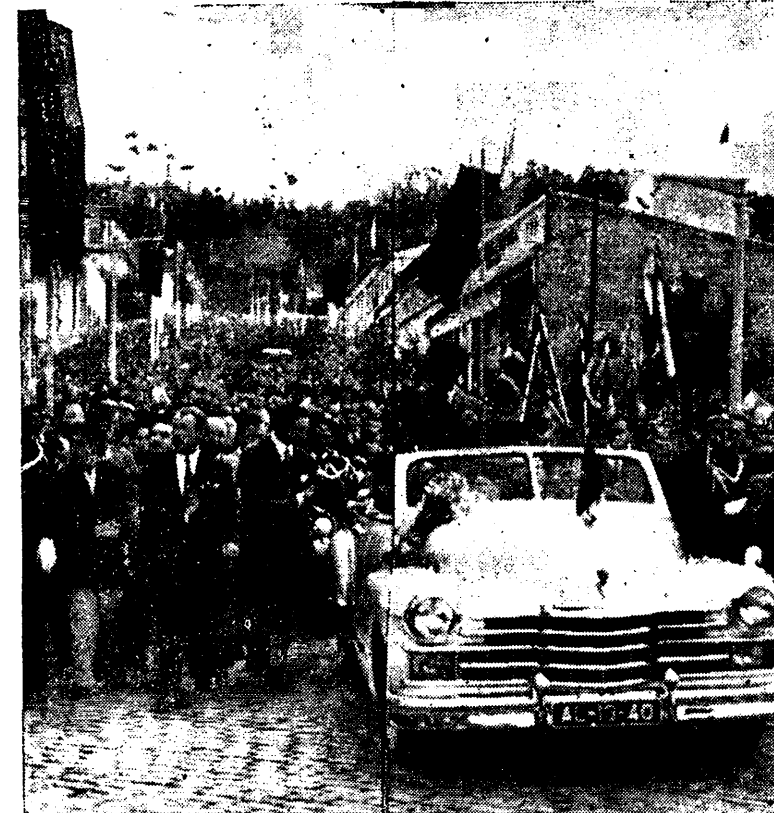
DOCUMENTÁRIO GRÁFICO DOS ÚLTIMOS VINTE E CINCO ANOS



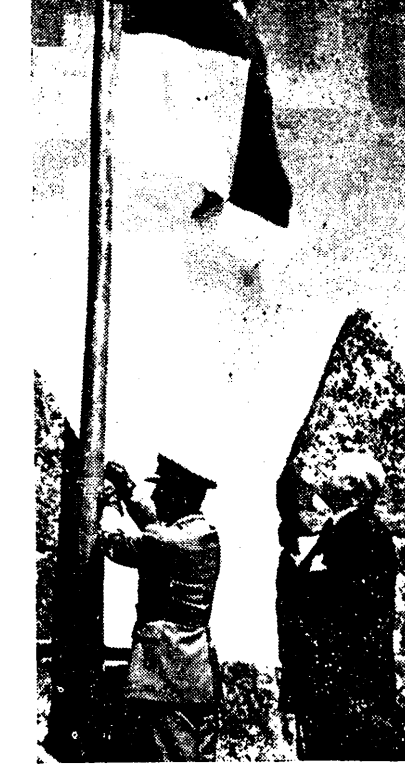
Um aspecto da Rua da Rainha, vendo-se indicado pela seta o edifício da Redacção e Administração do nosso Jornal
(Desenho de António de Sousa Lima).



A visita do Presidente Café Filho, do Brasil, a Guimarães



Em 1953 quando Guimarães festejou o seu milenário e o 1.º centenário da elevação da antiga Vila à categoria de cidade, Sua Ex.ª o Senhor Presidente da República, General Craveiro Lopes, visitou oficialmente a Cidade e foi recebido com as maiores manifestações de apreço



No decorrer das festas o Presidente da República subiu ao Castelo e aí hasteou a bandeira da fundação. Aqui vemos o Senhor General Craveiro Lopes junto do Presidente da Câmara, Dr. Augusto Ferreira da Cunha



Quando fez a sua visita oficial ao nosso País, o Generalíssimo Franco veio a Guimarães acompanhado pelo Chefe do Governo Português. Aqui vemos os dois estadistas próximo do Castelo da Fundação.



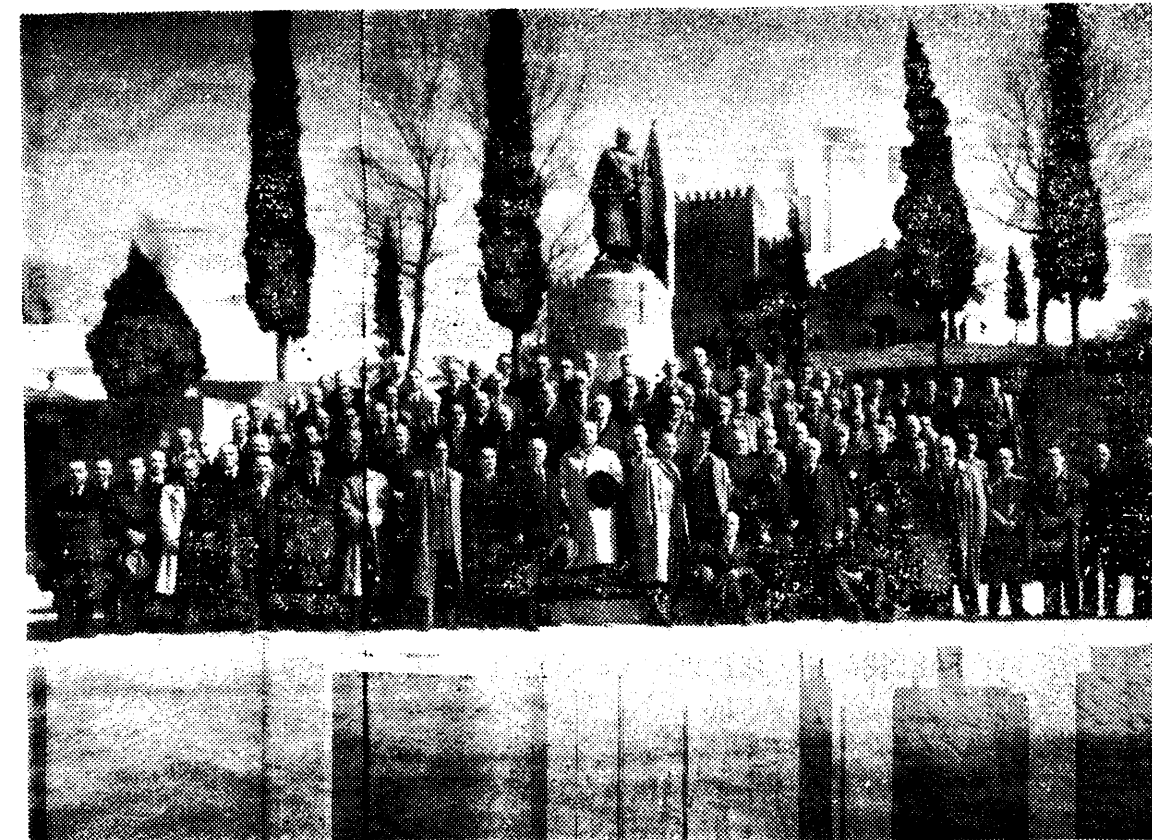
A recente visita do Ministro das Corporações a Guimarães



Há anos os rotários portugueses prestaram homenagem ao Rei Fundador. Aqui vemos o Governador do Distrito colocando flores no monumento



Um aspecto das comemorações nacionais de 1940, junto do Castelo de Guimarães



Antigos Oficiais e Soldados do Regimento de Infantaria 20 Junto do Monumento de D. Afonso Henriques



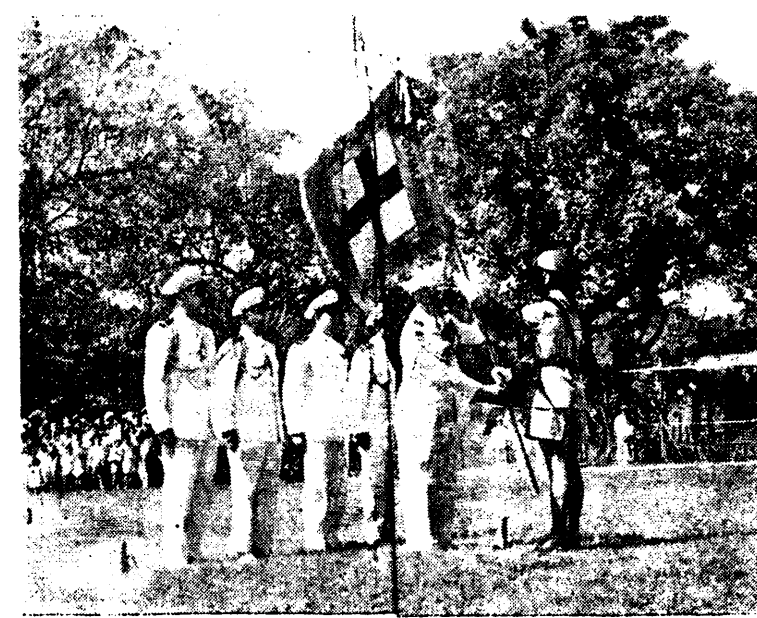
A formosa bandeira que a Cidade de Guimarães ofereceu às tropas e ao povo da Índia Portuguesa



Em Maio de 1938 os Presidentes da República e do Conselho, General Óscar Fragoso Carmona e Prof. Doutor Oliveira Salazar visitaram Guimarães e foram muito aclamados pelo povo



Um aspecto do Congresso Eucarístico regional de 1962



A chegada à Índia da andeira de Guimarães



Após a cerimónia da bandeira de N. S. da Oliveira para a Índia, as autoridades saíam do templo

TOURAL

H O T E L
C A F É

RESTAURANTE
BILHARES

Gerência de *Francisco Ribeiro Pinto*

TELEFONE 4125

Hotel da Penha

DE ONDE SE VISLUMBRA UM SURPREENDENTE PANORAMA

ABERTO TODO O ANO

EXCELENTE TRATAMENTO

Encarrega-se de serviços para banquetes,
casamentos, etc.

Gerente: *José de Oliveira Martins*

TELEFONE N.º 4245

Empreza Industrial Sampedro, L.^{da}

FÁBRICA DE TECIDOS DE LINHO E DE ALGODÃO

LORDELO

GUMARÃES

ESCRITÓRIO NO PORTO

Rua dos Clérigos, 44-1.º — Telefone 23441